



Ministério da Saúde

**FIOCRUZ**  
**Fundação Oswaldo Cruz**

FIOCRUZ ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA  
BIBLIOTECA DA ENSP  
Rua Leopoldo Bulhões, 1460  
Manguinhos RJ  
CEP: 21041-210



ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA  
SERGIO AROUCA  
ENSP

“AVALIAÇÃO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE DO TRABALHADOR E  
ECOLOGIA HUMANA A DISTÂNCIA: *A IMPORTÂNCIA DA ESCUTA DOS EGRESSOS PARA O  
APRIMORAMENTO DO PROCESSO FORMATIVO EM SAÚDE DO TRABALHADOR*”

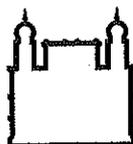
*por*

***Maria Blandina Marques dos Santos***

*Dissertação apresentada com vistas à obtenção do título de Mestre  
Modalidade Profissional em Saúde Pública e Meio Ambiente.*

*Orientador principal: Prof. Dr. Frederico Peres da Costa  
Segundo orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elizabeth Costa Dias*

*Rio de Janeiro, dezembro de 2009.*



Ministério da Saúde

**FIOCRUZ**  
**Fundação Oswaldo Cruz**

FIOCRUZ ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA  
BIBLIOTECA DA ENSP  
Rua Leopoldo Bulhões, 1480  
Manguinhos RJ  
CEP 21041-910



ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA  
SERGIO AROUCA  
ENSP

*Esta dissertação, intitulada*

“AVALIAÇÃO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE DO TRABALHADOR E ECOLOGIA HUMANA A DISTÂNCIA: *A IMPORTÂNCIA DA ESCUTA DOS EGRESSOS PARA O APRIMORAMENTO DO PROCESSO FORMATIVO EM SAÚDE DO TRABALHADOR*”

*apresentada por*

***Maria Blandina Marques dos Santos***

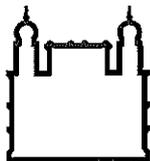
*foi avaliada pela Banca Examinadora composta pelos seguintes membros:*

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vanda D’Acri Soares

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rita de Cássia Oliveira da Costa Mattos

Prof. Dr. Frederico Peres da Costa – Orientador principal

*Dissertação defendida e aprovada em 01 de dezembro de 2009.*



Ministério da Saúde

**FIOCRUZ**  
**Fundação Oswaldo Cruz**



ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA  
SERGIO AROUCA  
ENSP

## AUTORIZAÇÃO

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, por processos fotocopiadores.

Rio de Janeiro, 01 de dezembro de 2009.

Maria Blandina Marques dos Santos

**Maria Blandina Marques dos Santos**

CG/Fa

Catálogo na fonte  
Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica  
Biblioteca de Saúde Pública

S237 Santos, Maria Blandina Marques dos  
Avaliação do Curso de Especialização em Saúde do Trabalhador e  
Ecologia Humana a Distância: a importância da escuta dos egressos  
para o aprimoramento do processo formativo em saúde do trabalhador.  
/ Maria Blandina Marques dos Santos. Rio de Janeiro: s.n., 2009.  
xiv, 119 f., graf.

Orientadora: Peres, Frederico  
Dias, Elizabeth Costa  
Dissertação (Mestrado) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio  
Arouca, Rio de Janeiro, 2009

1. Saúde do Trabalhador. 2. Educação a Distância. 3. Educação em  
Saúde. 4. Prática Profissional. 5. Cursos. 6. Avaliação. I. Título.

CDD - 22.ed. – 363.11

FIOCRUZ / ICICT  
BIBLIOTECA DE SAÚDE PÚBLICA  
REG Nº 394 Nº 05/07/2010

e-2

## Agradecimentos

Agradeço a Deus por ter-me acolhido todas as vezes que a Ele recorri (e não foram poucas) a quem busquei força, humildade e sabedoria. Agradeço aos meus orientadores professores Frederico Peres e Elizabeth Costa Dias pela paciência, tolerância e orientação e mais: pelo estímulo e por não terem permitido que eu deixasse de levar a cabo o que hoje concretizo, a estas pessoas especiais agradeço a realização deste trabalho e a minha grande admiração intelectual e profissional por vocês.

Agradeço a uma mulher, para mim, muito especial e grande guerreira. Nela procurei e procuro mirar-me sempre - nos seus ensinamentos e nos valores que me transmitiu, nos quais tenho tentado escrever minha história e orientar a minha vida. **MULHER** camponesa, operária que, por motivos da vida teve que abandonar os estudos ainda criança. Aos setenta e nove anos voltou a estudar e com muito orgulho me ofereceu, o que para mim é muito caro, seu diploma de conclusão do primeiro grau.

No caminho que trilhei para construção deste trabalho, muitas vezes entrei em atalhos que insistiam em afastar-me deste construto, mas, nesse caminho pessoas como meus orientadores a quem já me referi, sem saber e sem querer me levaram tantas vezes a voltar-me para aquela **MULHER**. Então, eu me perguntava como parar? Acaso ela iria querer isso? Não, certamente que não, então prossegui. Falo de uma mulher que já partiu seu nome? Gabrielina de Sousa Marques- minha **MÃE**. Obrigada mãe pela força, te amo muito e quantas saudades, onde quer que esteja sei que está feliz por mim.

A Denise Perez dos Santos, mais do que amiga, irmã que mesmo distante sempre me apoiou com palavras de carinho e estímulo, dedicando horas de seu tempo para me dar força. Muito obrigada.

À Valquíria Camargo que com seu jeito sério, meigo e **profissional**, foi muitas vezes o meu "esteio", o meu "chão", que por várias vezes senti perder. Obrigada por ter contribuído para que eu saísse de tantas encruzilhadas que teimavam impor-se no meu caminho e ter tido o discernimento de escolher a ramificação desse caminho que me levou a esta construção.

Aos companheiros/as da turma, todos/as tão especiais- Antonio Sergio, Aramis, Elvio, Roque, sempre tão solidários e amigos, Soraya - mulher

guerreira, Camila (gauchinha) pequena grande mulher, Nayara com seu sotaque lindo e inesquecível, Thais centrada, solidária, Zuleide (grande Zu) quantas gargalhadas proporcionou a todos/as nós com sua espontaneidade, mas também com muitas inquietações, comuns a toda a turma, Meire com seu jeito tranqüilo, Renatinha que Deus ilumine sempre Mariana (que resignificou sua vida). Foi muito bom ter tido o privilégio de trilhar com pessoas tão especiais, com experiências tão singulares todo este caminho que criticamente construímos.

À Katia Reis, à Marta Pereira e Elza Andrade, amigas, companheiras de tantos anos e de sonhos (utopias) de um mundo diferente, onde não coubessem desigualdades, mas igualdade e liberdade; à Vanda D'Acri amiga, solidária, que tantas vezes me apoiou, transmitindo-me tranqüilidade e força para seguir em frente, à Luana de Oliveira Rodrigues por sua luta e compromisso social, junto aos trabalhadores e por todas as vezes que precisei obrigada, à Mariza Almeida, companheira de sala, que em momentos difíceis, lá estava para me apoiar, ao Augusto por todas as vezes que precisei pude contar com seu apoio.

À Jussara Brito, Milton Atayde, Edil Ferreira, Mary Yale, Bernadete Nunes, Elder Muniz, Márcia Agostini, Beth Barros, repetindo aqui Vanda e Kátia- grupo com quem tanto aprendi e com quem dei os primeiros passos na pesquisa e na academia. É muito bom trabalhar com vocês e tê-las/os como amigas/os.

À Cristina Guilam e Regina Neves pelo carinho amizade e apoio sempre tão importante para mim, à Maria Helena Oliveira, Fadel Vasconcellos, Ana Braga, Luiz Claudio Meireles, Willian Waissmann, Mariza Moura, amigos sempre presentes na minha vida; à Carmem Marinho como gostaria que pudesse compartilhar comigo o que agora sinto, a você, obrigada pelas tantas e tantas vezes, que criticamente me dizia - todas as barreiras são passíveis de derrubar, até o "inglês".

À Rita Mattos pelo apoio e aprendizado nestes últimos anos, ao Marco Menezes, Paula Sarcinelli, Cristina Strausz, Helena Garbin, Simone Oliveira, pelo carinho e pelo apoio, como orientadores de alunos (EAD) da turma de Cruzeiro/SP, ao Paulinho Gutierrez pelo aprendizado no caminhar da construção da EAD, ao Hermano de Castro e Cyro Haddad pela força.

Gostaria de falar sobre a experiência singular que tive com cada uma de vocês, mas como são muitas, trago aqui quatro que representam as demais: Ana Paula Carvalho, Claudia Monteiro, Ray Damasceno (Roraima) e Renata Marzzano (Cruzeiro/SP) obrigada pelos momentos de compartilhamento de trabalho, de saberes e pela construção deste curso de EAD, ao Carlos Vaz pelo carinho e amizade de sempre. Obrigada e sucesso nesse novo desafio frente à Saúde do Trabalhador.

Aos alunos do curso de Especialização em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana na modalidade a Distância que, sem eles, este trabalho não teria sido possível. Agradeço em especial às turmas de Cruzeiro/SP e Roraima, com quem tive o privilégio de conviver, compartilhar desafios e aprender com suas experiências.

À Márcia Carvalho pela paciência, apoio e carinho na construção deste trabalho, em especial na elaboração dos bancos de dados, nos gráficos e dados estatísticos, à equipe da EAD da ENSP/FIOCRUZ pelo apoio na realização deste trabalho.

Pelo aprendizado agradeço à coordenação do curso de mestrado e a todos os professores pelo privilégio de tê-los como (professores) e terem conosco compartilhado seus saberes, tanto pela riqueza dos temas trabalhados em sala de aula, quanto pela abordagem inter e transdisciplinar tão necessárias à nossa formação.

Por fim o meu carinho a Jacira Cancio, mulher muito especial, determinada, exigente, comprometida, obrigada por tudo que compartilhamos neste caminhar da construção da Educação a Distância em Saúde do Trabalhador.

*Ao meu marido e companheiro Roberto pelo carinho, paciência, apoio e incentivo, obrigada pela força e por não deixar que eu desistisse.*

*Aos meus filhos Marcela Mab e Raphael por terem permitido novo ressignificado à minha vida. Obrigada por terem vindo para mim, há exatamente 20 e 19 anos respectivamente, e iluminado o meu caminho desde que vos senti ainda imperceptíveis para os outros, mas visíveis para mim desde vossa primeira morada no interior do meu corpo. Amo-vos intensamente.*

***“Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer (...). A educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tão pouco a sociedade se transforma”***  
(Paulo Freire)

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo conhecer o perfil e a avaliação dos alunos do Curso de Especialização em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana a Distância, formados entre 2008 e 2009. Para tanto, analisa as opiniões e percepções de um grupo de egressos sobre conteúdos, metodologias, material didático, momentos presenciais, ferramentas da educação a distância, tutoria e o processo de produção dos Trabalhos de Conclusão de Curso. O estudo se estrutura em uma abordagem quanti-qualitativa da pesquisa em saúde e fundamenta-se como um estudo descritivo, com base na análise de questionários respondidos pelos alunos ao final do curso (n=259). Estes questionários foram analisados através de técnicas estatísticas básicas (perguntas fechadas) e de análise de conteúdo (perguntas abertas). A análise dos dados desvelou uma série de questões sobre a relação do aluno com o curso, tais como: a dificuldade de realizar um curso a distância; a importância do acompanhamento permanente, por parte de tutores e orientadores de aprendizagem; a dificuldade de se trabalhar conteúdos complexos a partir de exercícios e atividades a distância; e a necessidade de se avaliar o curso em diferentes momentos, incluindo uma avaliação posterior ao curso que caracterize a incorporação dos saberes nele trabalhados às práticas cotidianas de trabalho do aluno. Espera-se que o presente trabalho venha a configurar uma proposta para o aperfeiçoamento do curso, contribuindo tanto com o seu processo de avaliação quanto na identificação de indicadores que sirvam à prática de avaliação sistemática de processos formativos interdisciplinares, como os cursos em Saúde do Trabalhador e que possa, ainda, contribuir com as políticas públicas de formação em saúde.

**Palavras-chave:** Saúde do Trabalhador, Educação a Distância; Formação Profissional; Educação em Saúde; Avaliação de Cursos; Avaliação de Egressos.

## ABSTRACT

This study aims to know student's profile and evaluation of the e-learning Specialization Course in Worker's Health and Human Ecology, based on a survey conducted among course's graduates from 2008-2009. It analyzes students' perceptions and opinions about contents, methods, educational material, meetings, e-learning tools, mentorship process and elaboration of the final monograph. The study is structured on a quanti-qualitative methodological approach based on a survey conducted with a group of students who attended the course and graduate from 2008 to 2009 (n=259). Questionnaires were analyzed through basic statistics tests (ended questions) and content analysis techniques (open questions). Data analysis revealed some issues about the course, such as: difficulties to deal with a web-based course; the importance of mentorship process; the difficulty of teaching some complex contents through exercises and web-based activities; and the need of a permanent evaluation, to be conducted during different moments of the course, which includes a specific analysis on how the students incorporate the knowledge discussed along the course in their daily work practices. We expect that this study represent an improvement not only for this course, but also for the permanent evaluation process, identifying indicators to be incorporated in these initiatives, reinforcing the importance of systematic evaluation to interdisciplinary professional education processes, such as in Worker's Health area.

Key-words: Worker's Health; E-learning Courses; Professional Education; Health Education; Course Evaluation; Students' Evaluation.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
<b>CAPITULO 1 OBJETO, OBJETIVOS DO ESTUDO E PERGUNTAS ORIENTADORAS.....</b>	<b>05</b>
1.1. Objeto.....	05
1.2. Objetivos da Pesquisa.....	05
1.2.1. Objetivo Gera.....	05
1.2.2. Objetivos Específicos.....	05
1.3. Perguntas Orientadoras.....	06
<b>CAPITULO 2 – METODOLOGIA DA PESQUISA.....</b>	<b>07</b>
2.1.1. Pressupostos Metodológicos.....	08
2.1.2 Etapas do Estudo.....	11
2.1.3. Construção, Validação e Aplicação do Questionário.....	11
2.1.4. Fase Exploratória da Pesquisa.....	12
2.1.5. Organização do Banco de Dados.....	13
2.1.6. Organização e Análise dos Dados Quantificáveis.....	14
2.1.7. Construção do perfil dos alunos.....	14
2.1.8. Análise qualitativa dos dados.....	14
<b>CAPITULO 3 – O CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE DO TRABALHADOR E ECOLOGIA HUMANA E A RELEVÂNCIA DE QUALIFICAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DO SUS: <i>UMA SÍNTESE</i>.....</b>	<b>16</b>
3.1.1. Concepção do Curso.....	16
3.1.2. Organização e Construção do Curso.....	18
3.1.3. Metodologia do Curso.....	21
<b>CAPITULO 4 – REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>28</b>
4.1.1. Educação a Distância: algumas abordagens.....	28
4.1.2. Avaliação Educacional e Avaliação de Educação a Distância.....	36
4.1.3. Educação a Distância e Saúde Pública.....	43
4.1.4. Pedagogia Critica.....	46

4.1.5. Avaliação de Cursos e Acompanhamento de Egressos .....	49
4.1.6. O Campo da Saúde do Trabalhador.....	56
CAPITULO 5 - AVALIAÇÃO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE DO TRABALHADOR E ECOLOGIA HUMANA A DISTÂNCIA: <i>Resultados e Discussão</i> .....	61
5.1.1. Perfil dos Alunos.....	61
5.1.2. Perfil quanto ao Gênero.....	61
5.1.3. Perfil quanto à Faixa Etária.....	62
5.1.4. Área de Formação dos Egressos.....	63
5.1.5. Distribuição dos Egressos por Local de Trabalho.....	63
5.1.6. Tempo de graduação dos Egressos.....	64
5.2. Fonte de Informação Sobre o Curso.....	64
5.3. Avaliação do Curso pelos Egressos.....	65
5.3.1. Avaliação quanto ao material didático do Curso.....	66
5.3.2. Avaliação quanto à atuação do tutor.....	67
5.3.3. Avaliação quanto à Unidade de Aprendizagem 1- <i>Incorporando a Saúde do Trabalhador na construção das Políticas Nacionais</i> .....	68
5.3.4. Avaliação quanto à Unidade de Aprendizagem 2 - <i>Relações de Produção, Consumo e Ambiente</i> .....	70
5.3.5. Avaliação quanto à Unidade de Aprendizagem 3 - <i>Introdução ao Processo do Conhecimento em Saúde do Trabalhador</i> .....	72
5.3.6. Avaliação quanto à Unidade de Aprendizagem 4 - <i>Atenção Integral à Saúde do Trabalhador</i> .....	73
5.3.7. Avaliação quanto à Unidade de Aprendizagem 5 - <i>Gestão da Atenção integral à Saúde do Trabalhador</i> .....	74
5.3.8. Avaliação quanto à Unidade de Aprendizagem 6- <i>Educação, Comunicação e Controle Social em saúde do trabalhador</i> .....	75
5.3.9. Avaliação quanto ao desenvolvimento do Trabalho de conclusão do Curso- TC.....	76
5.4. Falas dos Egressos: contextualização da Avaliação.....	77
5.4.1. Expectativas dos Egressos ao procurar o Curso.....	78

5.4.2. Qualidade do Material Didático do Curso.....	81
5.4.3. Liberação e apoio do gestor para o aluno fazer o Curso.....	84
5.4.4. Acesso e utilização às tecnologias virtuais do Curso.....	86
CAPITULO 6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
BIBLIOGRAFIA.....	97
ANEXOS.....	106
ANEXO 1.....	107
ANEXO 2.....	118

## LISTA DE SIGLAS

CESTEH - Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana  
ENSP - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca  
FIOCRUZ - Fundação Oswaldo Cruz  
UA - Unidade de Aprendizagem  
EAD - Educação a Distância  
CGSAT - Coordenação Geral de Saúde do Trabalhador  
MS - Ministério da Saúde  
RENAST- Rede Nacional de Atenção Integral à Saúde do Trabalhador  
SUS - Sistema Único de Saúde.  
PNST- Política Nacional de Saúde do Trabalhador  
PNSST- Política Nacional de Saúde e Segurança no Trabalho  
CEREST- Centro de Referência em Saúde do Trabalhador  
PPI- Programação Pactuada Integrada  
CNST- Conferência Nacional de Saúde do Trabalhador  
CIST- Comissão Interinstitucional de Saúde do Trabalhador  
ABREA- Associação Brasileira dos Expostos ao Amianto  
LER- Lesões por Esforços Repetitivos  
MOI- Modelo Operário Italiano  
AVA- Ambiente Virtual de Aprendizagem  
VIASK- Virtual Institute of Advanced Studies Knowledge  
TCC - Trabalho de Conclusão de Curso.  
NOST- Norma Operacional da Saúde do Trabalhador  
PST- Programa de Saúde do Trabalhador  
CNS- Conferência Nacional de Saúde  
RIPSA - Rede Integracional de Informações Para a Saúde  
MT- Medicina do Trabalho  
SO - Saúde Ocupacional  
CNS- Conselho Nacional de Saúde  
CEP- Comitê de Ética em Pesquisa  
CONASS- Conselho Nacional de Secretários Estaduais de Saúde  
CONASEMES- Conselho Nacional de Secretários Municipais de Saúde

CIT- Comissão Intergestora

GM/MS - Gabinete do Ministro/ Ministério da Saúde

MPS- Ministério da Previdência Social

MTE-Ministério do Trabalho e Emprego

CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

SPSS- Programa Estatístico para as Ciências Sociais

## LISTA DE GRÁFICOS E FIGURAS

Quadro 1- Síntese dos Objetivos do Curso e do Conteúdo que conforma as Unidades de Aprendizagem.

Figura 1 – Distribuição dos egressos de acordo com o sexo

Figura 2 – Distribuição dos egressos de acordo com a faixa etária

Figura 3 – Distribuição dos egressos de acordo com as áreas de formação

Figura 4 – Distribuição dos egressos de acordo com o local de trabalho

Figura 5 – Distribuição dos egressos de acordo com o tempo entre a conclusão do curso de graduação e o início da especialização

Figura 6 – Distribuição dos egressos quanto à fonte de informação sobre o curso

Figura 7 – Percentual dos conceitos atribuídos pelos alunos para a qualidade do material didático.

Figura 8 – Percentual dos conceitos atribuídos pelos alunos para a atuação do tutor.

Figura 9 – Percentual dos conceitos atribuídos pelos alunos para a UA I (módulos 1, 2 e 3)

Figura 10 – Percentual dos conceitos atribuídos pelos alunos para a Unidade Virtual de Aprendizagem II - Relações de produção, consumo e ambiente.

Figura 11 – Percentual dos conceitos atribuídos pelos alunos para a Unidade Virtual de Aprendizagem III- Introdução a produção do conhecimento em ST.

Figura 12 – Percentual dos conceitos atribuídos pelos alunos para a Unidade Virtual de Aprendizagem IV- Atenção integral a saúde do trabalhador.

Figura 13 – Percentual dos conceitos atribuídos pelos alunos para a Unidade Virtual de Aprendizagem V- Gestão da atenção integral a ST.

Figura 14 – Percentual dos conceitos atribuídos pelos alunos para a Unidade Virtual de Aprendizagem VI- Educação, comunicação e controle social em ST.

Figura 15: Percentual dos conceitos atribuídos pelos alunos para a elaboração do TCC.

## PRÓLOGO

A motivação para realizar este estudo nasce do trabalho de mais de duas décadas com o tema da formação em saúde, inicialmente junto com movimentos sociais e estagiários da Escola de Serviço Social da *Universidade Federal do Rio de Janeiro*, como professora contratada e co-responsável pelo campo de Estágio de Serviço Social em comunidades periféricas do Rio de Janeiro. Atuei naquela instituição no período de 1984 a 1988 e, desde 1992, no Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana – (Cesteh) da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (Ensp) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

No Cesteh minha atuação é na área de ensino e pesquisa onde coordenei, no período de 2004 a 2008, o Curso de Especialização em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana na modalidade presencial. Na pesquisa, um dos projetos em que estou envolvida é com trabalhadores expostos ao amianto no Rio de Janeiro. No Curso na modalidade a distância integrei o grupo responsável pela construção da Unidade de Aprendizagem VI (UA VI) - *Saúde, Trabalho, Educação e Formação* e a partir de 2006, tenho atuado também neste Curso como orientadora de aprendizagem. Estas experiências têm reforçado meu interesse e envolvimento nos aspectos de avaliação desses processos, questão que trago como objeto de estudo para ser desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Saúde Pública e Ambiente, na modalidade de Mestrado Profissional

## INTRODUÇÃO

O presente estudo trata do Curso de Especialização em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana, na modalidade a Distância, que vem sendo desenvolvido sob a responsabilidade do Centro de Estudos de Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana (Cesteh), em parceria com a Unidade de Educação a Distância (EAD) da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (Ensp) e com o apoio da Coordenação Geral da Saúde do Trabalhador do Ministério da Saúde CGSAT (MS). Este curso visa apoiar o desenvolvimento da Rede Nacional de Atenção Integral a Saúde do Trabalhador (RENAST), no Sistema Único de Saúde (SUS) nos três níveis de gestão (federal, estadual e municipal).

A Gestão tem como papel central definir e direcionar as práticas das políticas públicas e o uso dos recursos financeiros, materiais de informação, parcerias e alianças. Deve ser executada com responsabilidade e compromisso social, por tratar-se, neste caso, de gestão de serviços públicos.

*“O referencial legal que norteia o SUS e os princípios e regras gerais da administração pública, são a base de sustentação da estratégia que orienta a gestão dos serviços de saúde, com ênfase na valorização da negociação e a pactuação entre os gestores e a sociedade, por meio dos conselhos e das conferências de saúde”<sup>1</sup> (p: 15).*

No caso da Saúde do Trabalhador (ST), o documento sobre o Pacto pela Saúde, quando se refere ao Pacto de Gestão, estabelece diretrizes para a direção do sistema, fundamentadas nos princípios da descentralização, da regionalização, do financiamento, do planejamento, da programação pactuada e integrada, da regulação, da participação da comunidade e controle social. Ainda sobre a ST, destaca-se que o financiamento deste campo é de responsabilidade das três esferas de governo, estadual, municipal e nacional. Porém, para que a gestão seja garantida são necessários:

*“instrumentos e mecanismos que garantam o funcionamento do Sistema Único de Saúde em todos os níveis. A gestão do SUS é de responsabilidade da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos*

***Municípios que, por meio de seus órgãos gestores, utilizam vários instrumentos de gestão, objetivando garantir e aperfeiçoar o funcionamento do Sistema Único de Saúde”<sup>1</sup> (p: 89).***

Portanto, um dos princípios básicos para a gestão da Saúde Pública, que inclui a ST é a participação popular e a dos trabalhadores, por meio de seus órgãos representativos, trabalhadores, entendidos no seu mais amplo conceito. Neste sentido, a participação, enquanto princípio democrático de gestão, se adotada, pelos gestores, implicará em melhores resultados e numa melhor qualidade de vida da população. Lembro que, foi somente a partir da Constituição Federal de 1988, que a participação popular passa a ser uma das diretrizes de saúde do SUS.

Os trabalhadores passam a ter direito a manifestar suas opiniões, a definir, a acompanhar e fiscalizar as ações públicas de todos os níveis de gestão nas três esferas de governo (municipal, estadual e nacional), por meio do controle social. No entanto, a regulamentação deste direito só aconteceu, no plano legal, em 1990, mediante a Lei 8142 que, junto com a Lei 8080 do mesmo ano, constituem as bases legais da chamada “Lei Orgânica da Saúde”. Estas leis determinam que o gestor deve cumprir os preceitos constitucionais e considerar as instâncias de controle social do SUS como: Conferência Nacional de Saúde (CNS), as Conferências Nacionais de Saúde do Trabalhador (ST), as Comissões Intersetoriais de Saúde do Trabalhador (CIST) e os Conselhos Locais de Saúde dos Centros de Referência em Saúde do Trabalhador (Cerest), denominados por alguns como Conselhos Gestores<sup>1</sup>

Destaco aqui o Pacto pela Saúde, cujo resultado representa um trabalho coletivo, do qual participaram várias instâncias de governo e da sociedade como: o Ministério da Saúde, o Conselho Nacional de Secretários Estaduais de Saúde (CONASS), o Conselho Nacional de Secretários Municipais de Saúde (CONASEMS). Foi aprovado pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS) em reunião da Comissão Intergestora Tripartite (CIT) e gerou várias propostas de mudanças para o SUS<sup>2</sup>.

Neste sentido, este curso visa contribuir para que as questões relativas à saúde do trabalhador se efetivem na rede de serviços de saúde e outros. Razão pela qual ele é referência de apoio à Rede Nacional de Atenção Integral à Saúde do Trabalhador (RENAST), que vem se organizando e se estruturando na própria rede do Sistema Único de Saúde. Busca, por meio da

na perspectiva intra e intersetorial contribuindo para que se cumpram os princípios da universalidade de acesso, integralidade da atenção e do controle social, de forma regionalizada e hierarquizada.

Portanto, a necessidade de, por um lado, formar quadros de profissionais do SUS em ST e Saúde Ambiente, instrumentalizando-os com ferramentas próprias a estes campos de conhecimento e, por outro, aproximar o processo de avaliação do ensino-aprendizagem, tendo como uma das referências de avaliação, a análise das avaliações e percepções dos alunos egressos, com vistas a contribuir com o aperfeiçoamento do curso.

Nesta perspectiva, a RENAST é considerada, na atualidade, a principal estratégia para efetivação da Política Nacional de Saúde do Trabalhador no SUS, a fim de se cumprir a prescrição constitucional regulamentada pela Lei Orgânica da Saúde (Lei nº 8080/90)<sup>3</sup> - prover ações de saúde do trabalhador na rede de serviços de saúde. A execução destas ações, segundo esta lei é de responsabilidade dos municípios e dos estados, enquanto que a União tem como competência na área da ST, participar da formulação e da implementação das políticas relativas às condições e aos ambientes de trabalho; participar da definição de normas, critérios e padrões para o controle das condições desses ambientes e coordenar a Política Nacional de Saúde do Trabalhador<sup>1</sup>.

Deste modo, o curso procura responder a demanda trazida ao Cesteh, pela CGSAT, em 2004, de re-qualificação dos profissionais da rede de serviços de saúde inseridos nos distintos níveis de atenção no SUS (incluindo a atenção primária, a média e alta complexidade) no sentido de preparar, em um curto período de tempo, o maior número de profissionais no tema ST e SA, de modo a atender as diferentes regiões do país. Sabe-se que por sua dimensão territorial, abrangência e diversidade, o Brasil é marcado por grandes diferenças regionais, portanto heterogêneo, com diferentes realidades e carências em seus estados e municípios, o que implica a necessidade de organização dos serviços e na instituição de uma rede nacional que permita a uniformização da política e das ações, respeitando essas diferenças e enfrentando desafios como: ***“As características particulares nos aspectos ambientais, geográficos, sociais e culturais, agregam novos desafios a construção das ações de Saúde do Trabalhador no SUS”***<sup>4</sup>.

Em resposta a Coordenação Geral de Saúde do Trabalhador do Ministério da Saúde, a coordenação do Cesteh, em parceria com a Escola de Governo e a Unidade de Educação a Distância da Fiocruz, organizou e implementou o curso de Especialização em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana na modalidade a distância, de forma a proporcionar a formação em Saúde do trabalhador a profissionais das mais diferentes áreas de conhecimento, que atuam em setores e serviços diferenciados e que residem em locais isolados – distantes nas mais diversas regiões do Brasil.

Por fim, o presente trabalho está organizado em seis capítulos. O capítulo 1 destaca, respectivamente, o objeto desta pesquisa; os principais objetivos e o delineamento do estudo, a partir da definição das perguntas norteadoras.

O Capítulo 2 apresenta a metodologia adotada no estudo incluindo os seus pressupostos metodológicos, limites e as etapas da pesquisa.

O Capítulo 3 descreve o Curso de Especialização em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana a Distância, como está organizado e quais abordagens metodológica o constituem.

O Capítulo 4 discute os principais marcos teóricos conceituais nos quais este estudo está fundamentado.

O Capítulo 5 apresenta os resultados e a discussão do estudo, incluindo a vertente quantitativa (análises estatísticas básicas das avaliações feitas pelos egressos) e qualitativa (análise das falas dos alunos, registradas nas perguntas abertas dos questionários e analisadas através de técnicas de análise de conteúdo) do estudo.

Por fim, o Capítulo 6, apresenta as principais recomendações e as considerações finais deste trabalho.

A seguir no 1º Capítulo, apresento o objeto, os objetivos e as perguntas norteadoras que orientaram o desenvolvimento desta pesquisa.

**Objeto, Objetivos do Estudo e Perguntas Orientadoras**

No presente capítulo defino o objeto de estudo, especifico os objetivos da pesquisa e apresento as perguntas norteadoras que deram suporte necessário ao delineamento deste trabalho.

**1.1. Objeto**

Constitui-se objeto desta pesquisa a avaliação do curso de Especialização em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana na modalidade a distância, tendo como referencial privilegiado de análise as avaliações produzidas pelos egressos deste curso, que o concluíram entre 2007 e 2009.

**1.2. Objetivos da Pesquisa**

Os objetivos indicados para o presente estudo estão constituídos de um objetivo geral que aponta o interesse central do estudo e, objetivos específicos, que representam o desmembramento do objetivo geral e indicam a especificidade do estudo.

**1.2.1. Objetivo Geral**

- Contribuir com subsídios para o aperfeiçoamento do Curso e a construção de processos de avaliação de outros cursos no campo da Saúde do Trabalhador, de modo a intervir na realidade de saúde e na política pública de formação de profissionais do SUS.

**1.2.2. Objetivos Específicos.**

- Construir o perfil dos alunos egressos das dezesseis primeiras turmas que concluíram o curso EAD, no que se refere à idade, sexo, naturalidade, formação básica (curso e tempo de formado), instituição e estado de origem.

- Analisar as avaliações dos alunos sobre o desenvolvimento do curso, seus conteúdos, metodologias, material didático, momentos presenciais, ferramentas do ensino à distância e tutoria.

### **1.3. Perguntas Orientadoras**

No processo de construção deste trabalho foram suscitadas algumas indagações que nortearam o desenvolvimento do estudo e que seguem relacionadas:

1- Que conhecimentos estão sendo produzidos através do Curso de Especialização em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana na modalidade a Distância no que se refere:

- a) às necessidades dos serviços de saúde no Sistema Único de Saúde-SUS e às demandas sociais?
- b) à produção de conhecimento e sua aplicabilidade no trabalho concreto (relação teoria X prática)?
- c) às mudanças nas concepções no que se refere aos conceitos de Saúde, Trabalho e Ambiente e de que forma?
- d) organização e funcionamento do curso

2- O questionário de avaliação do curso adotado junto aos alunos egressos pode ser considerado uma ferramenta adequada para a avaliação de cursos de formação profissional- em nível de especialização?

- a) Quais seus limites?

3- Que outras estratégias de avaliação poderiam compor um instrumento adequado à avaliação de cursos de formação de profissionais em Saúde do Trabalhador?

No próximo capítulo apresento a metodologia adotada para a realização deste trabalho.

### *Metodologia da Pesquisa*

Trata-se de um estudo de caso, do tipo descritivo, que consiste numa avaliação quanti e qualitativa em saúde, com base nas percepções e avaliações de um grupo de alunos, profissionais da saúde, sobre o processo formativo por eles vivenciado. Este tipo de pesquisa tem por finalidade fornecer informações contextuais sobre um determinado fenômeno e, no caso deste estudo, os valores, as percepções dos alunos egressos formados pelo curso de Especialização em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana a Distância (EAD) no período de 2007 e 2009. Constitui produto desta pesquisa o perfil destes alunos e a análise dos dados das avaliações por eles manifestadas.

O critério adotado para inclusão na pesquisa foi incorporar todos os alunos que concluíram o curso no período de 2007 a 2009. Assim, respeitando este critério, o universo do estudo constituiu-se em um total de duzentos e cinquenta e nove alunos (259) a quem foi aplicado um questionário (anexo 1) com perguntas fechadas de modo a que avaliassem o curso em toda a sua totalidade: conteúdo, metodologia, material didático infra-estrutura, apoio técnico-administrativo, ferramentas/tecnologias virtuais, atuação e presença do tutor, da coordenação do curso, do orientador de aprendizagem e da equipe de apoio técnico-pedagógico ao ambiente virtual (AVA/VIASK). Responderam ao questionário, até agosto de 2009, data limite para incluir a avaliação neste estudo, cento e sessenta e um alunos (161), representando uma amostra de 62,16% do total do universo. O estabelecimento da data limite levou em conta o tempo disponível para a realização desta pesquisa.

Faz-se aqui a consideração de que este estudo seguiu as normas e recomendações da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) que coloca os princípios que regem a Ética na Pesquisa em Saúde no País. Todos os participantes foram incluídos no estudo mediante aceitação do termo de consentimento livre e esclarecido (anexo 2). Não foi necessária a identificação do informante e o sigilo das informações foi garantido. Esta dissertação teve seu projeto inicial submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da ENSP, em razão de sua vinculação a um projeto mais

abrangente de Avaliação do Curso EAD Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana já em curso, sendo aprovado sob o parecer 176/08.

### 2.1.1. Pressupostos Metodológicos do Estudo

Para a construção de uma estratégia de avaliação de curso, bem como o desenvolvimento da pesquisa, recorri a alguns aspectos da investigação participativa, evidenciados por Brandão<sup>5</sup>, Freire<sup>6</sup>, Minayo<sup>7</sup> e outros. Autores que contribuíram para uma melhor compreensão sobre as questões subjetivas e coletivas das opiniões/avaliações dos alunos sobre o curso na sua totalidade (conteúdo, metodologia, momentos presenciais, atividades, tutoria, entre outros) que podem contribuir com a avaliação e aperfeiçoamento do curso.

Este referencial também serviu de apoio a construção do perfil dos alunos. Nesta perspectiva, avalia-se que esta proposta metodológica está em conformidade com o objeto do estudo desta dissertação e com os objetivos nela propostos. Avalia-se também, como determinante para o sucesso de um trabalho científico, que o pesquisador tenha clareza e a compreensão da importância da metodologia a utilizar.

Ao desenvolver uma metodologia é necessário compreender sua importância para a construção de um trabalho de pesquisa, qualquer que seja ele. Trata-se da essência, do conteúdo de uma pesquisa, que permite estabelecer relações entre o pressuposto e a realidade, entre o questionamento/indagação para o estudo e as descobertas dessa realidade, bem como os passos/caminhos que nos permitem construir conhecimento. Recorrendo a Minayo<sup>7</sup>, metodologia da pesquisa é:

***“(...) o caminho e o instrumental próprios de abordagem da realidade (...) ocupa lugar central no interior das ciências sociais, pois ela faz parte intrínseca da visão social de mundo vinculado na teoria (...) inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a apreensão da realidade e também o potencial criativo do pesquisador... o método é o próprio processo de desenvolvimento das coisas” (p: 22).***

Compartilhando com a autora, D’Acri<sup>8</sup> reforça que a metodologia é o caminho que permite conhecer a realidade, comprovar ou refutar hipóteses e

ainda, em suas reflexões sobre o tema, a autora refere os métodos como os instrumentos ou técnicas que contribuem para desvendamento do real, portanto, estes instrumentos permitem a apreensão da realidade concreta do objeto e dos objetivos a serem alcançados.

Ampliando a reflexão sobre a importância da metodologia e método de pesquisa, Streck<sup>9</sup> em seus estudos refere método como:

***“(...) a complexa trama composta da finalidade e dos objetivos, da realidade e do objeto, dos sujeitos, do tempo e do espaço, não é á parte da pesquisa (...). O método vai reconfigurando-se constantemente no diálogo com e entre esses fatores. O autor prossegue, citando Mário Quintana que diz são os passos que fazem o caminho” (p: 6; 62).***

A concepção metodológica neste estudo está imbricada no entrelaçamento da metodologia com as concepções nele dissertadas. Assim, a ciência, a metodologia e as técnicas representam o cuidado metodológico que se deve ter com o trabalho a ser realizado. Daí a afirmação da importância da articulação e engajamento entre todos estes elementos, o que contribuiu para o desenvolvimento do estudo e para melhor compreensão de seu objeto. O mesmo se refere ao potencial criativo do pesquisador, que deve ser desenvolvido articulado à sua habilidade, experiência e rigor científico, bem como, sua capacidade de fazer e perceber, tendo como referência a produção realizada e as múltiplas relações que envolvem a realidade. Nesta linha de pensamento e ancorada nos autores que me servem de referência, compreendi definitivamente, que ciência e metodologia estão intrinsecamente relacionadas.

Em função disto adotei neste trabalho a abordagem de caráter quali e quantitativa e recorri aos métodos de pesquisa, igualmente, quali-quantitativo. Minayo<sup>7</sup> nos diz que a relação entre os dois métodos tem sido historicamente, dicotômica. *“De um lado, deixa à margem relevâncias e dados que não podem ser contidos em números, e de outro lado, às vezes contempla apenas os significados subjetivos, omitindo a realidade estruturada.”* (p: 28). Entretanto, cada um com suas características e ensinamentos contribuíram efetivamente para a realização deste estudo e para compreendê-los enquanto complementares um ao outro.

Quanto ao método quantitativo, tradicionalmente, os fenômenos se apresentavam dentro da filosofia positivista e sociológica podendo ser compreendido apenas como uma constatação de não transformação da realidade. Neste sentido a regulação da sociedade ocorre por meio de leis naturais que, por sua vez, regulam, também, o seu funcionamento como, por exemplo, a economia, a política e a cultura dos indivíduos/cidadãos. Assim os fenômenos apresentam-se sob a forma de equações, médias, gráficos e estatísticas, de modo a encontrar evidências de associação entre variáveis independentes (intervenção e exposição) e dependentes (resposta e desfecho) e no que se refere ao critério de amostragem ele pode ser ou não aleatório. Os dados podem ser primários - construção de bancos de dados com base na coleta de variáveis - e dados secundários - bancos já existentes.

Quanto ao método qualitativo tem como característica central trabalhar como o universo de significados; concepções, políticas, práticas sociais, valores, crenças, atitudes, leitura e interpretação de falas e entrevistas, intencionalidades dos sujeitos envolvidos no estudo, como interpretam e como conferem sentido as suas expectativas e suas experiências, que leitura fazem do mundo e do mundo a seu redor. Portanto, desenvolver o estudo de modo a articular estes dois métodos significa a valorização do que cada um pode contribuir com a construção de conhecimento na área de estudo em questão.

Na metodologia qualitativa, o sujeito é reconhecido como ator que atua em todo o processo e desenvolve a capacidade de retratar e refratar a realidade. Nesta perspectiva há uma aproximação entre pesquisador e sujeitos do estudo, o que pode favorecer o retratar do universo da pesquisa passando pelas diversas fases, ou seja, como o pesquisador se situa na história e na ética, no paradigma e referencial teórico. Isto permite mostrar como são vistos os fenômenos e como se dá o desenho da pesquisa - de que modo o método vai ser empregado assim como a arte e a política de interpretação e de avaliação. Minayo<sup>7</sup> ao referir-se a Gurvich reforça que "(...) *essas camadas são interdependentes interagem e não podem ser pensadas de forma dicotômica*" (p: 28).

Deste modo avalio para efeito deste estudo, que estas duas abordagens metodológicas não se contrapõem, mas se complementam. Como mais uma vez nos ensina Minayo<sup>7</sup> são "*interdependentes e inseparáveis (...) uma relação entre o mundo natural e o social*" (p: 13). Segundo esta autora, a avaliação,

principalmente, para o campo da Saúde, deve ser dialética, por não só possibilitar, ao mesmo tempo, o valor heurístico dos dados da pesquisa, mas também articulá-los com as relações sociais. Portanto, entendo que a integração destes dois métodos (qualitativo e quantitativo), favorecem uma análise mais totalizadora, que é uma das categorias do método dialético que dá elementos de análise da própria transformação da realidade.

Estas concepções contribuíram para a opção de fazer, neste estudo, uso dos métodos qualitativo e quantitativo de forma a contribuir para o alcance dos objetivos da pesquisa. A metodologia foi construída com base na análise dos dados, procurando refleti-los à luz do referencial teórico, a fim de contribuir com uma melhor formação em Saúde do Trabalhador, buscando a melhoria da qualidade dos serviços de saúde no SUS.

Para a construção da abordagem metodológica deste estudo entende-se que o objeto da avaliação de processos formativos é complexo, por esta razão, requer um olhar abrangente e integrado que possibilite explorar em profundidade, questões de caráter organizacional, programática e situacional, voltadas às explicações sobre a relação ensino-aprendizagem de cada curso. Esta pesquisa, entretanto, parte do pressuposto que para essa análise integrada é necessário um olhar sobre as percepções e avaliações daqueles que vivenciam o processo de formação, como os formuladores, os docentes e os alunos.

Para o delineamento do estudo, fez-se um recorte nas etapas do processo de avaliação, restringindo o objeto às avaliações e percepções dos alunos egressos sobre o curso. Esta escolha deu-se tanto em razão do tempo disponível para a realização do estudo quanto pela necessidade de se conhecer essas informações no âmbito de um processo avaliativo mais abrangente.

A experiência de participação na elaboração e na condução do Curso nos últimos 04 anos permitiu a construção de um referencial mínimo de suporte à elaboração da estrutura de avaliação que se pretende com o presente trabalho.

### **2.1.2. Etapas do Estudo**

#### **2.1.3. Construção, Validação e Aplicação do Questionário.**

A base de dados das avaliações do curso quali e quantitativa foi construída a partir das próprias questões abordadas no curso, conforme questionário (Anexo 1). O questionário foi construído pelos orientadores de aprendizagem do curso e pela coordenação. Depois de construído passou-se à fase de validação deste instrumento, que teve fundamentalmente a participação dos tutores. A validação ocorreu em duas oficinas de trabalho realizadas na Fiocruz, em tempo integral e organizadas para esse fim. A aplicação deste questionário de avaliação aos alunos aconteceu no terceiro e último momento presencial do curso. Reforçando aqui, que a aplicação foi realizada a todos os alunos concluintes das turmas de 2007 e 2009.

#### 2.1.4. Fase Exploratória da Pesquisa

A fase exploratória, neste estudo, representa as etapas iniciais percorridas como: a construção e delimitação do objeto, a definição dos objetivos, a formulação das perguntas orientadoras, a construção do marco teórico conceitual, além dos instrumentos de coleta de dados e da exploração do campo. Neste processo foi realizado um levantamento bibliográfico, optando, principalmente, por livros e artigos de autores nacionais que são referência na área do estudo em pauta. Justifico esta opção por tratar-se de avaliação de um curso com características peculiares: Formação em Saúde do Trabalhador e na modalidade a distancia, num país de dimensões continentais e heterogêneas.

Entretanto, também procedi a uma busca bibliográfica por meio de bancos de dados como: Scielo- [www.Scielo.br](http://www.Scielo.br) Lilacs- <http://saudepublica.bvs.br/html/pt/home.html> e Google Acadêmico- [scholar.google.com.br](http://scholar.google.com.br). Para a definição do corpo teórico, durante a busca bibliográfica foram utilizados termos de referência (palavras-chave ou descritores) como: *Saúde do Trabalhador; Educação a Distância; Educação em Saúde; Pedagogia Crítica; Avaliação de Cursos e Acompanhamento de Egressos.*

Destaco aqui a importância desta fase da pesquisa para o processo de conhecimento que me permitiu construir no desenvolvimento do estudo e o significado que representou para o aprendizado final. Portanto, neste momento é interessante trazer a noção de pesquisa exploratória de Minayo<sup>7</sup>, que segundo esta autora, trata-se de uma fase que por si pode ser considerada

uma pesquisa exploratória, dada a sua relevância para o desenvolvimento de um estudo científico.

#### 2.1.5. Levantamento e Organização dos Dados e do Banco de Dados

Nesta etapa realizei por meio de coleta de dados, pesquisa e consulta ao material disponível na Secretaria Acadêmica da Unidade de Educação a Distância da Escola Nacional de Saúde Pública, que forneceu as informações necessárias ao estudo do perfil dos alunos do curso. Nesta fase fiz também um estudo dos cento e sessenta e um (161) questionários de avaliação respondidos pelos alunos, que denomino de pré-análise, seguindo a concepção de Bardin<sup>10</sup> que situa este momento como aquele em que se organizam e sistematizam as idéias; em que se dá a escolha dos documentos a serem analisados, nos remete aos objetivos iniciais da pesquisa em relação ao material coletado e, ainda a elaboração e construção de categorias ou grupos temáticos que orientarão a interpretação final.

A pré-análise consta de alguns momentos, o primeiro denominado de *leitura flutuante*, onde se realiza um contato exaustivo com o material de análise; procede-se a *constituição do Corpus*, mediante organização do material de modo que possa responder a critérios de exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência. O segundo momento ou fase da pré-análise é a fase da *exploração* dos dados, ou seja, trata-se do momento em que os dados primários encontrados são codificados, buscando alcançar o *núcleo* de compreensão do texto. O terceiro momento é a fase do tratamento e interpretação dos resultados encontrados. É quando estes dados são submetidos a tratamento estatístico, no sentido de conferir validade e que os dados se tornem significativos<sup>10</sup> (p: 121).

A partir destas informações foram construídos dois bancos de dados: um com as informações para a construção do perfil dos alunos e outro com os dados do questionário sobre as avaliações dos alunos acerca do curso. Estes dados, tanto do perfil, quanto do questionário foram quantificados e transformados em gráficos e figuras constantes no Capítulo 4.

as respostas que constavam de conceitos por eles atribuídos ao desenvolvimento do curso assim denominados: ruim, razoável, bom ou ótimo e sem resposta. Para organização destes conceitos atribuí uma escala de 1 a 4, sendo: (1) para ruim ou péssimo, (2) para razoável, (3) para bom ou ótimo e (4) para não resposta ou mais de uma resposta. Estes dados foram analisados com o uso do Programa SPSS, Programa Estatístico do tipo científico para as Ciências Sociais e EXCEL para o cálculo das frequências observadas.

#### 2.1.7. Construção do Perfil dos Alunos

Para a definição do perfil dos alunos utilizei as informações fornecidas pela Unidade de Educação a Distância, que foram obtidas por meio das fichas de inscrição e de matrícula, organizadas em banco de dados da EAD. De posse destas informações foi possível identificar dados dos alunos como gênero, faixa etária, formação e instituição formadora, área de atuação (onde trabalha). Além destas, as áreas de formação dos alunos foram agrupadas segundo as áreas de conhecimento descritas pelo CNPQ em vigor no ano de 2009. Também foram relacionadas as faixas etárias, segundo o IBGE e o tempo de formação dos alunos. Este estudo permite uma visualização sobre os profissionais formados: quem são e onde estão, dados que posteriormente poderão contribuir para a continuidade de ações educativas, educação permanente em saúde, bem como para o acompanhamento e avaliação do curso e sua relação com a prática profissional dos egressos.

#### 2.1.8. Análise qualitativa dos dados

Esta etapa constou da análise qualitativa das avaliações do curso manifestas, sob a forma de comentários e observações pelos alunos. Esta análise foi realizada com o apoio do referencial teórico da Análise de Conteúdo segundo Bardin<sup>10</sup> que a define como:

***“um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativo ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/ recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (p: 40)***

Gomes<sup>11</sup>, por sua vez, refletindo sobre a citação de Bardin referida na página anterior afirma que com a utilização da técnica da análise de conteúdo, *“podemos caminhar na descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado”* (p: 84).

No Capítulo 3 faço uma descrição sucinta do curso sobre o qual o objeto deste trabalho está construído.

**O Curso de Especialização em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana e a Relevância de Qualificação dos profissionais do SUS : *uma síntese***

**3.1.1. Concepção do Curso**

Trata-se de um curso de especialização na modalidade a distância, com carga horária de 480 horas, cujo objetivo é formar profissionais da rede pública de saúde, no sentido de que possam construir conhecimento por meio de referenciais teóricos e históricos sociais na área da Saúde, da Saúde do Trabalhador e da Saúde Ambiente. Busca estimular a análise e a reflexão crítica sobre a prática profissional no campo da Saúde Pública, sobretudo para incorporar, às suas práticas, as ações da saúde do trabalhador e saúde ambiente. Para tanto o curso reforça, em seu conteúdo e referencial teórico, dentre outros, o trabalho como relação social, categoria central, determinante do processo saúde-doença. Categoria que, a meu ver, há muito tempo deveria ter sido assumida pelo Sistema Único de Saúde e integrar-se às práticas no cotidiano dos profissionais inseridos no SUS, bem como às responsabilidades político-sociais dos gestores dos três níveis de governo (municipal, estadual e federal) conforme o estabelece a Constituição Federal de 1988<sup>12</sup>.

Nesta perspectiva, a saúde do trabalhador deixaria de, historicamente, caminhar à margem do SUS fato que, de certa forma, contribuiu para a dificuldade histórica de sua consolidação enquanto política pública. Também aqui entendo importante, já que estou falando de um curso de formação em Saúde do Trabalhador para trabalhadores do SUS trazer a reflexão, na minha concepção necessária, sobre a educação e o trabalho. Neste sentido afirmo entender, que ambos estabelecem relações muito próximas e fundamentais à formação dos trabalhadores. Para ilustrar este pensamento menciono a seguir, uma citação de Neto et al:

***“Trabalho e Educação se colocam, portanto, como termos de uma relação, em que ambos são atividades próprias do ser humano, ambos estão referidos ao ser humano que neles se constrói, que por meio deles se expressa diante do outro como ser de***

***convívio social, produzindo existência própria e coletiva” (p:41).***

É nesta concepção que se dá o Curso. Em razão de sua natureza multidisciplinar, interdisciplinar, intersetorial e interinstitucional, envolvendo os diferentes órgãos e setores públicos, acredita-se numa maior possibilidade de tornar real a Política Nacional de Saúde do Trabalhador integrada à Política Nacional de Saúde. Daí a importância da ênfase na dimensão dos valores e na formação de profissionais para que possam atuar de forma crítica, reflexiva e criativa no âmbito de suas práticas em todas as complexidades do SUS. O curso busca contribuir com a organização e qualificação dos serviços de saúde que vem tentando, nestes últimos 21 anos, desde, principalmente, a promulgação da Constituição Federal de 1988 se aproximar mais da realidade social do país para nela intervir.

Nesta perspectiva penso poder aproximar minhas reflexões com a contribuição de Campos et al<sup>14</sup> que enfatizam a necessidade de se qualificar cada vez mais as ações no Sistema Único de Saúde. Destacam a importância para a *“postura ético-teórico-política, que segundo os autores, se expressa no compromisso em reorganizar os serviços de saúde e preparar os profissionais que ali atuam”*<sup>14</sup> (p.748).

Neste sentido e, considerando a dimensão territorial do Brasil e suas diferenças regionais, a organização dos serviços de saúde vem tentando se dar respeitando a territorialização, de modo que as ações ocorram no âmbito dos estados e municípios, portanto mais próximas da realidade local e das necessidades da população. Este é um dos princípios deste curso- proporcionar a formação nas mais diferentes e longínquas regiões do país. Portanto, a perspectiva de uma formação na modalidade a distancia permite atenuar o que antes era visto como problema, ou seja, a separação geográfica entre as várias unidades federativas do país. E mais: permite que expertises ou grupos de especialistas que são tradicionalmente concentrados em centros formadores da região sudeste chegue aos mais distantes pontos da rede de saúde do país. Nessa linha de pensamento é interessante trazer como contribuição a noção de tempo-espaço de Oliveira<sup>15</sup>. Segundo esta autora a EAD, mais do que um alargamento tecnológico:

***“reivindica uma formação abrangente que permita ampliar as diferentes maneiras de interagir com a***

***pluralidade dos diferentes mundos que hoje se entrecruzam, de lê-la, reconhecê-la e interpretá-la (...) necessidade de se (re) pensar a educação, incentivando o pensar e a capacidade crítica (...) nessa rede de relações cujo centro – sem centro – é o conjunto de “nós” que ligam as malhas da complexa realidade, que a EAD está sendo construída em seus pontos altos e baixos e com um matiz especial por atender a demandas diversificadas da agenda de um novo tempo/espço” (p: 33,34).***

Ainda nesta linha de raciocínio a autora aponta outras importantes reflexões, como a questão da democracia, que reflete meu pensamento acerca de expandir, no caso deste estudo, a formação em Saúde do Trabalhador para regiões e mundos comumente apartados dessa possibilidade como na perspectiva da autora:

***“sob o ponto de vista dos estudantes, principalmente os que trabalham e residem em locais distantes das grandes metrópoles a EAD democratiza o acesso ao ensino superior, quebrando barreiras geográficas (...) a queda das barreiras de espaço e tempo é, simultaneamente, o principal desafio e triunfo para a expansão da EAD como processo educativo”<sup>15</sup> (p: 34).***

### **3.1.2. Organização e Construção do Curso**

O Curso, quanto ao material didático pedagógico, está organizado em oito Cadernos/Livros cada um representando uma Unidade de Aprendizagem (UAs) que contemplam o referencial teórico-metodológico dos campos da Saúde do Trabalhador e da Saúde Ambiente. Faz parte ainda deste material, um caderno de textos com artigos e portarias próprias a estes campos de conhecimento. São textos básicos e artigos destinados a facilitar o aprofundamento dos alunos que necessitem ampliar o conhecimento sobre determinados temas; um caderno de Orientações Gerais - apresenta toda a estrutura e formatação do curso como: metodologia, objetivos, carga horária total e as horas destinadas a cada unidade de trabalho e ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Esclarece sobre a metodologia da avaliação e certificação, informa e orienta sobre as Normas Técnicas para a elaboração dos TCC; um CD-ROM que é o próprio curso em meio digital, instrumento importante haja vista a dificuldade de acesso à internet em muitas regiões do

Brasil, o que contribui para a compreensão de que, também no aspecto tecnológico, apesar de seus avanços, ainda persistem muitas desigualdades nas várias regiões do país.

Este material didático está disponibilizado para todos os alunos, tutores e orientadores de aprendizagem, tanto na modalidade impressa, quanto na modalidade virtual.

Para garantir a qualidade do curso sua organização conta, também, com uma estrutura de acompanhamento e avaliação de caráter formativo e administrativo, capaz de fornecer o apoio necessário aos alunos durante todo o curso. Compõe esta estrutura: uma coordenação integrada constituída por profissionais e pesquisadores do Cesteh/Ensp/Fiocruz e CGSAT/MS; profissionais das equipes pedagógica e administrativa de suporte ao Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) e da Plataforma Virtual Institute of Advanced Studies Knowledge (VIASK) da EAD/Fiocruz; uma secretaria de apoio técnico; os gestores no sentido de facilitar a infra-estrutura local; um grupo de tutores e orientadores de aprendizagem. O curso proporciona outras formas de apoio de modo que seu andamento não seja prejudicado como (0800, Correio, Fax e Sedex).

Antecedeu ao início do curso a organização dos materiais didáticos que são o próprio conteúdo da formação a distância. A construção deste material didático pedagógico contou com a participação de quarenta (40) profissionais e pesquisadores das mais diversas áreas de formação, de diversas regiões do país e de diferentes instituições. Profissionais com conhecimento reconhecido nas áreas de ensino e pesquisa no campo da Saúde do Trabalhador e no campo da Saúde Ambiente. Fato que reafirma a participação como princípio que marca este curso, desde o início de sua idealização, bem como os princípios multi, inter e transdisciplinares. Estes são alguns dos princípios deste curso. Sendo assim, a construção deste material foi produto de uma série de grandes e pequenas oficinas de estudo organizadas para este fim. Contou também com a assessoria técnica da equipe pedagógica da EAD /Fiocruz que acumula experiência nesta área de conhecimento e acompanhou todo o processo de construção do curso.

A seguir, para efeito de ilustração, apresento um quadro síntese que relaciona o material didático-pedagógico, no que se refere, principalmente, às

Unidades de Aprendizagem, inerentes ao Curso de Especialização em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana do CESTEh.

**Quadro 1: Síntese das Unidades de Aprendizagem, seus respectivos módulos e Eixos Temáticos do Curso de Especialização em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana na modalidade a distância**

Unidades de Aprendizagem e Módulos	Eixos temáticos
<p>UAI Incorporando a Saúde do Trabalhador</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Políticas de Saúde, de Saúde do Trabalhador; e de Saúde Ambiental,</li> <li>• Desenvolvimento Social, Econômico, Institucional e Sustentabilidade Regional no Brasil;</li> <li>• O SUS e a Saúde do Trabalhador.</li> </ul>
<p>UAII Relações de Produção, Consumo e Ambiente</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreendendo o Trabalho e suas Articulações com a Saúde: mas afinal o que é trabalho?;</li> <li>• Compreendendo o Sistema Jurídico para Usá-lo;</li> <li>• Saúde, Trabalho e Ambiente no Processo de Desenvolvimento: que desenvolvimento é este?</li> </ul>
<p>UAIII Introdução à Produção do Conhecimento em Saúde do Trabalhador</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ambiente de Trabalho Virtual;</li> <li>• Introdução à Metodologia de Pesquisa em Saúde do Trabalhador.</li> </ul>
<p>UAIV Atenção Integral à Saúde do Trabalhador</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Assistência à Saúde do Trabalhador;</li> <li>• Vigilância em Saúde do Trabalhador;</li> <li>• Caixa de Ferramentas-Instrumentos para a Atenção Integral à Saúde do Trabalhador.</li> </ul>
<p>UAV Gestão da Atenção Integral à Saúde do Trabalhador</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fundamentos da Gestão em Saúde para Implementação das ações de ST no SUS e da estratégia RENAST;</li> <li>• Como elaborar (e gerenciar) o Plano de Saúde do Trabalhador Nacional, Estadual e Municipal;</li> <li>• Caixa de Ferramentas-Instrumentos de Gestão para a Saúde do Trabalhador.</li> </ul>
<p>UAVI Educação, Comunicação e Controle Social em Saúde do Trabalhador:-</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Democracia, Participação, Controle Social na Saúde e em saúde do trabalhador;</li> <li>• Movimentos Sociais, Organização de Trabalhadores e a Luta pela Saúde no Trabalho;</li> <li>• Educação, Saúde, Trabalho e Ambiente;</li> <li>• Comunicação, Saúde, Trabalho e Ambiente.</li> </ul>

Fonte - Caderno de Orientações Gerais do Curso de Especialização em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana do Cesteh/Ensp/Fiocruz.

### 3.1.3. Metodologia do Curso

A metodologia deste curso é constituída por alguns momentos pedagógicos denominados: momentos presenciais e a distância. Mas antes de falar sobre como se dão estes momentos, que retomarei em parágrafos próximos é importante situar alguns outros passos metodológicos que antecederam à realização do curso em si. Portanto, ainda que resumidamente trago aqui algumas fases que avalio como fundamentais ao processo deste curso para sua construção e implantação. Destaco então os encontros da coordenação do curso com os gestores locais demandantes do mesmo na perspectiva de sua viabilização e a seleção e formação dos tutores, que num primeiro momento, em 2006, somavam vinte e dois (22) das mais diferentes regiões do Brasil e com formação em diferentes áreas de conhecimento.

Pela importância do papel dos tutores, após a seleção passaram por um processo de formação de tutoria em saúde do trabalhador que ocorreu durante três Oficinas com duração de uma semana cada e em horário integral. Aconteceram em Brasília por ser local central para os profissionais dos diferentes estados e regiões. Avalio esta experiência impar, não só pela amplitude do movimento, mas também pelo seu caráter plural. As diferentes formações dos tutores, suas vivências e experiências deram relevância ao processo de conhecimento construído durante essas oficinas. Contribuiu para esta relevância as características de cada sujeito envolvido, cujas vozes expressavam saberes e vontade de adquirir novos saberes, em outras palavras, foram momentos que possibilitaram, no coletivo, uma prática educativa, onde “vozes” manifestavam vontades de conhecer mais e vontades de mudanças. A respeito desta questão, gostaria de trazer ao diálogo, Freire<sup>6</sup>, sobretudo quando nos fala da experiência como sendo especificamente humana, lembrando que nas práticas educativas, nas *relações político-pedagógicas*, jamais deixar de considerar o saber da experiência dos grupos, se queremos uma educação transformadora.

Logo, os momentos de formação dos tutores, além de valorizar seus saberes e suas experiências imprimiram, do mesmo modo, valor aqueles profissionais, enquanto participes e também construtores do material didático-pedagógico do curso. Todos contribuíram com seus saberes e suas experiências em todo o processo de apreciação analítica deste material,

confirmando a afirmação do processo educativo participativo como produtor de mudanças. Reafirmo que a participação dos tutores contribuiu com mudanças e reestruturação do material didático, de forma a tentar torná-lo mais próximo da realidade.

Após a formação dos tutores, a seleção dos alunos e a inscrição e matrícula destes no curso, são organizadas as turmas por tutor e por região. Cada tutor é responsável por uma turma de vinte (20) alunos e, pela relevância de seu papel no acompanhamento da formação dos mesmos, este curso tem como uma das prioridades centrais, que o tutor resida na região onde ele se realiza, fato que facilita a proximidade com os alunos, além de também deterem um conhecimento mais próximo da realidade local, fundamental ao acompanhamento formativo nas discussões da saúde, saúde ambiente e saúde do trabalhador e como estes serviços vêm se dando na região.

Os tutores contam com o apoio de um orientador de aprendizagem que deve, prioritariamente, apoiar os trabalhos e as ações dos tutores, com ênfase às questões de ordem pedagógica e relacionadas aos conteúdos técnicos das unidades de aprendizagem. *"Seu papel principal é o de contribuir para criar um ambiente favorável à aprendizagem, com estímulo à reflexão, à crítica e ao desenvolvimento das competências esperadas"*<sup>16</sup> (p: 23).

Antes do início do curso os alunos, depois de matriculados, e distribuídos em turmas, são orientados a organizar com o apoio de um referencial teórico básico, mas principalmente a partir de suas experiências de vida e de trabalho, um exercício que deve ser construído, tendo como especial exigência a criatividade do aluno. Pode ser pôster, ou qualquer outra modalidade. Trata-se de uma ação importante, já que permite trazer a vivência e a criatividade do aluno, fundamentalmente construída com base na sua prática. Este trabalho é depois apresentado pelo aluno quando no início do curso, no primeiro momento presencial. Passarei então agora a descrever os momentos pedagógicos presenciais como sinalizado no primeiro parágrafo deste item.

Durante o curso, são realizados, no mínimo três, (3) momentos presenciais, que acontecem na localidade em que este se dá. O primeiro momento tem a duração de uma semana em horário integral, perfazendo quarenta horas (40: hs). Participam as diversas instituições envolvidas com o curso, por meio dos gestores locais, além do Controle Social em Saúde do

em Saúde do Trabalhador, mediante a Comissão Intersectorial de Saúde do Trabalhador (CIST) da localidade e demais instituições envolvidas- CGSAT//MS, Cesteh/EAD/Fiocruz; os alunos e seus respectivos tutores, orientadores de aprendizagem e a coordenação do curso. Este primeiro momento presencial é de fundamental importância para a continuidade de seu desenvolvimento. Cria possibilidades de se estabelecerem as primeiras aproximações entre tutor-aluno e demais sujeitos envolvidos, o que favorece a troca de saberes essencial ao processo de educação. É neste momento que os alunos mantêm os primeiros contatos com o material didático-pedagógico do curso, já que o recebem na totalidade, tanto na forma impressa, quanto digital e são trabalhados durante a semana presencial o caderno/livro de orientações gerais e a Unidade de Aprendizagem 1 (UAI) até ao módulo dois (2) inclusive, e ainda são realizadas oficinas de trabalho referentes à formação para utilização das tecnologias inerentes ao Ambiente Virtual (AVAVIASK).

O segundo momento presencial acontece após o término da Unidade de Aprendizagem 3 (UAIII) e tem como objetivo a discussão e orientação dos temas de interesse de estudo dos alunos referentes aos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), que ao trazê-los para o coletivo são compartilhados e busca-se articulá-los com a realidade da região, já que um dos objetivos do curso é que as monografias contribuam para a intervenção na realidade da saúde local. A orientação dos TCC é assumida pelos tutores, com o apoio dos orientadores de aprendizagem, mas pela quantidade de trabalhos e pela sua complexidade, recorre-se também a professores do Cesteh e ainda a professores/orientadores externos, de preferência da região, que se cadastram na Ensp/Fiocruz para poderem orientar alunos de cursos desta instituição.

O terceiro e último momento presencial encerra o curso e inclui a realização individual de uma prova, a apresentação pública do TCC e a avaliação do curso, que é feita pelos alunos, através de um questionário construído pelos orientadores de aprendizagem e validado pelos tutores em dois encontros coletivos realizados na Fiocruz. Este instrumento (questionário) é respondido individualmente por cada aluno e, posteriormente enviado para o Cesteh. Tem-se o cuidado de se preservar o anonimato dos alunos por isso, não precisam se identificar.

O curso possui ainda, em sua agenda, plantões semanais e presenciais que são realizados pelos tutores junto aos alunos, todavia, dependendo das necessidades da turma o tutor pode realizar outros presenciais somando aos programados oficialmente, o que reforça a importância do tutor ser da região onde o curso acontece. Nos plantões, os tutores orientam os alunos nas suas dificuldades, aprofundam questões específicas, tiram dúvidas acerca de conteúdos pedagógicos, discutem questões trazidas pelos alunos e ou outras consideradas importantes a sua formação. Nestes encontros os alunos são estimulados a buscar e a aprofundar o conhecimento do conteúdo das unidades de aprendizagem e incentivados a participar das atividades dos fóruns de discussão e a utilizar as demais tecnologias que a EAD dispõe. Busca-se a construção coletiva do conhecimento e da compreensão a respeito do valor social que a formação impõe, ou seja, co-responsabilizar-se pelo desenvolvimento de ações de intervenção na realidade. Nesta acepção, tanto tutores, quanto alunos são educadores e *educandos* neste processo de formação. Trago como interessante à reflexão deste pensamento um texto de Arruda (1988, apud, Neto<sup>13</sup>).

***“de que o educador é, sobretudo, um guia na sistematização de conteúdos, um provocador, um indicador de conteúdos universais acumulados (...) de que a educação se dá a partir da totalidade do educando e do educador, enquanto seres omnilaterais e omnidimensionais que são e que conscientemente vivenciam ser” (p.56).***

Os momentos pedagógicos a distância começam logo após o término do primeiro momento presencial e com o terceiro e último módulo da Unidade de Aprendizagem 1 (UAI), que como já o referi, foi trabalhada no primeiro momento presencial, com exceção do último módulo e, estes momentos a distância, encerram somente com o término do curso. Os alunos se organizam, de acordo com o horário disponível para o curso, que foi pactuado com os gestores, enviam para os tutores todas as atividades realizadas no primeiro momento presencial e dão prosseguimento ao curso, trabalhando todos os conteúdos pedagógicos contidos nas demais Unidades de Aprendizagem. Na medida em que produzem seus trabalhos, os enviam pela Plataforma do Ambiente Virtual para os tutores, que os corrigem, emitem parecer e lhes atribuem nota. No caso de precisarem de aprofundamento, os tutores os

retornam para os alunos com orientações e comentários para que os melhorem e só depois de aprofundados lhes atribuem a nota. No ambiente virtual os alunos estabelecem contatos com o tutor e demais colegas da turma, podem e são estimulados a trocarem idéias e experiências, utilizando as ferramentas próprias da plataforma VIASK.

É nesse contexto, dos momentos pedagógicos a distância, que as tecnologias de comunicação digital do curso facilitam e proporcionam aos alunos, tutores e demais sujeitos envolvidos, como orientador de aprendizagem e instituições responsáveis pelo curso, o ambiente e as ferramentas necessárias à mediação pedagógica, a interlocução e à sua própria realização. Para melhor compreensão sobre estas questões cito uma reflexão de Oliveira<sup>15</sup>:

***“As potencialidades pedagógicas das TICs, na mediação pedagógica da EAD, têm como eixo a construção do saber a distância, modificando-se assim o paradigma que traz o conhecimento como estado e não como processo” (p: 36).***

Portanto, além dos momentos presenciais já apresentados anteriormente, este curso também permite a realização de momentos e práticas pedagógicas coletivas no ambiente virtual. Práticas que são estimuladas pelo uso das tecnologias apropriadas, como *fóruns*, *chat* e outros que devem proporcionar, por um lado, a troca de experiências, diálogo/comunicação e construção de conhecimento entre os alunos e, por outro, o acompanhamento individualizado por parte do tutor a cada um de seus alunos e ainda a troca entre tutor e orientador de aprendizagem.

O espaço virtual contém uma barra de ferramentas com uma série de itens/menus, que quando clicados vão se abrindo e dando acesso a uma série de espaços que oferecem uma variedade de utilização. São tecnologias que permitem abrir pastas, entrar no fórum de discussão, no Chat e iniciar diálogo com os colegas, incluir arquivos disponibilizados em rede, colocar como seu contato usuários do sistema - colegas de turma, tutor, orientador de aprendizagem, conversar/comunicar-se enviar mensagens instantâneas, incluir e modificar anotações, visualizar arquivos, visualizar seu desempenho no Curso, notas, comentários do tutor referente às atividades, dentre tantos outros. Do mesmo modo, este ambiente virtual permite acessar todo o curso e

seu respectivo material didático-pedagógico- UAs, CD-ROM, vídeos, Bibliotecas, dentre outros e ao se clicar em cada item do material, o curso vai se abrindo e permitindo estudar, dialogar e criar.

O curso iniciou em 2006 e formaram-se em 2007 e 2009 dezesseis (16) turmas três (3) em Mato Grosso do Sul; três (3) no Amapá; três (3) em Tocantins; três (3) no Piauí; uma (1) no Maranhão; uma (1) em São Paulo e duas (2) no Rio de Janeiro. Em cada turma foram matriculados vinte (20) alunos que passaram por um processo de seleção, alcançando um total de trezentos e vinte (320). Destes concluíram o curso, duzentos e cinquenta e nove alunos. Portanto, um total de sessenta e um não se formou: uns por motivos pessoais tiveram que trancar o curso; outros por abandono; outros por não terem concluído todas as Unidades de Aprendizagem, ou ainda por não terem realizado a prova e ou o TCC.

Atualmente, em processo de formação temos uma turma em São Paulo e três no Estado de Roraima, com previsão de conclusão em fevereiro de 2010.

O êxito da experiência pode ser medido pela demanda de novas turmas por parte de Estados e Municípios, principalmente das regiões Norte e Nordeste, demandas recebidas constantemente pelo Cesth/Fiocruz e pela CGSAT/MS, reafirmando a necessidade de avaliação das primeiras experiências, incorporando a avaliação dos egressos para o aprimoramento do curso com vistas a implementação de novos cursos.

Assim, considerando o curso enquanto política estratégica de apoio à Rede Nacional de Atenção Integral à Saúde do Trabalhador e integrante de política pública de saúde é importante estabelecer instrumentos e metodologias de avaliação e acompanhamento do curso e dos egressos.

No entanto, tenho consciência de que a avaliação de cursos e de processos de ensino aprendizagem implica múltiplas dimensões e dificuldades, ampliadas no caso da educação a distância pelo seu caráter de novidade e pouco conhecimento sobre o tema, principalmente no que tange a cursos na área de *Latu Sensu* e em especial na Saúde do Trabalhador. A avaliação deve constituir um processo contínuo com múltiplas variáveis a serem consideradas, entre elas: o currículo com suas especificidades por incorporar o mundo do trabalho e o da aprendizagem baseado na realidade local; o programa do curso; o sistema de gestão acadêmica; a avaliação de ensino-aprendizagem; a relação teoria-prática, trazendo os sujeitos da formação, e incluindo-os como

construtores do conhecimento; o desempenho do orientador de aprendizagem e da tutoria; as atividades presenciais e a distância; sua pertinência e efetividade e a produção de conhecimento que acontece no curso em especial na elaboração dos Trabalhos de Conclusão do Curso (TCC).

Pela relevância do tema todas as variáveis descritas acima são objeto de preocupação de um projeto mais amplo de avaliação do curso que está em desenvolvimento no Cesteh com o apoio da CGSAT-MS, que tem como finalidade contribuir para a melhoria do processo ensino-aprendizagem, por meio da construção de instrumentos de acompanhamento e avaliação de egressos que possam orientar a busca de novas informações e conhecimentos no sentido de melhorar a qualidade do curso e para a melhoria da formação dos profissionais de saúde<sup>17</sup>.

Por esta razão, a presente dissertação de Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública e Ambiente é parte integrante daquele projeto maior e propõe neste estudo, a análise das avaliações sobre o curso, tendo como material privilegiado de análise os questionários respondidos pelos alunos concluintes do curso e a construção do perfil desses alunos.

**Referencial Teórico**

O interesse em avaliar as políticas públicas e os programas sociais integrantes dessas políticas, onde se inclui os programas de cursos formativo/educativos, vem crescendo a partir, principalmente, das três últimas décadas. No Brasil, a idéia de avaliação está intrinsecamente vinculada à educação, mas estende-se a outras áreas, em especial aos processos de desenvolvimento e impactos das políticas públicas de Saúde. Assim, reconhecer o caráter de novidade deste estudo sobre a formação em Saúde do Trabalhador a Distância reforça sua relevância e minimiza as possíveis limitações.

O estudo justifica-se pela necessidade de se desenvolver ferramentas de avaliação de ensino-aprendizagem do curso e aperfeiçoar o processo de qualificação dos profissionais do SUS, além de contribuir para efetivar a Política Nacional de Saúde do Trabalhador- PNST no Sistema Único de Saúde. Não faz parte, na maioria dos currículos dos cursos de graduação no Brasil, conteúdos que tragam a discussão acerca da relação saúde trabalho e ambiente, e muito menos a saúde do trabalhador. Justifica-se assim, esta formação junto aos profissionais do SUS.

Para melhor compreensão da proposta de formação adotada e, em especial, da formação em Educação a Distância e avaliação de cursos, procurei construir uma base teórico/conceitual que desse suporte a esta pesquisa. Para isso busquei apoio em autores brasileiros, historicamente reconhecidos, por suas obras nas áreas da: Educação a Distância, da Avaliação Educacional e da Saúde; da Educação e da Pedagogia Crítica; da Educação e Trabalho, e do campo da Saúde do Trabalhador, que explicitarei a seguir, começando com Educação a Distância.

**4.1.1. Educação a Distâncias: *algumas abordagens***

A literatura científica da área de conhecimento da Educação a Distância (EAD) apresenta uma série de estudos relevantes, tanto no Brasil quanto no mundo. Alguns desses estudos afirmam tratar-se de um tema que vem sendo

mundialmente e historicamente construído. No caso do Brasil pode-se dizer que são vários os estudos científicos que versam sobre o tema com apresentação de relatos e experiências vivenciadas em diferentes etapas evolutivas de história do país, a exemplo do que aconteceu em muitos outros países. Aprofundar esta questão não é objeto deste estudo, contudo, avalio ser importante situá-la historicamente e entendê-la como processo. Barros<sup>18</sup> ao versar sobre este tema refere o Jornal A Gazeta de Boston, que no final do século XVIII, anuncia um curso por correspondência oferecido por uma instituição local. Ao dissertar sobre “Cenários e Tendências da Educação a Distância”, em um dos capítulos de sua obra, a autora constrói uma seqüência cronológica para a EAD, situando os principais marcos que nortearam esta modalidade de ensino, tanto a nível nacional, quanto internacional. Também Litwin<sup>19</sup>; Preti<sup>20</sup>; Oliveira<sup>15</sup> tecem significativas discussões mostrando que a EAD não se caracteriza como um *modismo* e tão pouco como uma *prática recente*.

Os estudos de Preti<sup>20</sup> destacam o período de 1970 no Brasil situando, historicamente, programas de educação para trabalhadores que, por algumas de suas características e uso de ferramentas (correio, televisão e outras) podem de certa forma, se aproximar do ensino a distância na atualidade. Porém, estas tecnologias apresentam-se, atualmente muito mais avançadas e sofisticadas. Concluindo este pensamento, Oliveira<sup>15</sup> sinaliza que:

***“as avançadas tecnologias de informação e comunicação (TICs) proporcionam progressivamente, maior flexibilidade à educação, à cultura e ao desenvolvimento profissional e pessoal e contribuem para a criação dos sistemas educacionais do futuro” (p: 35).***

Voltando ainda aos estudos de Preti<sup>20</sup> depreendi de seus apontamentos que a formação de trabalhadores no Brasil está historicamente vinculada à “capacitação” para o trabalho. Ele reafirma que os programas referiam-se “a (re) qualificação do trabalhador na educação” e destinavam-se a formar mão-de-obra para atender aos interesses do mercado. Reforçando esta questão destaquei do trabalho do autor uma de suas reflexões.

***“A década de 1970, sobretudo durante a ditadura militar, imprimirá aos processos pedagógicos a prática reprodutiva de uma educação objetivada. Uma***

***pedagogia tecnicista se tornará dominante aos programas implementados nacionalmente pelo Ministério da Educação e nas práticas pedagógicas. O livro didático e os programas televisivos, como o Projeto Minerva se tornarão instrumentos indispensáveis para o oferecimento de educação a uma massa crescente de trabalhadores” (p: 18).***

Contudo, o modelo de produção que imperou no país até os anos de 1980 o chamado modelo *fordista - produção em massa para mercados de massa* passa por uma crise que se acentua nos anos de 1990. Pode-se afirmar que um dos fatores que contribuiu para isto foi o rompimento de fronteiras e a abertura de espaços para a globalização, que no Brasil ocorreu, de modo mais acirrado nos anos de 1990, o que certamente, também contribuiu para a introdução de novas tecnologias no país. Na interpretação de Preti<sup>20</sup> a intenção foi a de atender a um mercado cada vez mais competitivo que exige, portanto, um novo perfil de trabalhador, como numa das falas do autor que segue abaixo.

***“um novo tipo de trabalhador (...) e a necessidade de se re-pensar a formação escolar e profissional do futuro trabalhador e a necessidade de re-qualificar o trabalhador em serviço para ser competitivo e adaptado às novas demandas do mercado de trabalho” (p: 20).***

Nesta acepção penso ser interessante fazer aqui uma interface das contribuições de Preti<sup>20</sup> com as de Frigotto<sup>21</sup>, que em seus estudos problematiza a relação educação e trabalho desenvolvendo sua reflexão principalmente para a educação profissional. Segundo este autor, o mundo capitalista *“tem no mercado o ‘deus’ regulador do conjunto das relações sociais”*<sup>21</sup> (p: 16).

Os estudos e as reflexões destes autores ampliaram também minhas reflexões quanto ao tema deste estudo. Auxiliaram na leitura do processo formativo e nas relações estabelecidas pelos alunos egressos do Curso de Especialização em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana a Distancia, considerando, neste caso, que estes egressos, sujeitos de formação, são também profissionais/trabalhadores, que atuam diretamente na rede pública de saúde. Olhar criticamente para a avaliação que os egressos deste curso, fizeram de sua formação, pode levar a compreender melhor os vínculos entre

essa formação e o trabalho na saúde, seus problemas, obstáculos e também sua capacidade de produção criativa.

Em continuidade às contribuições dos diversos autores até aqui estudados, destaco também a importância de incorporar outras reflexões de Frigotto<sup>21</sup> no que se refere aos contextos históricos. O autor afirma que em cada contexto histórico, o fator determinante para a constituição de uma sociedade se transforma, seja: ora pela política, ora pela economia, ou ainda pela religião. Deste modo, o contexto histórico que se vivencia atualmente determinado pelos interesses econômicos, hoje globalizados, vem impondo um novo modelo ao país, que segundo Preti<sup>20</sup> acrescenta uma nova característica, que o diferencia dos anteriores, ou seja, aumenta a *responsabilidade do trabalhador*. Neste caso, ainda segundo o autor, a educação busca dois caminhos que o autor refere estarem na Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação- Lei 9.394/1996.

***“se “re-pensar a formação escolar e profissional do futuro trabalhador (...) uma educação de massa (facilitada pela introdução de novas tecnologias de comunicação) (...) que dê conta da (re) qualificação de um contingente expressivo de trabalhadores em curto prazo de tempo” – o outro seria “um modelo mais flexível e aberto de educação acreditado como sendo mais adequada às novas exigências sociais, uma educação continuada, em serviço e ao longo da vida” (p: 20).***

Pode-se então considerar a EAD como construção histórica e inserida em realidades e contextos históricos distintos. Todavia é a partir da década de 1990 que ela vem se consolidando e se configurando no Brasil como estratégia política de formação, tanto na rede privada de ensino quanto na área das políticas públicas e em especial na Saúde Pública. Sua consolidação é reforçada neste início do século XXI e no contexto do Ensino Superior em cursos de graduação e pós-graduação. Neste sentido lembro Martins<sup>22</sup> que a exemplo de outros autores sinaliza que os anos de 1990 marcam, no Brasil, a aprovação da Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que inclui, oficialmente, a Educação a Distância no Sistema Nacional de Educação. Esta Lei, já referida em parágrafos anteriores, estabelece, em seu Artigo 80, que é competência do poder público desenvolver ações de incentivo e de veiculação

de programas de ensino a distância em todos os níveis e modalidades de ensino e de educação no país conforme texto a seguir.

***“o poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada.”***<sup>23</sup>

A aprovação legal da EAD, segundo Oliveira<sup>15</sup> faz com que esta modalidade de educação seja assumida como compromisso nacional. Rosine<sup>24</sup> afirma que a EAD vem se confirmando e se constituindo em uma demanda cada vez mais crescente, o que o autor associa aos avanços das novas tecnologias. Preti<sup>20</sup>, já citado algumas vezes neste estudo, acrescenta que o aumento da demanda por esta modalidade de educação está também relacionado às exigências do mercado produtivo para atender as suas demandas e tendências voltadas para o capital. Quanto às tecnologias, voltando às contribuições de Oliveira<sup>15</sup>, a autora ao referir produção de conhecimento em rede e o uso das tecnologias, chama a atenção para a criação de uma educação e reeducação das pessoas, no sentido de que ao lidar com o *aparato tecnológico - projeto da modernidade – como simples consumidora, o compreendam como fruto da produção humana* (p: 33). Neste sentido a autora destaca o desafio, aqui considerado importante, que é buscar compreender como os modos de conhecimentos são tecidos nas redes virtuais, promovendo a interação de sujeitos, saberes e práticas e sua utilização no processo de formação.

A autora também fala acerca do uso das tecnologias no processo de mediação que na sua concepção:

***“Mediação pedagógica que na EAD enfatiza o processo de produção do conhecimento envolve os suportes mediadores – tecnológicos ou não -, os procedimentos interativos e as relações que envolvem professor/aluno/conhecimento”***<sup>15</sup> (p: 74).

Belloni<sup>25</sup> por sua vez também apresenta a tecnologia na EAD como mediatizadora do processo de ensino-aprendizagem. Segundo esta autora é importante que nesta modalidade de educação o uso dessas tecnologias seja potencializado de maneira que possa propiciar aos alunos um melhor desenvolvimento em sua formação e na perspectiva de mais autonomia. É

interessante aqui, trazer a noção de autonomia defendida por Freire<sup>6</sup>. Segundo este autor *“a autonomia vai-se construindo na experiência de várias, inúmeras decisões que vão sendo tomadas”* (p: 120).

Para Xavier<sup>26</sup>, a comunicação é um importante instrumento no processo de formação em educação e em qualquer que seja sua modalidade e é fundamental à EAD. O autor reforça que *“Comunicação e Educação são conceitos intercambiáveis (...). Educar é Comunicar e Comunicar é Educar”* (p: 9). Nesta concepção suponho interessante trazer novamente Freire<sup>27</sup> para com ele também dialogar e compartilhar com as idéias de Xavier<sup>26</sup> sobre comunicação e educação, somando a estas, o diálogo, o ensino e a pesquisa defendidos por Freire<sup>27</sup> num processo de educação.

***“Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses- que fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”*** (p: 14).

Rosine<sup>24</sup> também reforça a importância da comunicação nos processos de formação em EAD. Mais ainda, o autor chama a atenção para a necessidade de se pensar em um novo modelo de comunicação que instrumentalize a estratégia didática nesta modalidade de educação. Pensar a respeito desta questão representa uma preocupação já que, segundo o autor, são muitos os sistemas de comunicação em EAD que se apresentam distorcidos e ou deturpados.

Sob o ponto de vista conceitual, vários autores vêm tentando construir um conceito para a educação a distância e dentre eles Belloni<sup>25</sup> que, segundo suas reflexões, trata-se de uma modalidade de ensino que:

***“(...) por um lado, é uma modalidade de ensino-aprendizagem que responde aos desafios das sociedades contemporâneas, por outro, deve ser considerada, do ponto de vista conceitual, parte do processo mais amplo que podemos definir provisoriamente como “mediatização” dos processos educacionais, semelhantes ao que ocorre com os processos presenciais*** (p: 192)

Barros<sup>18</sup> em seus estudos traz a questão do ensino e da educação a distância, afirmando que a EAD como processo ensino-aprendizagem deve ser formadora, construtiva e não mero repasse de informações, neste sentido, a autora diz que entre ensino e educação existe uma “pequena” diferença, ou seja, a concepção de ensino pode ser entendida como simples repassador de informações, enquanto que educação supõe que:

***“possibilite a aprender, a saber, a pensar, criar, inovar, atuar ativamente no processo de seu próprio conhecimento (...) trata-se de um processo de humanização, que ao partir da situação concreta em que ocorre a ação educativa, numa relação dialógica, alcança o pessoal e o estrutural” (p: 31)***

Noronha & Xavier<sup>28</sup> argumentam que para um amplo acesso á educação, a EAD pode ser uma ferramenta importante. Mas, destacam: deve-se ter um cuidado especial para que não se transforme em mera transmissão de saberes. Fazem referencia a uma reflexão do professor Pedro Demo, num evento realizado na FIOCRUZ, em agosto de 2002, onde o professor chamou a atenção para os desafios que se colocam nesta modalidade de educação: - *A Educação a Distância vem para ficar, mas não se tem conseguido trabalhar satisfatoriamente com a aprendizagem*<sup>28</sup>. Estas questões reafirmam a necessidade de se investir em processos contínuos e sistemáticos de avaliação, buscando contribuir com a qualidade político-social e pedagógica dos cursos nesta modalidade.

Ainda em suas reflexões, Noronha & Xavier<sup>28</sup> afirmam que a formação, tendo como referencia o sistema a distância, deve estar vinculada ao sistema educacional geral e entendido como totalidade. Deve ter como preocupação os aspectos pedagógicos envolvidos na *“utilização das tecnologias e com a construção de um ambiente favorável a aprendizagem, cumprindo dessa forma as mesmas funções atribuídas a educação presencial”*<sup>28</sup>. O que requer que a EAD vá além dos recursos educativos adaptados às novas tecnologias. Para a educação a distância uma das questões que se coloca, ainda na acepção destes autores, segue registrada a seguir.

***“o ensino a distancia requer uma profunda mudança pedagógica, na qual o paradigma do ensino seja substituído pelo da aprendizagem. Um paradigma que acabe com a figura centralizada daquele que ensina,***

***em favor da idéia do compartilhamento das informações, da pesquisa conjunta e da aprendizagem como fruto de um esforço comum”<sup>28</sup>***  
(p: 11)

Pires (2001 apud Torres<sup>29</sup>) diz que educação a distancia não se lamenta, “discute-se”. Neste sentido, Torres<sup>29</sup> acrescenta ao pensamento daquele autor, que a EAD “*avalia-se, estuda-se, aprende-se, pesquisa-se, escolhe-se e pratica-se*” (p: 175). Considerando estas concepções e concordando com os autores, acrescento que a EAD vem sendo construída num processo histórico, portanto não acabada e para melhor responder as demandas, tanto da formação dos profissionais, quanto de suas práticas junto á população, deve ser compartilhada, continuamente e coletivamente avaliada, compreendendo como coletivo todos os sujeitos envolvidos.

Apesar da educação a distância não ser recente, o que se coloca hoje, obrigatoriamente, na acepção deste estudo é a exigência fundamental de um repensar constante sobre esta modalidade de educação e que cada curso, em seu processo de construção, considere o contexto histórico-político-social do país, suas realidades locais e regionais. No caso do Brasil são grandes as diferenças existentes entre as regiões e neste sentido, coloca-se como determinante para a efetivação da EAD a adoção de práticas avaliativas que imprimam qualidade político-social e pedagógica na perspectiva de responder as demandas sociais.

Por fim tentando concluir este item construído com o apoio de vários autores é importante trazer a reflexão de Freire<sup>6</sup>, não no sentido de EAD, mas no que ele nos fala sobre ensino, que na acepção deste estudo, se aplica em qualquer que seja a modalidade. Portanto, Freire<sup>6</sup> nos diz que: “*ensinar não é transferir, mas criar as possibilidades para a sua produção, ou a sua construção (...) quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado (...) quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender*” (p: 25). Outra reflexão que suponho interessante é a que Santos (1997, apud Oliveira<sup>15</sup>) refere que “*cada método é uma linguagem e a realidade responde na língua em que é perguntada. Só uma constelação de métodos pode captar o silêncio que persiste em cada língua em que é perguntada*” (p: 46).

Nesta concepção, Oliveira<sup>15</sup> reforça que os procedimentos e técnicas de suporte ao processo de pesquisar nos permitem compreender a complexidade

do real. Ainda neste mesmo viés a autora aponta para a emergência de um novo entendimento da educação a distância afirmando que:

***“deve considerar o mundo físico como uma rede de relações, e a educação, em especial na modalidade a distância, precisa basear-se nas interlocuções entre os sujeitos e os objetos, promovendo a abertura de novos diálogos e a resignificação do processo educativo”. (p: 53)***

#### **4.1.2. Avaliação Educacional e Avaliação de Educação a Distância**

Para iniciar este item é importante falar sobre o que entendo por avaliação, tanto na perspectiva de projetos educacionais, quanto sociais e da saúde. Portanto, concebo avaliação não como um ato isolado, mas como processo cognitivo de caráter contínuo e principalmente adequado a cada realidade vivenciada. Reconheço seu caráter histórico e enquanto processo de conhecimento. Cada avaliação adota o seu modelo e o seu caminho, resguardando as devidas circunstâncias. Para efeito deste estudo a avaliação está a serviço da busca da qualidade do curso de Especialização em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana a Distância. Entendo ainda que a avaliação tem um tempo próprio para acontecer, que possui um espaço com relações estabelecidas de aspectos singulares, bem como atores e estrutura que devem ser considerados na avaliação. Logo, compreendo avaliação enquanto processo. Neste sentido é interessante trazer a noção de avaliação de Belloni<sup>30</sup>. Segundo esta autora.

***“entende-se avaliação como um processo sistemático de análise de uma atividade, fatos ou coisas que permite compreender, de forma contextualizada, todas as suas dimensões e implicações, com vistas a estimular seu aperfeiçoamento (p: 15).***

Do mesmo modo, para efeito deste estudo é importante trazer o que Saul<sup>31</sup> nos ensina sobre avaliação, e que contribuiu para a construção das reflexões tecidas no decorrer desta pesquisa. A autora defende em sua obra a concepção de avaliação emancipatória, reforça a idéia de processo e de que a

avaliação deve produzir transformação na realidade. Ampliando este pensamento, ela afirma que avaliação é:

***“um processo de descrição, análise e crítica de uma dada realidade, visando transformá-la. Destina-se à avaliação de programas educacionais ou sociais. Ela está situada numa vertente político-pedagógica cujo interesse primordial é emancipador, ou libertador, visando provocar a crítica, de modo a libertar o sujeito de condicionamentos deterministas. O compromisso principal desta avaliação é o de fazer com que as pessoas direta ou indiretamente envolvidas em uma ação educacional escrevam a sua própria história e busquem suas próprias alternativas de ação” (p: 61).***

As reflexões trazidas pelas autoras referenciadas nestes últimos parágrafos reforçam a compreensão da avaliação enquanto processo, devendo ser contextualizada e gerar mudanças na realidade estudada. No caso deste estudo falo da avaliação numa perspectiva qualitativa e quantitativa, abordagens com as quais trabalhei no decorrer da pesquisa ancorada em autores de referência como Saul<sup>31</sup>, Demo<sup>32</sup> e Minayo<sup>7, 33</sup>. Estes autores argumentam que a avaliação qualitativa e quantitativa contribui para uma maior compreensão do objeto estudado como nos dizeres de Demo<sup>32</sup>, *“avaliação qualitativa supõe no avaliador qualidade metodológica. Isso significa de partida que não faz nenhum sentido desprezar o lado da quantidade, desde que bem feito” (p: 44)*, já Minayo<sup>7</sup>, acrescenta que *“as aproximações quantitativas e qualitativas não devem ser consideradas antagônicas e sim complementares, embora com natureza diferente” (p: 99)*.

Entendo também que a avaliação vai para além da mensuração dos dados, embora, historicamente, as práticas avaliativas, principalmente na área da educação, fundamentavam-se na mensuração, onde os dados quantitativos sempre foram absolutos. Somente nas três últimas décadas, principalmente no Brasil, o campo da avaliação passa a incorporar experiências e modelos mais democráticos especialmente nas avaliações de cursos de pós-graduação. A avaliação nesta concepção é intrínseca à prática pedagógica, trata-se de uma questão epistemológica e também política. Nesta perspectiva, recorrendo novamente a Saul<sup>31</sup> a autora me permite aprofundar esta reflexão como texto a seguir:

***“Em reação à abordagem quantitativa, a década de 60 assistiu, nos Estados Unidos, a um rápido desenvolvimento de enfoques de avaliação alternativa, com pressupostos éticos, epistemológicos e teóricos acelerado, desenvolvimento do interesse sobre a perspectiva chamada de avaliação qualitativa. Esse movimento deveu-se, em grande parte, ao reconhecimento de que testes padronizados de rendimento não ofereciam toda informação necessárias para compreender o que os professores ensinavam e o que os alunos aprendiam” (p:45).***

Minayo<sup>33</sup> por sua vez destaca em seus estudos a metade dos anos de 1980 como o período em que as discussões sobre a avaliação qualitativa começam a ganhar espaço no Brasil, o que possibilitou trazer outras formas de abordagens sobre avaliação. Nessa perspectiva a avaliação passa a ser considerada como um processo e uma construção que se dá no coletivo, envolvendo diferentes atores de áreas de conhecimento diferentes, o que contribui com uma participação mais ampla e efetiva na implementação dos programas sociais. A autora ressalta e nos ensina sobre a importância de aproximar as abordagens qualitativas e quantitativas nos processos avaliativos, entendendo-os como abordagens complementares e não excludentes como na citação a seguir:

***“Fazendo uma síntese sobre a questão qualitativa, superior ao positivismo e às abordagens compreensivistas, a dialética marxista abarca não somente o sistema de relação que constrói o modo de conhecimento exterior ao sujeito, mas também as representações sociais, que lhe atribuem significados. Frente à problemática da quantidade e da qualidade, a dialética assume que a qualidade dos fatos e das relações sociais são suas prioridades inerentes, e que quantidade e qualidade são inseparáveis e interdependentes, ensejando-se assim a dissolução das dicotomias quantitativo-qualitativas, macro/micro, interioridade e exterioridade com que se debatem as diversas correntes sociológicas”<sup>33</sup> (p: 11).***

Com base nos estudos destes autores, percebo a importância da valorização das diversas práticas, seja na área da educação ou na saúde, enquanto sujeitos do processo de redimensionamento de projetos/programas sociais ou como neste caso, avaliação de cursos de formação. Portanto falo de avaliação, não especificamente da aprendizagem dos alunos, mas enquanto

processo que tem como um de seus princípios a participação dos sujeitos envolvidos de modo a criar situações que permitam o surgimento da crítica individual e coletiva. Nesta concepção Saul<sup>31</sup> mais uma vez contribui para ampliar a visão acerca deste estudo, afirmando:

***“O propósito da avaliação qualitativa é compreender a situação - objeto de estudo - mediante a consideração das interpretações e aspirações daqueles que nela atuam, para oferecer a informação que cada um dos participantes necessita a fim de entender, interpretar e intervir de modo mais adequado. A informação não é unívoca nem monopólio de um grupo ou estamento, é um instrumento válido para o contraste e a reafirmação de interpretações e ações de cada indivíduo que participa da atividade educativa. A avaliação define os seus processos e a utilização de seus resultados”***  
(p: 47).

Nesta pesquisa busquei referencia também em Jorge<sup>34</sup> que traz a noção da teoria articulada às diversas práticas educativas, levando-nos à compreensão da importância desse aspecto nas práticas de avaliação. Na mesma perspectiva, considerá-las como historicamente localizadas.

***“É na interseção da teoria com as várias práticas educativas, historicamente localizadas, que se podem plantar bases de desenvolvimento dos vários currículos críticos e progressistas ou das várias pedagogias críticas”*** (p: 2)

Ainda sobre avaliação Lckesi<sup>35</sup> argumenta a respeito da importância de se buscar uma melhor qualidade de vida e que a avaliação seja utilizada como um recurso pedagógico necessário à contribuição de todos os sujeitos envolvidos. Para tanto é preciso que se busque a construção de cada um e do seu melhor modo de ser na vida. Nesta perspectiva percebo a avaliação como capaz de contribuir para um novo olhar das teorias e das práticas, por meio de sua articulação e discussão, bem como do conhecimento acadêmico repassado pelo curso e incorporado pelos alunos. Deste modo, a avaliação pode proporcionar tanto o rever das práticas nos serviços de saúde, quanto na revisão do conteúdo e metodologia do curso. A seguir uma citação do autor, que se refere à avaliação da aprendizagem e não de cursos – como é o caso do meu estudo – mas que trago para minhas reflexões por entender a

amplitude de seu pensamento que não se limita a questão da aprendizagem pura e simples.

***“A avaliação da aprendizagem escolar se faz presente na vida de todos nós que, de alguma forma, estamos comprometidos com atos e práticas educativas. Pais, educadores, educandos, gestores das atividades educativas públicas e particulares, administradores da educação, todos, estamos comprometidos com esse fenômeno que cada vez mais ocupa espaço em nossas preocupações educativas”<sup>35</sup> (p: 1).***

Assim, vejo a avaliação como uma ferramenta construtiva, inclusiva devendo envolver os mais diversos segmentos que protagonizam o objeto da avaliação qualquer que seja ele. Neste caso, a riqueza está na possibilidade de que este processo contribua para a construção de referenciais, temas, elementos que possam compor os instrumentos de avaliação e acompanhamento de egressos de cursos de formação em saúde do trabalhador.

Destaco também como contribuição de Luckesi<sup>35</sup> ao processo de reflexão para este estudo, o ato de avaliar, que segundo o autor, implica dois processos articulados e indissociáveis - *diagnosticar e decidir* (grifos do autor). Estes estão intimamente ligados e devem constituir a demanda de toda e qualquer avaliação educativa. Este processo (diagnosticar) ainda segundo Luckesi<sup>35</sup> constitui-se de: uma *constatação* e de uma *qualificação do objeto* da avaliação. Constatar é ter claro o estado de algo, tendo por base *suas propriedades específicas*. Como ele próprio refere:

***“A constatação sustenta a configuração do 'objeto', tendo por base suas propriedades, como estão no momento. O ato de avaliar, como todo e qualquer ato de conhecer, inicia-se pela constatação, que nos dá a garantia de que o objeto é como é. Não há possibilidade de avaliação sem a constatação (...) é a "base material" para a segunda parte do diagnóstico, que é qualificar-atribuir uma qualidade, positiva ou negativa, ao objeto que está sendo avaliado” (p: 2).***

O autor reforça ainda que a qualificação deva ser estabelecida mediante um *determinado padrão e um determinado critério* determinado para o objeto

de avaliação, o que representa estarem envolvidas, neste processo, uma série de questões teórico e culturais.

**“O ato de qualificar, por si, implica uma tomada de posição – positiva ou negativa –, que, por sua vez, conduz a uma tomada de decisão (...) o ato de avaliar não é neutro, não se encerra com a constatação. É dinâmico que implica na decisão do que fazer”<sup>35</sup> (p: 3).**

Autores como Hoffmann<sup>36</sup> e Vasconcellos<sup>37</sup> também contribuem com suas reflexões sobre avaliação, no sentido de compreendê-la numa perspectiva mais ampla. Estes autores concebem avaliação como um ato pedagógico que se dá no interior de uma instituição escolar que não está solta no espaço, mas inserida num determinado contexto histórico. Hoffmann<sup>36</sup> reafirma ser fundamental ao processo educativo a *“perspectiva de ação avaliativa como uma das mediações pela qual se encorajaria a reorganização do saber”* (p: 63). Nesta acepção considero a avaliação como problematizadora, questionadora, que envolve uma ação reflexiva sobre a própria ação.

Somo às reflexões sobre avaliação dos autores até aqui estudados, contribuições de outros autores considerados de igual importância para este estudo e que apresentam estudos também sobre avaliação em EAD. Para Saraiva<sup>38</sup> a avaliação de constituir um processo sistemático de levantamento e interpretação de informações que devem contribuir e ser capazes de fundamentar um julgamento do mérito e valor de um objeto, com o propósito de mantê-lo, melhorá-lo ou substituí-lo. Nesta perspectiva, a autora argumenta que na educação e, em especial na educação a distância, este conceito deve ser aplicado e esclarecido em face de:

**“complexidade da ação educativa, sua estreita vinculação com a prática social e cultural, sua multiplicidade de aspectos que se traduzem em variáveis socioculturais, sócio-políticas, socioeconômicas, psicossociais, exigem ainda a consideração de que estas variáveis se concretizam em expressões próprias de personalidades individualizadas, tanto de docentes quanto de discentes, que se relacionam diretamente ou através de mediações”<sup>38</sup> (p: 1).**

Esta autora enfatiza que nos processos de avaliação educacional, qualquer que seja sua modalidade, é imprescindível o não engessamento e

nem se prender a modelos quantitativos de levantamento e interpretação de dados. Contudo, reforça que estes não devem ser desprezados, o que permite entender que deve caminhar na direção de uma avaliação que nos aproxime cada vez mais da realidade fazendo uso, quando necessário, de abordagens que melhor respondam aquilo que se deseja e que contribua para construção e avaliação dos resultados.

***“a avaliação necessariamente deverá levar em conta sua estrutura e as relações de sua estrutura com o contexto. Conseqüentemente, a presença de dados quantitativos é fundamental, mas só farão real sentido se forem complementados por explicações, que extrapolam o puramente quantitativo, abrangendo questões referentes a valores, percepções, motivações, intenções”***<sup>38</sup> (p.1).

Prosseguindo em suas argumentações, Saraiva<sup>38</sup> ressalta alguns elementos a serem considerados num projeto de educação a distância deve como dimensões mais significativas: *“a aprendizagem do aluno distante; o ensino ministrado à distância; os meios utilizados e sua adequada aplicação; o funcionamento do sistema de comunicação; o desempenho institucional das instâncias responsáveis pelas etapas do projeto”* (p: 3).

Cerny & Ern<sup>39</sup> comentam sobre a existência de uma extensa literatura que discorre sobre o tema avaliação em Educação a Distância. Porém afirmam que esta literatura ainda apresenta deficiências no que tange a abordagens que caminhem na perspectiva de uma avaliação *“inserida no processo de ensino, constituindo-se um processo de comunicação de ida e volta entre professor e alunos”*. E afirmam:

***“professores e alunos desempenham novos papéis e a transmissão do conhecimento já não é considerada a forma mais eficaz e única de formar sujeitos. A auto-aprendizagem constitui-se uma inovação necessária nos processos de educação mediados pela tecnologia de aprendizagem”*** (p.5).

Bruno & Morais<sup>40</sup> trazem a questão da avaliação e do diálogo como instrumentos importantes ao processo de formação e indicam que, por meio dos fóruns de discussão e chats é possível construir diálogo e vínculos relacionais que incentivem a participação de todos os envolvidos e uma avaliação participativa. Destacam a utilização das tecnologias como

instrumentos que, não só contribuem com o processo formativo, mas também no processo de avaliação, já que as tecnologias podem favorecer o fortalecimento das relações de comunicação e diálogo. Os autores referenciam em seus estudos uma citação de Demo (2004) que reforça suas concepções: *“a participação ativa e democrática de todos os envolvidos. Apesar de o processo de aprendizagem ser individual, ele se desenvolve pela interação do indivíduo com o outro e com o meio (contexto)”*<sup>40</sup> (p: 59).

#### **4.1.3. Educação a Distância e Saúde Pública**

Para iniciar esta discussão retomo Preti<sup>20</sup> cuja concepção se aproxima, de certo modo, com a da formação no campo da Saúde Pública. Lembrando que o autor coloca, dentre outras questões, que a EAD como um modelo mais flexível e aberto de educação pode contribuir para atendimento das novas exigências sociais, uma educação continuada, em serviço. Percebo, também, que as mudanças nas concepções e práticas da saúde vêm exigindo que os trabalhadores do SUS sejam “qualificados” de modo rápido e extensivo, o que não é possível pela adoção exclusiva de cursos presenciais. A necessidade de aproximar as políticas sociais, incluindo a da saúde, face a sua fragmentação histórica, mesmo depois da promulgação da Constituição Federal<sup>12</sup> e a Lei Orgânica da Saúde<sup>3</sup>, vem sendo fortemente apontada por muitos pesquisadores, estudiosos sobre o tema, dentre eles muitos do campo da Saúde do Trabalhador nos quais também me apoiei para a construção desta base teórica e serão mais adiante referenciados.

Procurando atender aquelas demandas, o Ministério da Saúde vem desenvolvendo políticas na área da educação/formação em todos os níveis do SUS, no qual se inclui o Curso de Especialização em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana a Distancia. Neste caso procura-se aproximar profissionais de diferentes áreas de formação acadêmica, setores/instituições e regiões, para uma formação multi-interdisciplinar, intra e intersetorial e interinstitucional. Pretende-se assim, diminuir a fragmentação das políticas e conseqüentemente dos serviços prestados à população, mais ainda, que possibilite o entendimento da saúde em seus aspectos amplos e que esta deixe de ser centrada na figura do médico e sob o aspecto puramente curativo. Esta é uma das muitas exigências de mudanças de práticas colocadas pela Saúde Pública. Sobre esta fragmentação, Carvalho & Dupret<sup>41</sup> apontam que a formação deve incluir, além

dos diversos profissionais, também os gestores e, destacam que a educação a distância é uma das possibilidades e estratégia política para dar conta desse desafio.

Nas reflexões tecidas, no decorrer das leituras para construção da base teórica deste estudo, em vários momentos observei que o Brasil na década de 1990 e a partir dela, vem experimentando o que, poderia caracterizar-se como período de reversão ou perda das conquistas sociais que resultaram de um longo processo de lutas populares no país. Estas conquistas, que representam um esforço coletivo, foram e estão consagradas na Constituição Federal de 1988. Mas, com o avanço das políticas neoliberais, que se fortalecem no Brasil, mais especificamente a partir daqueles anos, vêm dificultando a efetivação dessas conquistas na prática. O período de reversão vem se configurando no que Behing (2003 apud Santos<sup>42</sup>) denomina "*de contra - reforma do Estado, visto seu caráter regressivo e conservador*" (p: 18).

Considerando o período pós-constituição de 1988, percebe-se que a partir da década de 1990 vem se configurando mais efetivamente a necessidade de se construir propostas que respondam aos princípios legais norteadores do Sistema Único de Saúde. Na construção dessas propostas é importante considerar o contexto histórico-político-social que o país vem vivenciando principalmente, nas últimas duas décadas, no sentido de buscar estratégias construtivas que revertam em mudanças sociais.

Uma estratégia é instrumentalizar teórico e politicamente os profissionais que atuam na área de serviços de saúde e outros do setor público, mediante um processo formativo/educativo numa perspectiva crítica, reflexiva, que permita o rever das práticas profissionais e contribua com a efetivação das políticas públicas sociais e de saúde. Entretanto, esta estratégia não é única nem suficiente. Para que mudanças concretas aconteçam é necessário que a formação venha acompanhada por outras políticas sociais. Reforço a importância desta formação, no sentido de fortalecer e efetivar a Política do Ministério da Saúde para a formação da rede e melhoria da qualidade de atendimento à população de um modo geral e em particular a saúde dos trabalhadores. E neste caso recorro, mais uma vez, às reflexões de Carvalho & Dupret<sup>41</sup> que referem à educação permanente como uma política importante para o processo de formação:

***”Responde a atual política do Ministério da Saúde brasileiro para formação de profissionais do SUS- Política de Educação Permanente em Saúde, que considera como base do processo a aprendizagem significativa; aposta na produção coletiva para a superação dos problemas identificados; estrutura os processos de formação dos trabalhadores da saúde a partir da problematização das práticas e da organização do trabalho; sustenta a transformação dos processos de trabalho na reflexão crítica sobre práticas reais com profissionais reais; e toma como referencial as necessidades de saúde das pessoas, a gestão setorial e a promoção da saúde” (p: 4).***

Ao trazer esta citação, destaquei nela o que os autores falam sobre Educação Permanente. Justifica-se o destaque pela importância de não se encerrar a formação com o término do curso, mas que se pense em possibilidades de implementar o processo de Educação Permanente, aspecto que o autor aponta enquanto uma das políticas do MS. Neste momento voltamos a Freire<sup>27</sup>:

***“A educação é permanente não porque certa linha ideológica ou certa posição política ou certo interesse econômico exigem. A educação é permanente na razão, de um lado, da finitude do ser humano, de outro lado, da consciência que ele tem de sua finitude. Mais ainda, pelo fato, ao longo da história, de ter incorporado à sua natureza não apenas saber que sabia, mas saber que sabia e, assim saber que podia saber mais. A educação e a formação permanente se fundam aí” (p: 20).***

A proposta de Educação Permanente é uma das preocupações do Ministério da Saúde que, em 2004, criou a Portaria 198 instituindo a Política Nacional de Educação Permanente como Estratégia para formação de profissionais que atuam no Sistema Único de Saúde. A educação permanente, apoiada na concepção da pedagogia de Paulo Freire<sup>43</sup> afirma que o vigor da capacidade de uma política pública voltada para a formação em saúde, está em buscar uma melhor qualidade dos serviços e, em consequência, um melhor atendimento à população. Assim, em agosto de 2007 foi publicada a Portaria 1996/2007<sup>44</sup> que reafirma a anterior e dispõe sobre a Educação Permanente na saúde, reafirmando então a preocupação com uma melhor formação dos profissionais. Reforço, na concepção deste estudo, a perspectiva crítica

humanizadora de atuar no presente para alterar o futuro – pensar a ação permanentemente e politicamente.

A base dessa pedagogia, segundo Freire<sup>43</sup> é a necessidade ontológica da esperança. Uma de suas funções - de uma educação da esperança - é desvelar as possibilidades para que se alcancem mudanças por meio da análise política. Nesse caso, os obstáculos são considerados, apesar de terem pouca importância como impedimento: a esperança precisa se ancorar na prática; a esperança precisa da prática para se tornar concretude histórica; é ela uma força indispensável à construção recriadora do mundo: “*Não há mudança sem sonho, como não há sonho sem esperança*” (p: 91).

Concebo a formação e a educação em Saúde do Trabalhador seja na modalidade presencial ou a distância, a possibilidade de ir além dos conhecimentos acumulados ou mesmo a troca de experiências obtidas no cotidiano de trabalho. Esta formação significa compromisso político com a classe trabalhadora por meio da construção de uma consciência crítica dentro de uma perspectiva histórica de mudanças. Nesta perspectiva é possível influir sobre a realidade onde os alunos/profissionais atuam ou vão atuar. Assim, as concepções teórico-metodológicas que devem nortear a formação no campo da ST devem considerar o processo de trabalho como central das condições de vida e saúde dos trabalhadores. Nestas concepções vem se consolidando o campo da ST, logo, desenvolver este estudo, buscando valorizar a avaliação feita pelos egressos sobre o curso que vivenciaram certamente trará elementos importantes que permitirão efetivar as modificações necessárias a sua melhoria.

#### **4.1.4. Pedagogia Crítica**

Trabalhar com a concepção da pedagogia crítica neste estudo tem como perspectiva o aprofundamento das reflexões no decorrer do desenvolvimento da pesquisa. A reflexão será enriquecida, por meio dos principais autores desta corrente de pensamento como Freire<sup>27, 43, 6</sup> no campo da educação popular, Frigotto<sup>45, 46</sup>, Arroyo<sup>47</sup>; e Nosella<sup>48</sup> no campo da educação e trabalho. Na concepção destes autores a verdadeira função da educação é a de humanizar o homem na ação consciente que este deve fazer para transformar o mundo.

De modo que ser relação humana, onde o diálogo configura-se como elemento central deste processo é o que confere sentido específico à educação.

Frigotto<sup>45</sup> nos diz que: a formulação de uma proposta de formação a partir da compreensão da dinâmica social nos remete ao campo das reflexões das ações educativas como na reflexão do autor: *“a direção das propostas e práticas educativas devem geminar no interior dos movimentos e organizações da classe trabalhadora e de suas lutas concretas”* (p: 192)

Depreende-se, desta concepção, que a investigação e a formação em saúde do trabalhador para práticas educacionais no SUS devem ter como objetivo a qualificação direcionada para o desenvolvimento e exercício da criatividade e do diálogo. Neste sentido, é possível construir possibilidades de troca e de conhecimento entre os sujeitos em formação e os trabalhadores que demandam os serviços de saúde.

Entende-se que os processos educativos em Saúde do Trabalhador são ações que produzem conhecimento sobre a realidade. Conhecimento este que se constrói, prioritariamente, nas práticas educativas e num processo coletivo, de grupo. Isto contribui para a busca de mudanças que atendam a melhoria da qualidade de vida da população trabalhadora e para que alcance um conhecimento prático que sirva de base para mudanças concretas e ainda possibilite aos trabalhadores - profissionais da saúde uma formação que concilie o mundo do trabalho com a ciência. Destaca-se, neste estudo, que os alunos deste curso constituem o quadro de trabalhadores do SUS, nas suas mais diversas complexidades, portanto profissionais que se formam em Saúde do Trabalhador e em serviço, o que sugere uma peculiaridade nesta área de conhecimento. Razão pela qual, em diversos momentos deste estudo denomino alunos/profissionais da saúde.

Assim o coletivo é o lócus privilegiado dos processos educativos e culturais, como refere Arroyo<sup>47</sup>:

***“toda pedagogia do trabalho adquire seu sentido no fato de ser uma ação humana. A teoria pedagógica se empobrece quando seu foco deixa de serem as pessoas e as relações sociais. Ser relação humana é o que confere o sentido específico a educação. A presença das pessoas faz parte de toda ação formadora”*** (p: 163-165).

Freire<sup>49</sup> nos diz que o diálogo é práxis, o que significa, segundo o autor, exigência da superação da contradição educador-educando, sujeito-objeto, que implica reflexão-ação dos homens em sua relação sobre o mundo para transformá-lo, o que confere aos trabalhadores, papel ativo como sujeitos do processo de conhecimento. A partir da reflexão sobre sua própria experiência e no exercício do diálogo, os alunos/profissionais deste curso, podem atuar como agentes multiplicadores do conhecimento que construíram através do processo formação/educação, compartilhando-o com os trabalhadores e a população de um modo geral quando buscam os serviços de saúde.

Falo, neste estudo, de um diálogo emancipador que recria os vínculos de solidariedade entre os trabalhadores, mediante um processo de conhecimento e discussão sobre o trabalho gerando autonomia de ações e a construção de solidariedade entre os grupos. Completando este pensamento, Nosella<sup>48</sup> defende a construção de uma “pedagogia concreta”. Uma pedagogia que se move em determinado horizonte político e que, junto com os trabalhadores oferece a possibilidade de, sobre os dados levantados e analisados pelo grupo de pesquisadores, decidirem conjuntamente as mudanças pela humanização dos ambientes de trabalho. Freire<sup>49</sup>, em suas reflexões sobre educação refere:

***“Dissemos que a educação como situação gnosiológica, significa a problematização do conteúdo sobre o qual se co-intencionam educador e educando, como sujeitos cognoscentes. Nesta co-intencionalidade do objeto, os sujeitos cognoscentes vão penetrando nele, em busca de sua “razão”... deste modo, o objeto (que pode ser uma situação-problema), vai se “entregando” aos sujeitos cognoscentes como parte de uma totalidade maior” (p: 85).***

Nesta concepção a educação-formação implica um processo contínuo em toda a história de vida das pessoas, do mesmo modo, as relações entre os sujeitos devem ser construídas por todos os envolvidos no processo e alicerçadas por bases éticas, respeitando a singularidade, os valores e as diferenças entre as pessoas em qualquer modalidade de educação.

#### 4.1.5. Avaliação de Cursos e Acompanhamento de Egressos

O tema avaliação de cursos de formação vem se constituindo em uma demanda crescente na perspectiva de se buscar sua efetividade. No caso de cursos integrantes das políticas públicas, como é o caso deste estudo, a demanda torna-se maior e urgente, considerando a exigência de recursos públicos, que por sua vez deve gerar valor para a sociedade. Portanto, a avaliação de cursos e, principalmente, os de modalidade a distância, é um desafio que se coloca para todos os educadores, em especial, reforçando, para os da área das políticas públicas.

São vários os estudos e relatos de experiências que versam acerca da questão em pauta e vem sendo também motivo de preocupação das instituições formadoras, considerando que a avaliação tornou-se uma exigência legal. Assim, na perspectiva de garantir a avaliação de cursos, o Ministério de Educação por sua vez, ao estabelecer indicadores de qualidade para cursos de graduação de modalidade a distância, dá ênfase a necessidade de estes serem acompanhados e avaliados em todos os seus aspectos, de forma sistemática, contínua e abrangente devido a seu caráter diferenciado e aos desafios que enfrentam<sup>50</sup>.

Ao revisitar alguns desses estudos pude identificar a recorrência da necessidade de se investir em processos e desenvolvimento de metodologias avaliativas, com destaque também para os egressos como sujeitos deste processo e ainda de se estabelecer formas construtivas de acompanhamento desses profissionais, que no caso deste estudo, entendo o acompanhamento como uma das práticas inerentes ao curso, na perspectiva de uma reflexão constante sobre a formação e seu reflexo na prática profissional.

Trata-se, então, de questões que vêm imprimindo importância, não só no aspecto legal, mas principalmente na comunidade científica, onde vários autores buscam construir metodologias que contribuam, como nos dizeres de Carvalho<sup>51</sup>, para o desenvolvimento de serviços que expressem qualidade de modo a atender as demandas da realidade social. Este autor aponta para importância de uma avaliação institucionalizada, nesta mesma acepção, Faria<sup>52</sup> reforça a idéia de que a institucionalização da avaliação é uma forma de garantir a racionalização dos processos decisórios e a legitimação das políticas públicas, onde a meu ver se inclui os cursos de formação em saúde. Dias

Sobrinho<sup>53</sup> também, em suas contribuições, reforça este pensamento e destaca que, cada vez mais, a discussão sobre avaliação faz parte do cenário não só da educação, mas também das organizações como um todo e, ainda segundo o autor, a avaliação é:

***“uma prática social orientada, sobretudo, para produzir questionamentos e compreender os efeitos pedagógicos, éticos, sociais e econômicos do fenômeno educativo, e não simplesmente uma operação de medida e muito menos um exercício de discriminação e comparação”<sup>53</sup> (p: 177).***

Pena Firme<sup>54</sup> por sua vez, reforça a importância da avaliação e ressalta que a excelência do processo avaliativo-educativo está em ser útil na informação que oferece ser viável na realização de sua trajetória, na ética e em seus objetivos.

Assim, ao falar de avaliação de cursos e egressos, o faço com base nas contribuições dos diversos autores nos quais busquei suporte teórico e, sobretudo, na concepção de que egresso é sujeito, não só do processo ensino aprendizagem, mas também construtor de conhecimento, integrante e participativo do processo maior da formação, que inclui a avaliação do curso. Logo, ao direcionar esta pesquisa para a avaliação do Curso de Especialização em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana na modalidade a distância, privilegiando os egressos como informantes-chaves, procuro imprimir ao estudo princípios caros à Saúde do Trabalhador, dentre eles a valorização do saber e das experiências dos alunos/egressos que vai ao encontro de um dos princípios preconizados no Modelo Operário Italiano (MOI)<sup>55</sup> Trata-se de um modelo que evidencia uma nova cultura, onde os saberes da experiência dos trabalhadores se unem aos saberes da ciência na perspectiva da construção de propostas que contribuam para a melhoria das condições de vida e trabalho. A junção destes saberes propõe uma nova forma de pesquisar, onde o saber que vem da experiência constitui um fator fundamental do processo.

Deste modo, privilegiar a avaliação do curso, por meio dos valores, concepções, opiniões e experiências dos egressos na realização desta pesquisa avaliativa, significa valorizar suas contribuições para redirecionar/reorientar ou para revitalização do curso. Olhar, com um olhar crítico para os apontamentos expressos pelos alunos, mediante suas avaliações é a possibilidade de contribuir, inclusive, para a implementação de

novos cursos, considerando a demanda nacional por esta modalidade de formação em Saúde do Trabalhador e que estejam cada vez mais de acordo e ou afinados com a realidade local, regional e nacional. Ayres<sup>56</sup> em seus estudos de dissertação de mestrado profissional sobre “Análise Institucional do Curso Técnico de Pesquisa em Biologia Parasitária do Instituto Oswaldo Cruz” conclui que.

***“avaliação dos processos educativos, a partir dos egressos ou outras modalidades, tem sido governos nacionais, dos organismos internacionais, das agências reguladoras e das instituições de ensino, como forma de promover o permanente aperfeiçoamento acadêmico e melhor conduzir as políticas de ensino, pesquisa, extensão e gestão” (p: 3).***

Minayo<sup>57</sup> em pesquisa realizada sobre avaliação de Programas de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, no período de 1997-2007, observou que:

***“Há uma exigência social de que os estudantes de pós-graduação sejam mais bem formados quanto a conteúdo e técnicas. Nesta hipótese se assume a crítica cada vez mais persistente de ex-alunos e das instituições quanto ao ‘saber fazer’” (p: 10).***

Esta pesquisa, segundo Minayo<sup>57</sup>, “teve forte componente de auto-avaliação no sentido estrito do termo” e ainda segundo a autora, “considera-se auto-avaliação o primeiro passo para o caminho da aprendizagem e da transformação, na construção do processo avaliativo” (p: 10). A auto-avaliação na concepção da autora envolve a contribuição de todos os sujeitos envolvidos nos processos de estudo e de análise, incluindo os estudantes.

Os autores Almeida et al<sup>58</sup> também refletem sobre o assunto e comentam que a auto-avaliação é:

***“um processo de autoconhecimento que possibilita uma análise crítica da prática pedagógica e administrativa de uma instituição educacional. Permite identificar situações passíveis de mudanças a fim de melhorar a qualidade dos diferentes processos (...) a participação de toda a comunidade acadêmica é importante no processo avaliativo” (p: 516).***

Oliveira<sup>15</sup> apresentou uma pesquisa onde, além de situar historicamente a EAD e seu desafio frente aos novos paradigmas, desenvolveu estudos sobre Cursos de Especialização em Educação Continuada e a Distância da Universidade de Brasília (UNB) tendo, porém, centrado estes estudos na terceira edição desse curso. Para a realização do estudo, a autora priorizou o que ela denominou “fontes vivas” de informação. Neste caso, trabalhou com os sujeitos que vivenciaram a experiência: professores, alunos, tutores e coordenadores.

Os alunos do curso eram professores da área da educação e trabalhavam nas diversas instituições como secretarias estaduais e municipais de Educação, Universidades e outros órgãos públicos que trabalhavam com programas de EAD. O número de concluintes do curso, segundo a autora, somava um total de cento e quarenta e seis (146) profissionais.

Pela riqueza, amplitude e complexidade dos dados avaliados pela autora muito bem detalhados em seu livro, destaquei aqui apenas alguns dos que a autora classifica como pontos altos da avaliação do curso, dentre eles: o protagonismo do sujeito como pessoa, o autor e ator do mundo, no centro de conhecimento; o saber da experiência - autoconhecimento, conhecimento autobiográfico – começa a ser valorizado na busca de superação da dicotomia entre sujeito objeto do conhecimento; a articulação do conhecimento local com o global, por meio de parecerias; preocupação com o trabalho coletivo, o desempenho dos orientadores acadêmicos, exercitando o diálogo constante para motivação<sup>15</sup> (p: 126 e 127).

Outros pontos de destaque da avaliação foi o papel das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) como alternativas tecnológicas a esta modalidade de educação. A autora identificou também como marcante na experiência em análise, “a prática do aprendizado cooperativo possibilitado pelo trabalho em rede, pelo uso intenso da internet”<sup>15</sup> (p: 66). Os fóruns de discussão foi outro ponto de destaque neste estudo, que foram identificados como “espaço interativo de conversação, pesquisa e construção” (p: 81).

Como pontos de fragilidade a autora identificou dentre outros: a administração do tempo para o estudo a distância e as demais atividades do trabalhador estudante; o baixo índice de participação nos fóruns de discussão; a organização curricular em disciplinas, integrando-as pontualmente na elaboração do projeto Institucional; impasses da orientação acadêmica em

acompanhar os alunos, sem dirigi-los, em dosar os momentos da intervenção e sua freqüência, em certificar-se de que os trabalhos elaborados foram feitos pelos próprios alunos. Outro destaque da autora refere-se ao que ela chama de "nó" quanto à democratização do acesso às tecnologias avançadas de comunicação digital e seu potencial de dispor, a serviço do coletivo, esse conhecimento. Neste sentido a autora destaca que esse conhecimento é direito de todo o cidadão usufruí-lo gratuitamente<sup>15</sup> (p: 128 e 129).

Também Adams et al<sup>59</sup> realizaram uma pesquisa, no período de 1986 a 1988, em Mato Grosso do Sul, com o objetivo de avaliar a prática profissional dos egressos dos Cursos de Especialização em Saúde Coletiva. Adotaram como metodologia de avaliação a incorporação da percepção dos egressos a respeito de sua prática profissional e, do mesmo modo, a percepção das pessoas que usufruem diretamente das atividades de trabalho desses egressos - alunos ou colegas de trabalho dos egressos.

O universo deste estudo foi de 151 egressos para quem foram enviados questionários e 453 beneficiários para os quais também foram enviados questionários. A resposta dos egressos aos questionários foi de 70 (40,4%) ao que as pesquisadoras denominam auto-avaliação dos egressos e, dos beneficiários o alcance de respostas foi de 131 (28,9%) de beneficiários de 69 egressos.

Para aferir a validade e consistência dos resultados encontrados nos dois grupos de estudo, acerca dos conceitos avaliativos, as pesquisadoras fizeram uma comparação entre os resultados obtidos na auto-avaliação dos setenta egressos e os resultados obtidos na avaliação realizada pelos beneficiários dos sessenta e nove egressos. Para os egressos que possuíam mais de um beneficiário, as pesquisadoras consideraram a média das avaliações de seus beneficiários. Na comparação, segundo as pesquisadoras, os resultados foram muito semelhantes.

Por fim, e como algumas das conclusões da pesquisa as pesquisadoras identificaram como positivo, na prática profissional dos egressos, além da formação específica recebida pelo curso, também a constante atualização e reciclagens. O relacionamento interinstitucional, a integração e o comprometimento da equipe de trabalho constituíram também pontos positivos do curso. Quanto aos pontos considerados negativos, a avaliação do curso apontou: a estrutura organizacional inadequada, desvalorização profissional e

predomínio das ingerências políticas em detrimento dos aspectos técnicos <sup>59</sup>(p: 272).

Maciel et al<sup>60</sup> desenvolveram estudos de avaliação de egressos do Curso de Especialização em Saúde da Família (PSF) no Espírito Santo. O estudo centrou-se na descrição do perfil dos egressos e na avaliação da contribuição do curso sobre a reorientação das práticas em saúde. Trabalharam com uma amostra de quarenta e sete egressos do curso de 2007, aos quais aplicaram um questionário semi-estruturado, com perguntas abertas e fechadas. A pesquisa, segundo as pesquisadoras apontou contribuições do curso para mudanças das ações de trabalho dos egressos, considerando que a maioria dos egressos afirmou que o conhecimento obtido no curso tem aplicabilidade na sua prática; contribuiu para que os alunos, após o curso, conseguissem planejar ações sobre o perfil epidemiológico da área de atuação. Além disso, o curso se mostrou relevante na capacitação profissional dos egressos, por meio de constante adequação dos conteúdos didático-pedagógico, com a adoção da política de educação permanente.

Entretanto, alguns limites foram identificados pelas pesquisadoras, principalmente no que se refere ao instrumento utilizado no estudo, que verificou somente as ações sob o ponto de vista dos alunos, podendo segundo as pesquisadoras, sugerir um viés de informação. Outro dado importante que a pesquisa revelou é quanto à fragilidade do vínculo empregatício aliado a baixa remuneração dos trabalhadores/alunos/egressos, podendo influir na não continuidade das ações desses profissionais, ou até mesmo na não implementação dessas ações, devido à alta rotatividade de profissionais e desconstrução de vínculos. Situações que podem imprimir prejuízo ao investimento feito para a formação.

Lousada & Martins<sup>61</sup> em estudos desenvolvidos sobre Gestão dos Cursos de Ciências Contábeis, reforçam a importância da participação dos egressos no processo de avaliação e destacam o acompanhamento de egressos como um elemento importante à sua formação e avaliação dessa formação. Segundo as autoras, o acompanhamento é instrumento fundamental à contribuição das instituições de ensino superior para uma contínua melhoria nas ações de planejamento e no processo de ensino-aprendizagem: *“O acompanhamento de egressos pode ser inserido no contexto da avaliação institucional como componente que irá auxiliar no apontamento da realidade*

*qualitativa (...) como uma das formas que vai conferir significado a avaliação”* (p: 76).

Pena<sup>62</sup> também expressa sua concepção a respeito de acompanhamento de egressos. Segundo esta autora, trata-se de um processo contínuo, cujo procedimento metodológico deve ser implementado a partir das decisões gerenciais e pela coletividade que envolve o processo de ensino-aprendizagem. Ainda segundo a autora, egresso na área da educação é considerado todo o aluno que conclui o curso em todas as suas dimensões e recebe certificação. Sob o aspecto da Lei, a autora refere que:

***“A Portaria nº 646, de 14 de maio de 1997, que regulamenta a implantação do disposto nos Artigos 39 a 42 dessa mesma Lei e no Decreto no 2.208/97 e “dá outras providências”, faz referência a egressos, porém de uma forma ampla, como se observa no Art. 90: “Parágrafo único. “Os mecanismos permanentes deverão incluir sistemas de acompanhamento de egressos e de estudos de demandas profissionais” (p: 3).***

Neste sentido, e ainda na visão da autora acima referenciada, a adoção de práticas de acompanhamento de egressos por parte das instituições pode construir uma forma *“de compreender a educação, no sentido de transformá-la mediante ações coerentes, utilizando, as próprias contradições da sociedade”*<sup>62</sup> (p: 4). Sobre o estudo de egressos, a autora fundamenta-se na abordagem conceitual de Cury (1989): *“a educação deve buscar a compreensão de sua própria realidade”*. Da mesma forma a autora recorre a Gadotti e a Konder (1988) como referência para seus estudos destacando que estes dois autores consideram *“possível concluir que a consciência do ato de educar auxilia o processo de questionar o presente a favor do futuro”* (p: 1).

Machado<sup>63</sup> em sua dissertação de mestrado sinaliza que o acompanhamento dos egressos como procedimento prático institucional, a escola passaria a desempenhar um compromisso social, inserindo-se numa *verdadeira realidade de atuação de egressos*, de modo a melhor conhecer as condições de trabalho em que atuam, as atividades que desenvolvem, as dificuldades que enfrentam (p: 47).

Por fim, e considerando as contribuições dos autores com quem dialoguei nesta construção teórica, identifiquei semelhanças entre eles no que se refere à necessidade de se desenvolver cada vez mais estudos sobre

avaliação dos cursos de formação. Buscar a efetividade dessa formação que deve se manifestar, fundamentalmente nas práticas profissionais dos egressos junto à população demandante dessas práticas e no retorno social dos investimentos feitos para a formação.

Parece-me também que a avaliação é tão necessária em cursos de graduação, quanto de pós-graduação e, em especial nos de modalidade a distância, o que não deixa de ser menos importante nos cursos na modalidade presencial. Da mesma forma percebi nos estudos realizados no processo desta construção, que mais do que nunca se coloca a necessidade de se discutir e trazer para o centro das avaliações os egressos, valorizando sua experiência como sujeito principal da formação. Reafirmamos, portanto, que os princípios que adotei para a realização deste estudo, estão calcados e alicerçados nos princípios democráticos de avaliação.

#### 4.1.6. O Campo da Saúde do Trabalhador

Completando este referencial teórico-metodológico serão feitas a seguir breves considerações sobre o campo da Saúde do Trabalhador, uma vez que o estudo tem como objeto a formação de profissionais da rede pública de saúde para inserir ações de saúde do trabalhador na rede do SUS.

Até os anos 70 as abordagens da relação saúde e trabalho eram feitas apenas na perspectiva da Medicina do Trabalho (MT) e da Saúde Ocupacional (SO). Sob a influência do Movimento da Reforma Sanitária, que propôs a promoção, prevenção e assistência à saúde na perspectiva de integralidade e de garantia do direito universal dos cidadãos - os trabalhadores passam a desempenhar um papel central na luta pela saúde no ambiente de trabalho. Buscam mudanças nos processos de trabalho e também nas relações sociais, com ênfase nas propostas coletivas e numa concepção ampliada de saúde como destacam Mendes & Dias<sup>64</sup>

***“... a saúde do trabalhador busca a explicação sobre o adoecer e o morrer das pessoas e dos trabalhadores em particular, através do estudo dos processos de trabalho de forma articulada com o conjunto de valores, crenças e idéias, as representações sociais e a possibilidade de consumo de bens e serviços... considera o trabalho enquanto organizador da vida social, como espaço de***

**dominação e submissão do trabalhador pelo capital, mas, igualmente, de resistência, de constituição e do fazer histórico. Nessa história os trabalhadores assumem o papel de atores, de sujeitos capazes de pensar e de pensarem, produzindo uma experiência própria, no conjunto das representações da sociedade... No âmbito das relações saúde x trabalho, os trabalhadores buscam o controle sobre as condições e os ambientes de trabalho, para torná-los mais 'saudáveis' (p: 347).**

Da mesma forma, a interlocução com os trabalhadores é considerada uma premissa metodológica fundamental ao processo de formação e mudanças. Possuidores de um saber que vem da experiência, os trabalhadores são sujeitos essenciais quando se pretende uma ação transformadora (Minayo & Thedim<sup>65</sup>).

De acordo com estes pressupostos o campo da Saúde do Trabalhador - assumido enquanto campo da Saúde Pública (Vasconcellos<sup>66</sup>) - compreende os trabalhadores como sujeitos de mudanças, com saberes específicos e vivências acumuladas sobre o trabalho (Lacaz<sup>67</sup>) e amplia o objeto de intervenção abrangendo não apenas a produção, mas incorporando as variáveis econômicas, sociais, ambientais, dentre outras. Minayo & Thedim<sup>65</sup> conceituam Saúde do trabalhador como sendo:

***“... um corpo de práticas teóricas interdisciplinares-técnicas, sociais, humanas- e interinstitucionais desenvolvidas por diversos atores situados em lugares sociais distintos e informados por uma perspectiva comum. Essa perspectiva é resultante de todo um patrimônio acumulado no âmbito da Saúde Coletiva, com raízes no movimento da Medicina Social Latino- americana e influenciada pela experiência sindical italiana” (p: 25)***

Trata-se, portanto de um campo de conhecimentos e de práticas interdisciplinares que tem o trabalho como categoria central e considera os processos produtivos como um dos principais determinantes da Saúde do Trabalhador. Este campo de conhecimento vem sendo construído pela integração de saberes e setores na tentativa de contribuir para a melhoria da vida e da saúde dos trabalhadores.

As primeiras experiências de inserção ações de ST na rede pública de saúde no Brasil ocorreram nos anos de 1980, nos Programas de Saúde do Trabalhador (PST), vinculados à rede de Secretarias Estaduais de Saúde,

principalmente dos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia e Rio Grande do Sul (Lacaz<sup>68</sup>).

A realização da 1ª Conferência Nacional de Saúde do Trabalhador<sup>69</sup> (CNST) em 1986, em seguimento à 8ª Conferência nacional de Saúde (CNS) representou um espaço de debate público e permitiu que o tema ganhasse visibilidade estratégica e que se concretizasse como um desafio para as intervenções nos locais do trabalho. Destaco a seguir, um texto das Resoluções da Conferência, que se refere ao tema deste estudo, a avaliação da formação de trabalhadores para atuar na rede de saúde.

***“O estado deve adotar uma política de recursos humanos para a saúde que compreende: descentralização dos recursos, reciclagem, incentivo à pesquisa do ensino referente à saúde do trabalhador”<sup>69</sup> ( p: 17)***

A regulamentação do Artigo 196 da Constituição Federal de 1988<sup>12</sup>, que considera Saúde como Direito Universal a ser provido pelo Estado, pelo Sistema Único de Saúde (SUS), garantido pela Lei 8080/90, denominada Lei Orgânica da Saúde<sup>3</sup>, inclui explicitamente as ações de saúde dos trabalhadores entre as atribuições do SUS:

A 2ª CNST<sup>70</sup>, em 1994, cujo tema central foi “Construindo uma Política Nacional de Saúde do Trabalhador” ocorreu em um contexto em que as propostas neoliberais avançavam na sociedade brasileira e segundo Lacaz<sup>67</sup> assumiu um caráter mais defensivo e de resistência, buscando impedir a perda de conquistas já realizadas. O documento de Deliberações da Conferência também aponta para a necessidade de formação de profissionais para a rede de saúde ressaltando o caráter multiprofissional das equipes, em todos os níveis de atenção do SUS. O relatório final da Conferência diz ainda que:

***“O reconhecimento da natureza multidisciplinar da formação de recursos humanos em saúde do trabalhador exige que disciplinas consideradas usualmente como especialidades constituem parte da formação de todos os profissionais. Esta formação deve privilegiar a oferta de cursos na forma de módulos, fomentando a participação de pessoal que atua na rede de serviços” (p: 25);***

A consolidação dos Programas de ST como integrantes do Sistema Único de Saúde, no formato dos Centros de Referência em Saúde do

Trabalhador (Cerest) ocorreu entre 1990 e 2000, em sintonia com o processo de municipalização que se inicia neste período. Nas reflexões de Minayo & Lacaz<sup>71</sup>, os Programas de Saúde do Trabalhador (PST), inicialmente, por terem uma abordagem clara da Saúde Pública, buscaram caminhar no sentido de se integrarem à rede básica de saúde. Já a criação dos Cerest, por terem privilegiado uma instância especializada, distanciaram-se da rede básica, que deveria ser a porta de entrada de todas as demandas.

Nesta acepção a estratégia adotada pelos Cerest pode ter contribuído para a fragilidade da articulação da ST no SUS. Estas reflexões são compartilhadas por Dias & Heofel<sup>72</sup>, que destacam a Atenção Básica como principal referência para o re-ordenamento da atenção à saúde, constituindo-se, portanto, como a melhor estratégia para a porta de entrada dos serviços de saúde. Entretanto todos estes autores ressaltam o papel dos Cerest no que tange à construção de concepções teóricas e ações de intervenção específicas.

Em setembro de 2002, a Portaria do Gabinete Ministerial do Ministério da Saúde - GM/MS nº 1.679<sup>73</sup> dispôs sobre a estruturação da Rede Nacional de Atenção Integral à Saúde do Trabalhador (Renast) tendo por eixo os Centros de Referência em Saúde do Trabalhador (Cerest). Esta portaria sinaliza que a organização dos Centros de Referência deve dar-se a nível estadual e regional e constituir pólos irradiadores e difusores, no âmbito de determinado território, da cultura da centralidade do trabalho e da produção social dos processos saúde/doença subentendida na relação trabalho e saúde. Suas atribuições incluem o suporte técnico e científico do campo de conhecimento da Saúde do Trabalhador, portanto, devem ser compreendidos como retaguardas técnicas e difusores de ações e idéias de vigilância em saúde de caráter sanitário e epidemiológico e não devendo funcionar como porta de entrada do sistema de saúde.

Dias & Heofel<sup>72</sup> ressaltam que a atenção integral à saúde do trabalhador exige a articulação intra e intersetorial, além de uma rede eficaz de informações e a capacitação permanente em Saúde do Trabalhador e ainda que incorpore a participação da comunidade na gestão das ações em saúde do trabalhador. Estas são questões que conformam os princípios e diretrizes que norteiam a RENAST.

As conclusões da 3ª Conferência Nacional de Saúde de Trabalhador realizada em 2005 reforçaram a importância das ações articuladas entre os órgãos setoriais de Estado na execução da Política Nacional de Saúde do Trabalhador (PNST). A formação em saúde do trabalhador aparece explícita no Documento base da Conferência<sup>74</sup>.

***“Garantia pelas políticas públicas, na prática das ações de integralidade dos saberes necessários a efetividade dos serviços de saúde, prevenindo a redução de visões fragmentadas na atenção à saúde do trabalhador (...). Garantia da formação de profissionais pelas diversas instituições, por meio de programas de atividades articuladas” (p: 60).***

Em dezembro de 2005, a Portaria GM/MS nº 2.437<sup>75</sup> dispôs sobre a ampliação e o fortalecimento da RENAST adequando a rede de Cerest. Propôs ainda a inclusão das ações de saúde do trabalhador na atenção básica de saúde e a estratégia da Rede de Serviços Sentinela, bem como dos Municípios Sentinela em Saúde do Trabalhador.

Neste sentido, a CGSAT do Ministério da Saúde vem desenvolvendo, desde os anos 90, esforços para a capacitação técnica dos profissionais e elaboração de protocolos, normas e diretrizes, na qual se inclui a Norma Operacional de Saúde do Trabalhador (NOST), a Lista de Doenças Relacionadas ao trabalho e o Manual de Procedimentos com vistas a orientar as ações de ST na rede SUS no desenvolvimento de indicadores de saúde do trabalhador para os Sistemas de Informações em saúde, especialmente para a Rede Integracional de Informações para a Saúde (RIPSA) e na proposta de PNST. É neste contexto que a CGSAT demandou ao Cesteh, em 2004, a organização de um Curso de Especialização em Saúde do Trabalhador capaz de formar, nesta área de conhecimento, simultaneamente um grande número de profissionais das diversas regiões do país, dando-se então, no Cesteh, início a formação na modalidade a distância.

## Avaliação do Curso de Especialização em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana a Distância: resultados e discussão

Este capítulo trata da análise quanti e qualitativa dos resultados encontrados no desenvolvimento desta pesquisa, que evidenciam algumas questões importantes quanto à formação na modalidade a distância, sua relevância para a saúde do trabalhador, seus desafios e estratégias formativas que devem ser pensadas e construídas com vistas a uma melhor viabilização desta modalidade de educação. Os dados apontam também a necessidade de se incorporar, sistematicamente, uma cultura de avaliação e acompanhamento de cursos que prime pelo princípio participativo, dentre outros, imprescindível a todo o processo formativo/educativo/avaliativo, principalmente no campo da Saúde do Trabalhador.

A seguir, a apresentação e discussão dos resultados encontrados neste estudo, iniciando pelo perfil dos alunos das primeiras dezesseis turmas formadas pelo curso em questão no período de 2007 a 2009, conforme figuras de 1 a 6 relacionadas abaixo.

### 5.1.1. Perfil dos Egressos

#### 5.1.2. Quanto ao Gênero

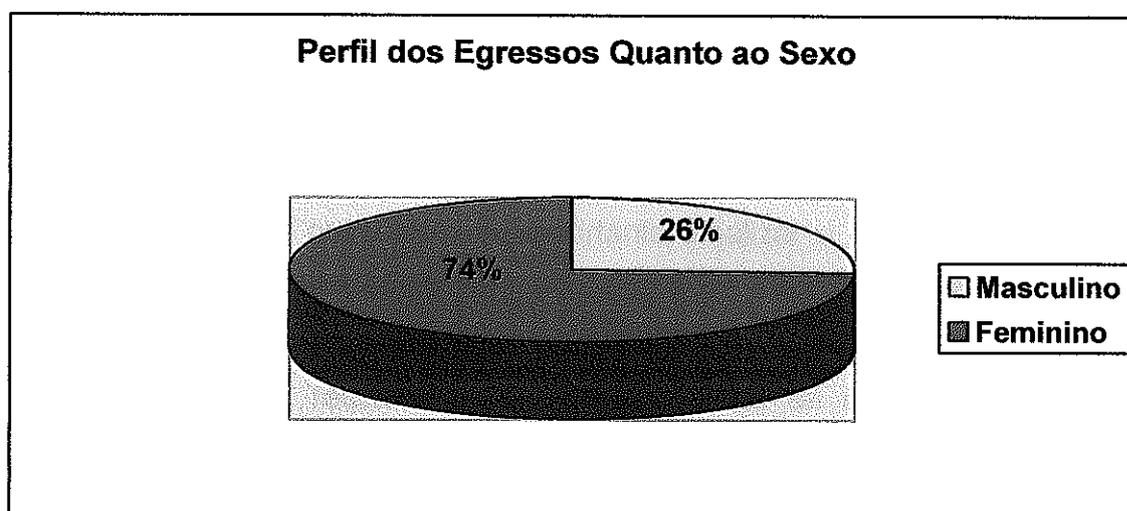


Figura 1 – Distribuição dos egressos de acordo com o sexo

O estudo realizado sobre o perfil dos egressos evidenciou, conforme observado na figura 1, na página anterior, que dos 259 alunos que concluíram este curso o sexo feminino é predominante correspondendo a 74% contra 26% do sexo masculino, o que pode caracterizar uma tendência de mão de obra feminina na área da saúde.

### 5.1.3. Quanto à faixa Etária

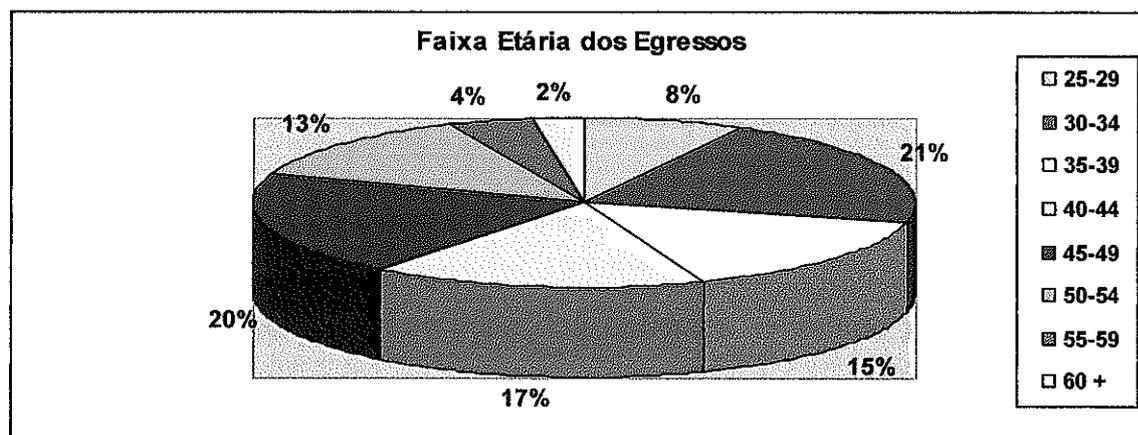


Figura 2 – Distribuição dos egressos de acordo com a faixa etária (usando faixas IBGE)

No que diz respeito à faixa etária o estudo mostrou que a média de idade dos alunos é de 41 anos com predomínio das faixas etárias de 30-34 (21%) e 45-49 (20%) como mostra a figura 2. Dados considerados relevantes por evidenciar o predomínio de uma faixa etária em fase importante do processo produtivo, conferindo significado positivo ao investimento feito nesta formação frente à necessidade de construção da RENAST.

Quanto aos alunos incluídos na faixa etária de 55 a 59 e 60 anos ou mais, somando estes percentuais encontra-se um resultado de 6%. Este dado pode, por um lado levar a uma avaliação positiva, por evidenciar uma demanda de trabalhadores/alunos que podem estar próximos a aposentadoria, mas, no entanto estão produtivos, ativos e interessados em buscar e ou ampliar seus conhecimentos, por outro lado, é importante sinalizar a demanda real deste curso em formar profissionais que venham a ter uma participação efetiva e contínua na formação e execução da RENAST.

Deste modo, ressalta-se a necessidade de se dar continuidade ao processo de avaliação do curso junto à prática dos egressos, no sentido de evidenciar os reais impactos desta formação para a rede de saúde e a inclusão ou não da Saúde do Trabalhador nas práticas e políticas de saúde.

#### 5.1.4. Quanto à Área de Formação

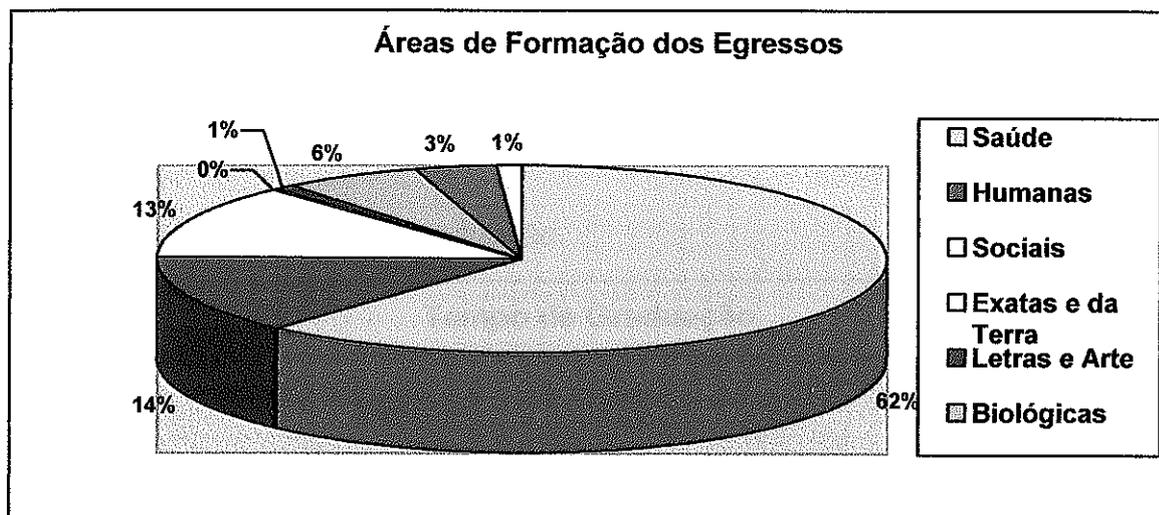


Figura 3 – Distribuição dos egressos de acordo com as áreas de formação

Quanto à área de formação dos egressos, o estudo identificou que a maioria possui graduação na área de conhecimento das Ciências da Saúde (62%), seguido das Ciências Humanas e Sociais (14%) e (13%) respectivamente, como o confirma a figura 3. Estes dados foram construídos tendo como base as Áreas de Conhecimento do CNPq em vigor no ano de 2009.

#### 5.1.5. Distribuição dos Egressos por Local de Trabalho

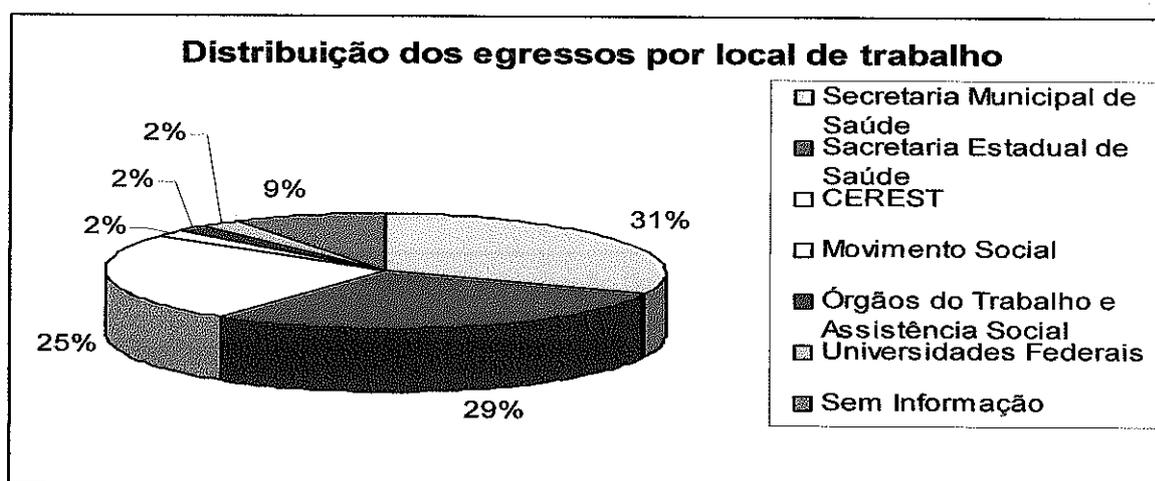


Figura 4 – Distribuição dos egressos de acordo com o local de trabalho

Considerando a área de atuação profissional dos egressos, a figura quatro mostra que a maioria desenvolve suas práticas profissionais junto a órgãos vinculados às secretarias de saúde no âmbito municipal e estadual, somando 60%, seguido de 25% que atuam nos centros de Referência em ST

e de 9% vinculados a Instituições formadoras como universidades. Dados de grande relevância em função da importância da formação de profissionais em toda a rede de saúde, o que traz significado positivo a este curso na perspectiva da Saúde do Trabalhador, enquanto multi, inter e transdisciplinar.

### 5.1.6. Quanto ao Tempo de Graduação

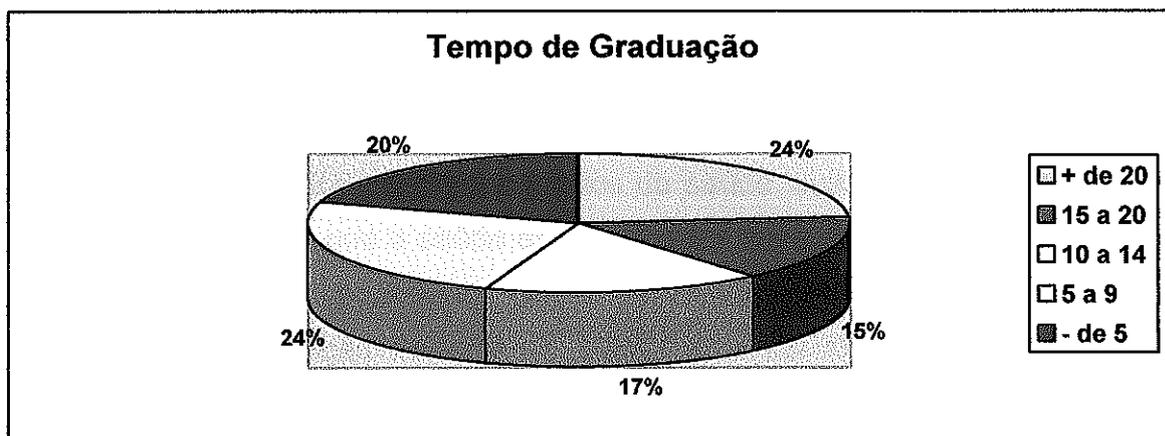


Figura 5- Distribuição dos egressos de acordo com o tempo entre a conclusão do curso de graduação e o início da especialização

Quanto ao tempo de graduação dos alunos, quando no início do Curso, o estudo identificou, de acordo com os dados presentes na figura 5, que a maioria dos egressos possuía um tempo de formação superior a 20 anos, ou entre 5 e 9 anos. Quanto à instituição formadora, o estudo evidenciou que a maioria dos alunos graduou-se em universidades públicas (federais e estaduais), representando 56% dos egressos.

### 5.2. Fonte de informação Sobre o Curso

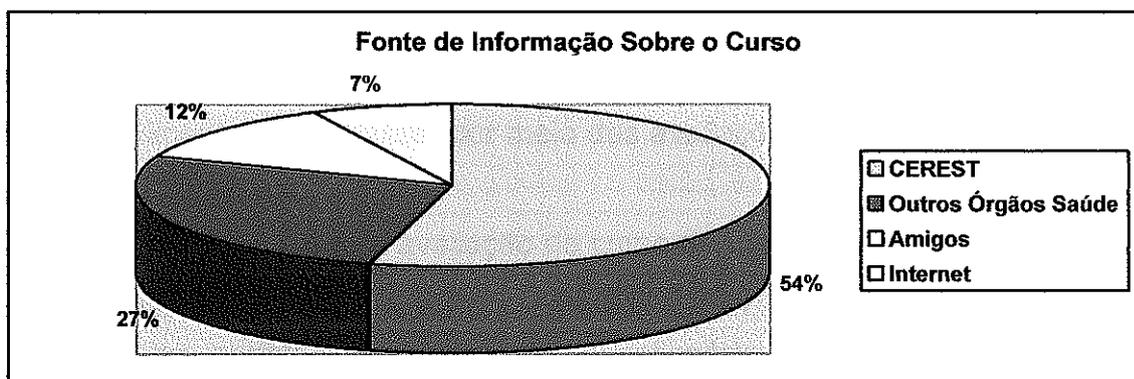


Figura 6 – Distribuição dos egressos quanto à fonte de informação sobre o curso

Sobre a forma como os egressos tomaram conhecimento do curso (informação e divulgação) a figura 6 mostra que dos cento e sessenta e um alunos, a maioria um total de oitenta e dois alunos (54,3%) tomou conhecimento do curso pelos Cerest, o que merece destaque pela importância de que estes Centros se qualifiquem para a execução da Política Nacional de Saúde do Trabalhador nos estados e municípios na perspectiva do SUS e, sem dúvida, investir na formação dos profissionais é uma das estratégias para que isso se efetive.

Do mesmo modo é relevante que quarenta alunos (26,5%) respondentes tenham sido informados por outros órgãos da saúde. Justifica-se a relevância pela compreensão de que a saúde do trabalhador deve ser assumida por toda a rede que constitui o Sistema Único de Saúde e assim efetivar o que preconiza a Constituição Federal de 1988<sup>12</sup> e a Lei Orgânica da Saúde<sup>3</sup>, conforme já referido em outros momentos deste estudo. Os demais souberam ou por meio da Internet ou de amigos o que não deixa de ser importante por entender que os profissionais da saúde tentam buscar conhecimento para melhor desenvolver suas práticas, contrapondo-se ao imobilismo, que pode levar os profissionais ao aprisionamento, enquanto que a busca por novos saberes coloca o sujeito a, como nos dizeres de Freire<sup>6</sup>, *“assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador e realizador de sonhos”* (p: 46)

### **5.3. Avaliação do Curso pelos Egressos**

Concluído o estudo sobre o perfil dos alunos, e, em continuidade ao capítulo (resultados e discussão) apresento, a partir deste momento, na seqüência das figuras de sete a quinze, os dados encontrados no desenvolvimento da pesquisa, por meio das avaliações/conceitos atribuídos ao curso pelos egressos.

Este estudo sobre a avaliação do curso de Especialização em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana a Distância (EAD) foi construído tendo como variáveis as questões/perguntas do questionário sobre material didático, qualidade dos textos e de seus conteúdos, momento presencial e infraestrutura e acolhimento dos alunos, compreensão das atividades e dificuldades para realizá-las, conteúdo referente a cada unidade de aprendizagem,

desenvolvimento do TCC, presença e atuação dos sujeitos envolvidos no curso, tutor, orientador, equipe da EAD e coordenação do curso.

Foram sujeitos desta investigação, lembrando o já dito em parágrafos anteriores deste estudo, cento e sessenta e um alunos (161) que corresponde a 61,68% dos egressos. Os dados encontrados expressam as informações quantitativas sobre a avaliação do curso que aparecem nos gráficos/figuras na modalidade de conceitos, atribuídos pelos alunos para cada item estudado, iniciando com o resultado sobre a qualidade do material didático.

### 5.3.1. Avaliação quanto ao material didático do Curso

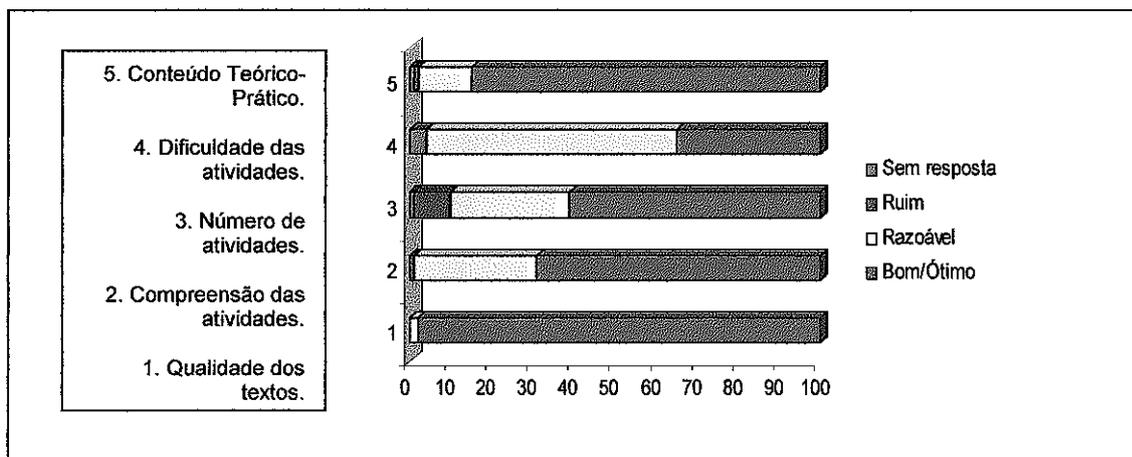


Figura 7- Percentual dos conceitos atribuídos pelos alunos para a qualidade do material didático.

A Figura 7 apresenta as avaliações sobre o material didático do curso e no que se refere à qualidade dos textos, 98,7% (159) dos alunos atribuíram o conceito bom ou ótimo e 1,2% (2) alunos avaliaram como razoável. Quanto à compreensão das atividades, 80,7% (130) alunos avaliaram como bom ou ótimo e 18,6% (30) alunos como razoável. Com relação ao número de atividades observa-se que 75,7% (122) alunos consideraram bom ou ótimo, 18,0% (29) expressaram que o número foi razoável e 5,5% (9) alunos avaliaram como ruim ou péssimo. Sobre a dificuldade na realização das atividades, 59,6% (96) alunos imprimiram o conceito bom ou ótimo e 37,8% (61 alunos) atribuíram conceito razoável. Por fim, sobre o conteúdo teórico prático, 90,6% (146), apontaram-no como bom ou ótimo e, somando o conceito ruim e razoável observa-se 8,7% (14) alunos.

Constata-se que a grande maioria dos alunos aprova a qualidade do material, bem como sua compreensibilidade, mas indicam dificuldades quanto à realização das tarefas e as consideram excessivas. Estas observações são

de fundamentais para que se compreenda o grande desafio que é a educação a distância, principalmente no que diz respeito à adaptação do processo de construção do conhecimento para uma modalidade não presencial. As atividades são essenciais a modalidade EAD, mas podem se caracterizar como uma barreira aos alunos, principalmente quando se leva em consideração em que a maioria dos alunos de cursos EAD concilia as atividades acadêmicas com a rotina de trabalho. O desafio que se coloca é buscar a produção de conhecimento de modo a aperfeiçoar o desempenho acadêmico, construindo um equilíbrio entre o conteúdo das atividades de avaliação e sua compreensão.

### 5.3.2. Avaliação quanto à atuação do tutor

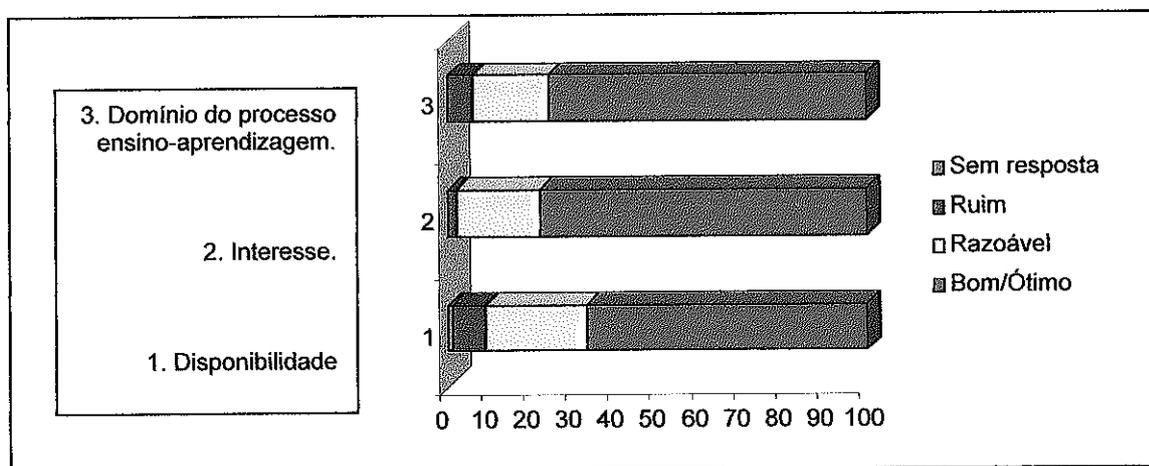


Figura 8-Percentual dos conceitos atribuídos pelos alunos para a atuação do tutor

A figura 8 agrega os conceitos atribuídos pelos egressos à presença e atuação do tutor junto aos mesmos no decorrer do curso. Identificou-se na análise que 79,5% (128) alunos manifestaram como bom ou ótimo o conceito para a disponibilidade do tutor, 14,9% (24) alunos como razoável e 4,9% (8) alunos como mo ruim ou péssimo. O item interesse do tutor foi considerado bom ou ótimo por 86,3% (139) alunos, razoável por 12,4% (20) e ruim por 1,2% (2) alunos. O tema domínio do tutor frente ao processo ensino-aprendizagem, 85,0% (137) alunos avaliaram como ótimo, 3,7% (6) alunos como razoável e 3,7% (6) alunos como ruim ou péssimo.

### 5.3.3. Avaliação quanto à Unidade de Aprendizagem 1

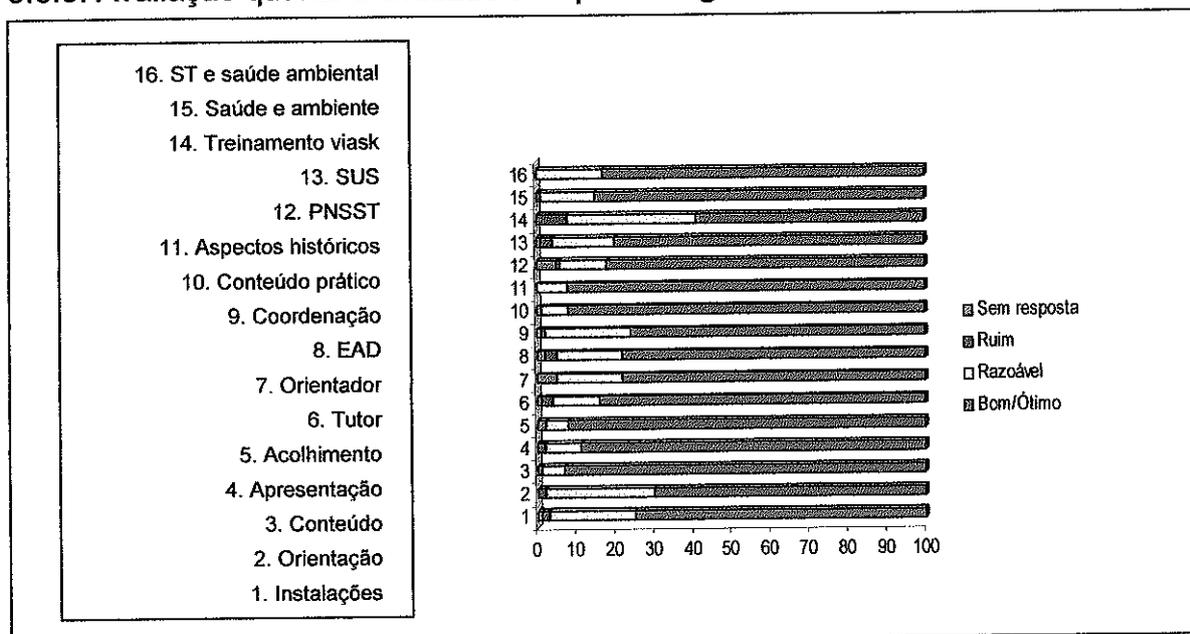


Figura 9: Percentual dos conceitos atribuídos pelos alunos para a Unidade de Aprendizagem 1- Incorporando a ST na construção das Políticas Nacionais

A Figura 9 apresentada acima mostra os conceitos atribuídos pelos alunos, aos conteúdos trabalhados no primeiro momento presencial, cujos conteúdos constituem o livro de orientações gerais sobre o curso e os módulos um e dois da Unidade de Aprendizagem 1 (UAI)- **Incorporando a Saúde do Trabalhador na Construção das Políticas Nacionais**. Estes conteúdos são trabalhados integralmente neste momento presencial que consta de uma semana corrida com carga horária de 40 horas. Este gráfico (9) contém ainda os conceitos sobre o conteúdo do módulo 3, parte integrante da UAI, mas este é trabalhado já na modalidade a distância. Constatou-se que 84,4% (136) alunos consideraram como boas ou ótimas as instalações onde o curso/momento presencial aconteceu e 13,7% (22) alunos como razoável.

Quanto à avaliação no que se refere ao item orientações para as atividades do momento presencial, 81,3% (131) alunos avaliaram como bom ou ótimo, 17,0% (28) alunos como razoável e 1,2% (2) alunos como ruim. No que tange ao conteúdo do material didático utilizado no momento presencial, o estudo mostra que 95,6% (154) alunos o consideraram bom ou ótimo, 3,7% (6) alunos como razoável e 0,6% (1) aluno como ruim. Sobre a apresentação do material do curso, 93,1% (150) alunos expressaram o conceito bom ou ótimo, 3,7% (6) alunos como razoável, 1,2% (2) alunos como ruim.

Novamente observa-se aqui o destaque para a qualidade do material, seja quanto à sua apresentação ou quanto aos conteúdos ali colocados. Do

mesmo modo, o destaque para as instalações onde o encontro presencial é dado. Ressalta-se aqui a preocupação com esta questão (local para a realização dos momentos presenciais), devido à importância destes momentos para o bom desenvolvimento do curso. Logo requer um bom planejamento entre a coordenação nacional do Curso e os representantes dos órgãos demandantes.

Com relação ao item acolhimento e convivência durante o momento presencial, 95,0% (153) alunos informaram ter sido bom ou ótimo, 3,7% (6) alunos relataram como razoável e 1,2% (2) alunos não responderam ou deram mais de uma resposta. Para a presença e atuação do tutor no decorrer do momento presencial 90,0% (145) alunos avaliaram como Bom ou ótimo, 7,5% (12) alunos disseram ter sido razoável e juntando o conceito ruim e péssimo o resultado é 1,8% (3) alunos.

Sobre a participação do orientador de aprendizagem no momento presencial, o resultado encontrado, ainda conforme figura é de que 86,3% (189) alunos consideraram como bom ou ótima, 0,6 (17) alunos como razoável e 3,1% (5) alunos não responderam ou deram mais de uma resposta. Quanto à presença e atuação da equipe da EAD 86,3% (189) alunos avaliaram como bom ou ótimo, 10,6% (17) alunos como razoável, 1,9% (3) alunos como ruim e 1,2% (2) alunos não responderam. Quanto à presença e atuação da coordenação do curso, 85,0% (137) alunos conceituaram como bom ou ótimo, 7% (22) alunos como razoável e 0,6% (1) considerou ruim.

Quanto ao conteúdo teórico e prático trabalhado neste momento do curso, 95,0% (153) alunos avaliaram como bom ou ótimo, 4,0% (7) alunos como razoável e 0,6% (1) aluno não respondeu. O item sobre aspectos históricos e conceituais do campo da ST foi avaliado como bom ou ótimo por 95,0 (153) alunos e como razoável por 5,0% (8) alunos. Quanto às Políticas de Saúde, ST, SA e PNSST, o estudo mostrou que 88,8% (143) alunos avaliaram este item como bom ou ótimo, 7,5% (12) alunos como razoável, 0,6% (1) aluno como péssimo e 3,1% (5) alunos não responderam ou deram mais de uma resposta. Para o conteúdo relações entre saúde, trabalho e ambiente, os valores atribuídos por 87,5% (141) alunos é de o conteúdo é bom ou ótimo, para 9,9% (16) alunos é razoável, para 1,9% (3) como é ruim e 0,6% (1) aluno não respondeu. Sobre esta questão, cabe destacar a influência do fato de ser

esta a primeira semana do curso, onde os alunos ainda não sentem o peso do acúmulo das atividades do curso e de seu trabalho.

No que diz respeito à oficina de treinamento e qualificação para uso da plataforma VIASK, 74,5% (120) alunos avaliaram como bom ou ótimo, 20,5% (33) alunos como razoável e 4,9% (8) alunos como ruim ou péssimo. Trata-se de dado relevante e pode ser observado em diversos momentos do curso. Juntamente com o número considerado excessivo de atividades, o manejo das ferramentas de informática ainda representa uma das principais barreiras para a plena execução do curso. Apesar de todo um investimento em treinar e qualificar os alunos no ambiente virtual, durante o primeiro encontro presencial, a análise dos dados dos questionários mostra que esse esforço é insuficiente para que haja um amplo entendimento das ferramentas disponíveis para a realização do curso.

Quanto ao conteúdo do módulo 3 que, como já referido, dá início ao curso na modalidade a distância, sobre ampliar os conhecimentos acerca do SUS em todos os níveis de gestão (federal, estadual e municipal), 90,6% (146) alunos atribuíram valor bom ou ótimo, 8,7% (14) razoável e 0,6% (1) aluno avaliou como ruim. Por fim, 89,4% (144) alunos referiram como bom ou ótimo o item ampliar os conhecimentos sobre a construção da ST e suas relações com a Saúde Ambiente, bem como a implementação da RENAST e, 10,6% (17) como avaliaram como razoável. É importante destacar este pois mostra a importância do olhar para as questões regionais como estratégia de aproximação dos alunos ao objeto do curso.

#### 5.3.4. Avaliação quanto à Unidade de Aprendizagem 2

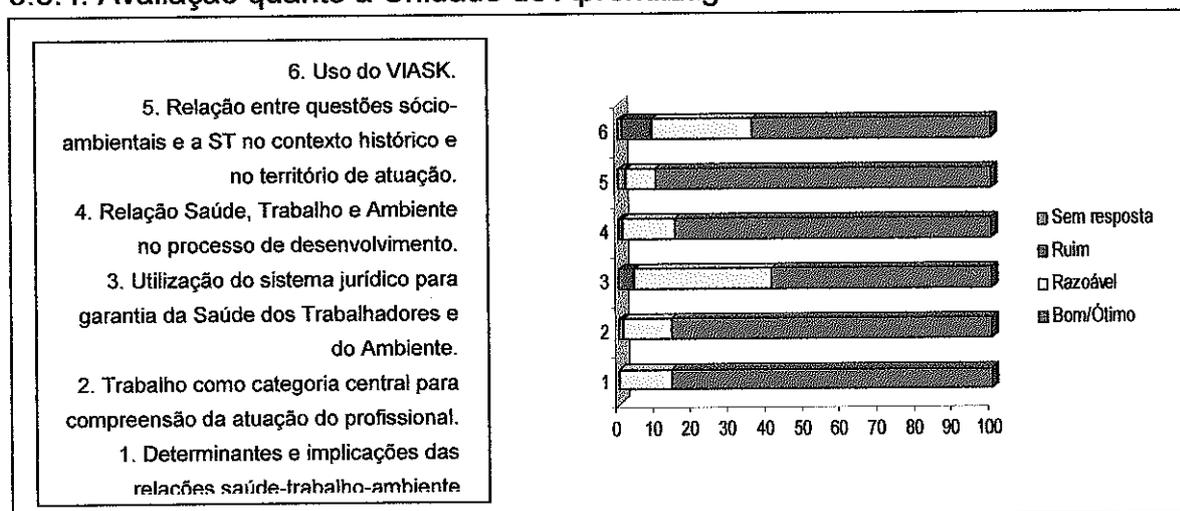


Figura 10: Percentual dos conceitos atribuídos pelos alunos para a Unidade de Aprendizagem 2- Relações de produção, consumo e ambiente.

Na figura 10, página anterior, encontram-se os conceitos atribuídos pelos alunos ao conteúdo da Unidade de Aprendizagem 2 (UAII)- **Relações de produção, consumo e ambiente**. Na análise dos questionários o resultado encontrado foi de 91,3% (147) alunos que avaliaram como bom ou ótimo o conteúdo que trabalhou os determinantes e implicações das relações saúde trabalho e ambiente e 8,7% (14) alunos o conceituaram como razoável. Quanto ao conteúdo que discute o trabalho como categoria central para a compreensão da atuação dos profissionais no SUS, observa-se que 91,3% (147) alunos consideraram o conteúdo bom ou ótimo, 8,1% (13) alunos avaliaram como razoável e 0,6% (1) aluno emitiu mais de uma resposta.

No que tange ao conteúdo que trabalha a utilização do Sistema Jurídico para garantia da Saúde do Trabalhador e do Ambiente, observa-se que 74,5% (120) alunos o avaliaram como bom ou ótimo, 23, 0% (37) alunos como razoável e 2,5% (4) alunos como ruim. Tal fato pode ser explicado pelo pouco contato que os alunos do curso têm, no seu dia-a-dia de trabalho, com esse arcabouço jurídico. Entretanto conhecer este arcabouço é de extrema importância ao campo da ST, no sentido de se garantir qualidade no atendimento à população trabalhadora em suas demandas nesta área de conhecimento.

No que se refere ao conteúdo sobre a relação saúde, trabalho e ambiente no processo de desenvolvimento, 90, 6% (146) alunos apontaram como um conteúdo bom ou ótimo, 8,7% (14) alunos como sendo razoável e 0,6% (1) aluno como ruim. Já sobre o conteúdo que trabalhou a relação entre questões sócio-ambientais e a saúde do trabalhador no contexto histórico e no território de atuação, 93,7% (151) alunos avaliaram como bom ou ótimo, 5, 0% (8) alunos como razoável e 1,2% (2) alunos não responderam ou deram mais de uma resposta.

Estas avaliações revelam a importância da proximidade do objeto de estudo com a realidade do trabalho dos alunos. Apesar destes módulos tratarem de questões e conteúdos extremamente complexos que necessitam de uma compreensão adequada dos marcos teórico-conceituais da ST e da AS, a opção por atividades que correlacionam esses conteúdos às práticas cotidianas de trabalho dos alunos parece surtir efeito, resultando em uma boa avaliação e, também, num bom aproveitamento dos alunos quando da realização dessa etapa do curso.

Por último, 77,6% (125) alunos narraram como bom ou ótimo a utilização das ferramentas inerentes ao VIASK, 16,8% (27) alunos aludiram o valor razoável, enquanto que 0,5% citaram ter sido ruim e 0,6% (1) aluno não respondeu.

Quanto a esta questão é relevante destacar que, neste momento, as atividades passam a requerer um maior conhecimento e domínio das ferramentas virtuais disponíveis no curso, o que pode gerar maiores dificuldades e influir na avaliação feita pelos alunos, uma vez que aumentam os problemas relacionados à compreensão dessas ferramentas e sua utilização nas atividades propostas.

### 5.3.5. Avaliação quanto à Unidade de Aprendizagem 3

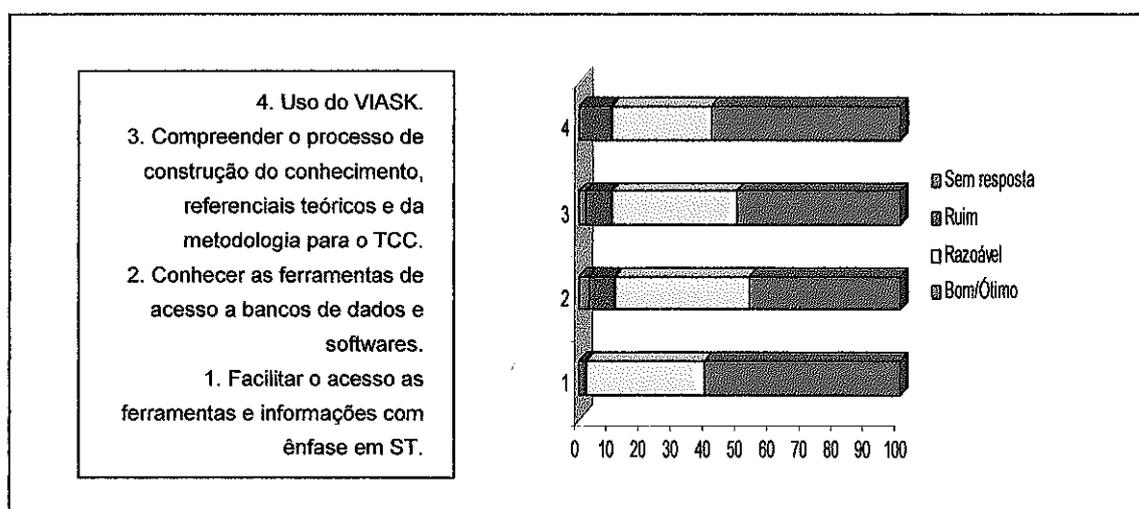


Figura 11: Percentual dos conceitos atribuídos pelos alunos para a Unidade de Aprendizagem 3 – Introdução a produção do conhecimento em ST.

Sobre o conteúdo que trabalha as ferramentas de acesso a bancos de dados e softwares (Figura 11), o estudo identificou que 67,0% (108) alunos referiram como bom ou ótimo, 6,0% (42) alunos atribuíram o conceito razoável, 4,9% (8) alunos o conceituaram como ruim ou péssimo e 1,8% (3) alunos não responderam ou deram mais de uma resposta.

No que concerne ao conteúdo que trata de questões Como: compreender o processo de construção do conhecimento; referenciais teóricos e a metodologia para a construção do TCC observa-se que 69,5% (112) alunos o destacaram como bom ou ótimo, enquanto que 24,2% (39) alunos o avaliaram como razoável, 5,0% (8) alunos lhe atribuíram o conceito ruim e 1,2% (2) alunos não responderam ou expressaram mais de uma resposta.

No que diz respeito ao uso do VIASK, 74,5 (120) alunos avaliaram como sendo bom ou ótimo o conteúdo que trabalhou esta ferramenta, enquanto que 19,3% (31) alunos consideraram ter sido razoável e 6,2% (10) alunos o referiram como ruim ou péssimo.

É importante destacar aqui, que para efeito do presente trabalho, estes dados são bastante significativos e, do mesmo modo, ressalta-se a necessidade de que sejam refletidos, tanto à luz da formação dos alunos, quanto às dificuldades de acesso aos meios digitais por eles enfrentados. Entender estas dificuldades significa buscar superá-las, lembrando a importância destas tecnologias para um melhor desenvolvimento do curso.

#### 5.3.6. Avaliação quanto à Unidade de Aprendizagem 4

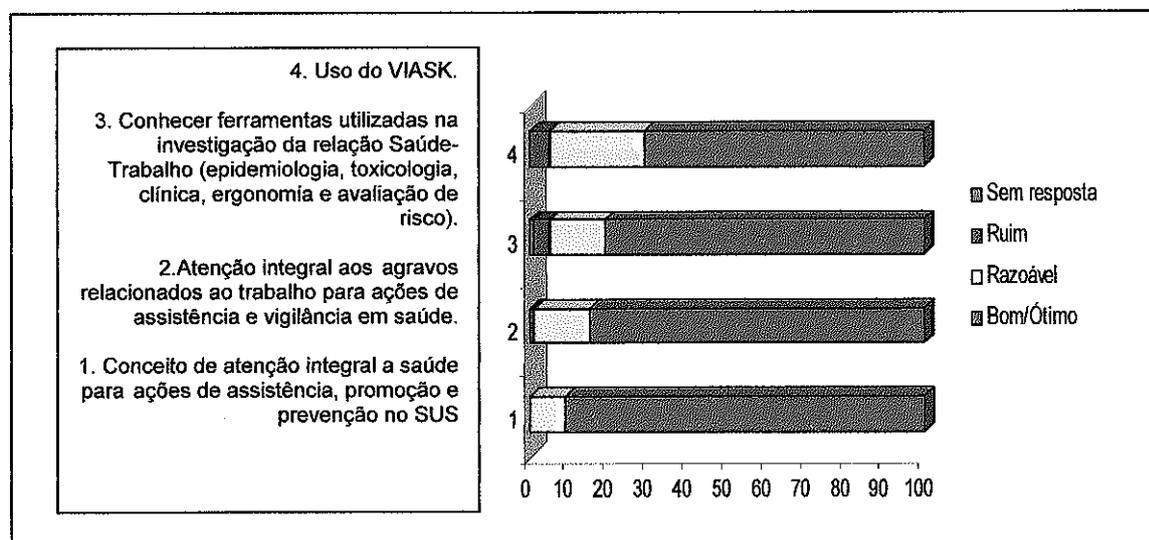


Figura 12: Percentual dos conceitos atribuídos pelos alunos para a Unidade de Aprendizagem 4 - Atenção integral a saúde do trabalhador.

Observando a figura 12 percebe-se que no que concerne ao conteúdo de estudo sobre o conhecimento das ferramentas utilizadas na investigação da relação saúde-trabalho (epidemiologia, toxicologia, clínica, ergonomia e avaliação de riscos), 88,2% (142) alunos consideram como bom ou ótimo o conteúdo estudado, enquanto que 8,7% (14) alunos avaliaram como razoável e 2,5% (4) alunos o identificam como ruim.

Destaca-se aqui novamente a aproximação do conteúdo trabalhado nesta Unidade de Aprendizagem com a prática dos egressos, resultando em uma boa avaliação sobre esta Unidade - a maior de todas do curso - o que confirma a experiência de trabalho e o saber dos alunos como um dos elementos abalizadores do aproveitamento neste processo de formação.

Sobre o uso do VIASK, a figura (12) mostra que 81,9% (132) alunos afirmaram que foi bom ou ótimo e 14,9% (24) alunos conceituaram como razoável, melhorando significativamente a avaliação emitida nos momentos anteriores, o que a princípio pode reforçar a idéia de que o exercício constante e a prática no manejo das ferramentas virtuais são elementos básicos ao desenvolvimento do conhecimento e da capacidade dos alunos neste processo, podendo ainda facilitar a compreensão e utilização plena destas ferramentas compreendidas como indispensáveis a esta modalidade de educação.

### 5.3.7. Avaliação quanto à Unidade de Aprendizagem 5

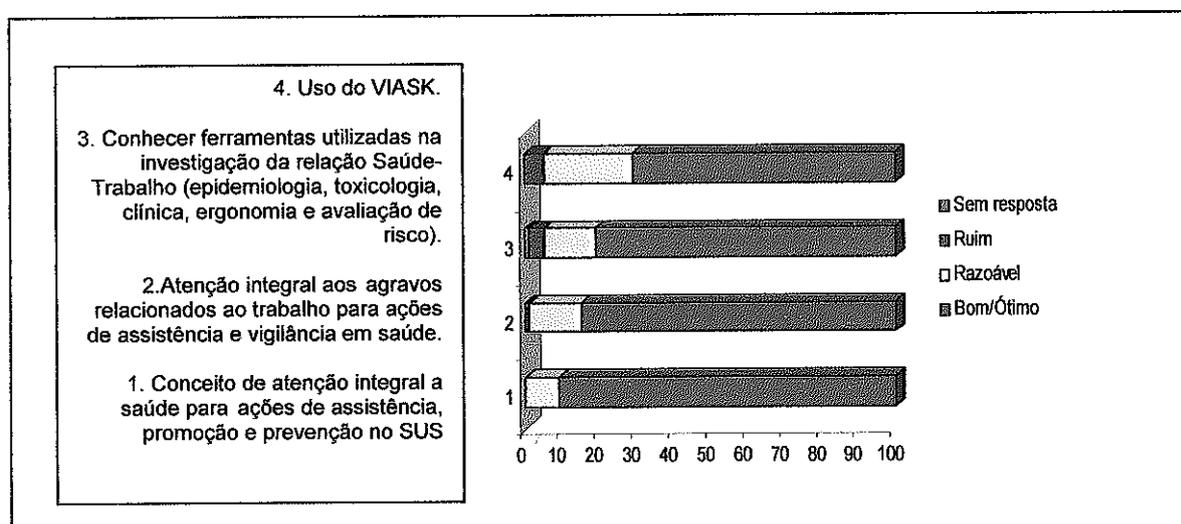


Figura 13: Percentual dos conceitos atribuídos pelos alunos para a Unidade de Aprendizagem V- Gestão da atenção integral a ST

A figura 13 identifica a avaliação dos alunos quanto ao conteúdo da Unidade de aprendizagem 5- **Gestão da Atenção Integral Saúde do Trabalhador**. Os conceitos dados por 88,8% (143) alunos para o conteúdo do curso que trabalhou o conhecimento sobre a organização e funcionamento do Sistema Único de Saúde nos três níveis de governo (federal, estadual e municipal) o avaliaram como bom ou ótimo, enquanto que 9, 9% (16) alunos o lhe atribuíram o conceito razoável e 1,2% (2) alunos não responderam.

Quanto ao conteúdo de estudo sobre o desenvolvimento de habilidades de gestão das ações de saúde do trabalhador no Sistema Único de Saúde para efetivar a Rede Nacional de Atenção Integral à Saúde do Trabalhador (RENAST) como mostra a figura (13), 84,4% (146) alunos relataram que o conteúdo bom ou ótimo, 13,7% (22) alunos avaliaram como razoável e 0,6% (1) aluno não respondeu.

Sobre o uso do VIASK, pode se observar que 80,1% (129) alunos apontaram em suas avaliações como tendo sido bom ou ótimo, 16,1% (26) alunos identificam este item como razoável, enquanto que 3,1% (5) alunos avaliaram como ruim e 0,6% (1) aluno não respondeu.

Também aqui se percebe que apesar de a maioria dos alunos ter respondido de forma positiva a este item de avaliação, o que é bastante relevante, do mesmo modo, é também significativa e, portanto deve ser considerada, a quantidade de alunos (somados) que imprimiram o conceito razoável e ruim para o tema em questão.

### 5.3.8. Avaliação quanto à Unidade de Aprendizagem 6

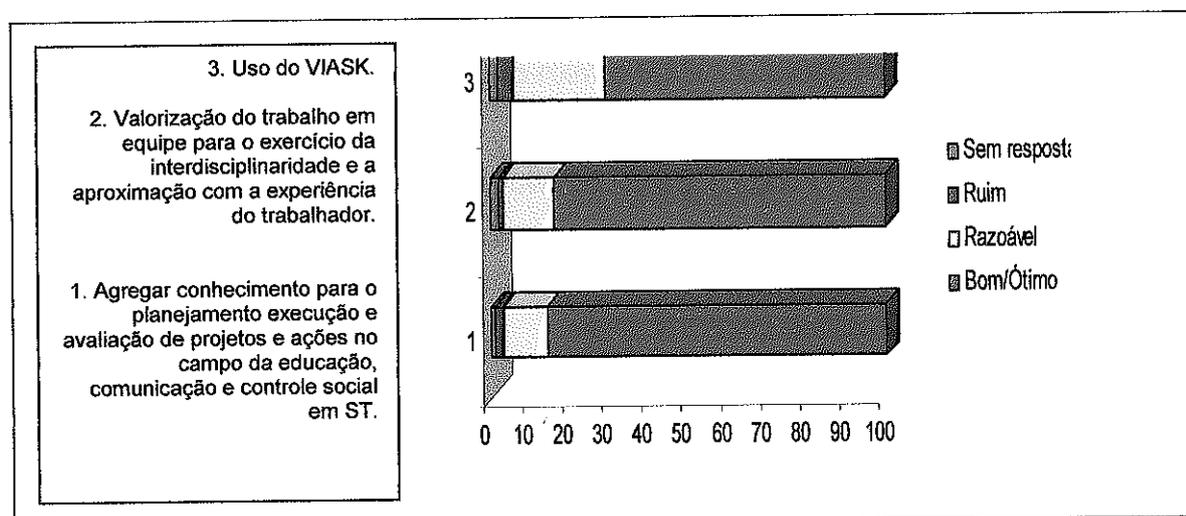


Figura 14: Percentual dos conceitos atribuídos pelos alunos para a Unidade de Aprendizagem VI- Educação, comunicação e controle social em ST.

A Figura 14 conforma as avaliações emitidas pelos alunos para o conteúdo da Unidade de Aprendizagem 6- **Educação, Comunicação e Controle Social em Saúde do Trabalhador**. Nela observa-se que 91,3% (147) alunos atribuíram o conceito bom ou ótimo para o conteúdo que trabalhou o conhecimento para o planejamento, execução e avaliação de projetos e ações no campo da educação e controle social, enquanto que 6,8% (11) alunos narraram como razoável, 1,2% (2) alunos citaram como ruim e 0,6% (1) aluno não respondeu. Destaca-se que as questões aqui avaliadas são fundamentais às práticas no campo da Saúde do Trabalhador. Daí a importância de trazer para reflexão o que pensam os alunos sobre este o conteúdo estudado e o que apreenderam com o mesmo.

No que tange a avaliação dos alunos sobre o conteúdo relacionado à valorização do trabalho coletivo (em equipe) para o exercício da interdisciplinaridade e a aproximação com a experiência e o saber do trabalhador, 90,0% (145) alunos disseram ter sido bom ou ótimo, enquanto que 8, 1% (13) alunos referiram como razoável, 0, 6% (1) aluno, disse ser ruim e 0,6 (1) aluno emitiu mais de uma resposta.

A exemplo do item anterior, também aqui é importante ressaltar o quanto significam para a ST as práticas multi e interdisciplinares na perspectiva do coletivo e a valorização do saber da experiência, reforçando aqui estas questões como princípios fundamentais à Saúde do Trabalhador.

Quanto ao uso do VIASK, 81,9% (132) alunos atribuíram conceito bom ou ótimo para este item, contra 14,3% (23) alunos que consideraram razoável, 2,5% (4) alunos o conceituam como ruim e 0,6% (1) aluno não respondeu.

### 5.3.9. Avaliação quanto ao desenvolvimento do Trabalho de Conclusão do TCC

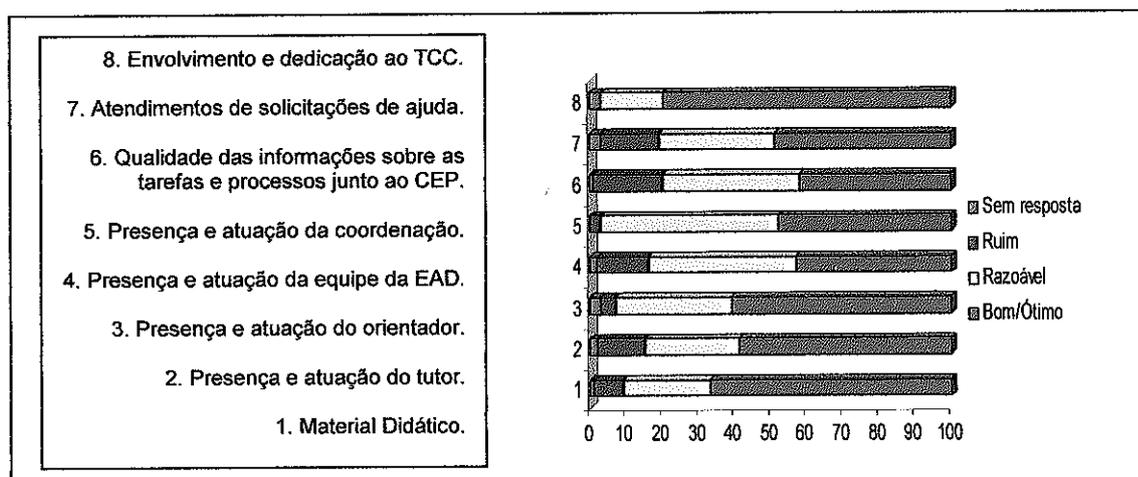


Figura 15 percentual dos conceitos atribuídos pelos alunos para o desenvolvimento do TCC

A Figura 15 apresenta as avaliações dos alunos para o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão do Curso (TCC). Observa-se que em relação ao material didático, a grande maioria 79,5% (129) alunos considerou bom ou ótimo, 14, 9% (24) alunos o conceituaram-no como razoável, 5, 0% como ruim e 0,6% (1) aluno não respondeu. Quanto ao item presença e atuação do tutor no trabalho do TCC, 74,5% (120) alunos referiram ter sido bom ou ótimo, 16, 1% (26) alunos relataram que foi razoável, 6, 8% (11) alunos atribuíram conceito ruim, 1,2% (2) alunos emitiram conceito péssimo e 1, % (2) alunos não responderam ou deram mais de uma resposta.

No que se refere à presença e atuação do orientador de aprendizagem, 75, 7% (122) alunos consideraram bom ou ótimo, 19, 9% (32) alunos apontaram como razoável, 2, 4% (4) alunos como ruim ou péssimo e 1, 8% (3) alunos não responderam ou deram mais de uma resposta. Sobre a presença e atuação da equipe da EAD, 64, 6% (104) alunos emitiram o conceito bom ou ótimo, 25, 5% (41) alunos qualificaram como razoável, 8, 7% (14) alunos avaliam como ruim e 1,3% (2) alunos não responderam.

Com relação à presença e atuação da coordenação do curso 67,7% (109) alunos afirmaram ter sido bom ou ótimo, 30, 4% (49) alunos avaliaram como razoável, 1, 9% (3) alunos responderam que foi ruim. Sobre a qualidade das informações quanto às atividades e processos junto ao Comitê de Ética FIOCRUZ, 63,9% (103) alunos informaram ter sido bom ou ótimo, 23, 6% (38) alunos aludiram o conceito razoável, 11,8% (19) alunos atribuíram o conceito ruim ou péssimo e 0,6% (1) aluno não respondeu.

No que concerne ao atendimento de solicitações de ajuda pelos alunos, 68,3% (110) alunos narraram como bom ou ótimo, 19, 9% (32) alunos citaram que foi razoável, para 9, 9% (16) alunos o conceito é ruim ou péssimo e 1,9% (3) alunos não responderam. No que diz respeito ao envolvimento e dedicação dos alunos ao TCC observa-se que 87,5% (141) alunos imprimiram o conceito bom ou ótimo para seu envolvimento neste trabalho, 10,6% (17) alunos relataram ter sido razoável e 1,9% (3) alunos não responderam ou deram mais de uma resposta.

#### **5.4. As Falas dos Egressos: contextualização da avaliação**

Neste item do estudo procurei desenvolver a análise (qualitativa) do material obtido com as respostas dos alunos ao questionário de avaliação do curso. Ao final de cada questão fechada, era dado ao aluno um espaço para que pudesse registrar suas opiniões ou, então, justificar as notas atribuídas.

Como visto anteriormente, ao efetuar a análise dessa parte do material, busquei apoio na técnica da análise de conteúdo Bardin<sup>10</sup>. Visando obter o máximo de aproveitamento dos textos dos alunos foram adotados, após sucessivas leituras do material, alguns passos metodológicos que se seguem:

- Agrupamento dos materiais de análise tendo como eixo organizador as próprias perguntas do questionário estruturado em onze (11) blocos e cada

bloco contém uma série de perguntas, subdivididas em outras que somadas totalizam cinquenta. Deste universo de questões, para efeito deste estudo, selecionamos quatro. A escolha por esses quatro grupos de respostas deve-se ao fato de que elas permitiram a aproximação com um construto de avaliação que é essencialmente integradora, uma vez que entrelaçam dimensões ativas do processo educativo/formativo do curso em questão - o subjetivo, o político e o pedagógico;

- Avaliar a dimensão subjetiva e pessoal dos alunos em relação à formação, mediante a análise das expectativas;
- Avaliar os aspectos pedagógicos e didáticos de um curso a distancia;
- Avaliar as implicações políticas de um curso voltado para a rede pública de saúde.

Portanto, as quatro perguntas que serviram de referência ao desenvolvimento do estudo foram: 1) Quais eram suas expectativas em relação ao curso ao se candidatar e se foram atendidas; 2) Se o gestor liberou as 08h00min h pactuadas, se ele ofereceu outro tipo de apoio e qual; 3) Como você avalia a qualidade do material didático do curso; 4) como você avalia a eficiência do curso quanto ao uso do VIASK (Virtual Institute of Advanced Studies Knowledge).

As falas não serão identificadas, uma vez que os questionários eram respondidos sem a necessidade de identificação do respondente. Para cada item apresentado, registraremos as frases mais relevantes, em um número máximo de uma por aluno.

#### **5.4.1 Expectativas dos alunos ao procurar o curso**

Na análise das expectativas dos alunos, por meio dos questionários, identifiquei que a maioria das respostas foi positiva nos seguintes aspectos: ampliar ou obter conhecimento do campo da Saúde do Trabalhador, sua relação com o campo da Saúde Ambiente, desenvolver uma visão sistêmica e global das políticas voltadas para a saúde; aprender e introduzir conhecimentos

sobre a Política Nacional de Saúde do Trabalhador de modo a efetivá-la na prática; ser multiplicadora nesta área de conhecimento; conhecer as competências dos Centros de Referência em Saúde do Trabalhador e ainda conhecer a estrutura da RENAST para atuação nos municípios. Quanto ao atendimento das expectativas a análise das respostas evidenciou que a maioria dos alunos considerou terem sido alcançadas. Como pode ser observado no grupo de respostas a seguir:

***“Aprofundar meus conhecimentos para aplicação eficaz no âmbito do trabalho e na vida... esperava saber e entender melhor sobre a saúde do trabalhador e assim desempenhar de forma satisfatória o meu trabalho... Aprender, e introduzir conhecimentos sobre a PNST e colocá-la em prática. E consegui com o curso”*** (aluno/a do curso)

***“Aprimorar conhecimentos, ter uma visão sistêmica e global das políticas públicas voltadas à saúde do trabalhador. Sim foram atendidas”.*** (aluno/a do curso)

***“Ampliar meus conhecimentos sobre a realidade e saúde do trabalhador, suas relações com o campo da Saúde Ambiente e as bases para a implementação do mesmo. Sim foram atendidas em função de expressivo ganho de informações”*** (aluno/a do curso)

***“Minhas expectativas eram de ter conhecimento e trocar experiências com outros profissionais da área...conhecer um novo campo de atuação para o município. O curso superou minhas expectativas”*** (aluno/a do curso)

***“Minha expectativa era me aprofundar no conhecimento e colocar em prática no meu trabalho assim como ser multiplicadora na área. E eu alcancei a expectativa grandiosamente”*** (aluno/a do curso)

***“Conhecer melhor a PNST, a estrutura da RENAST e as verdadeiras funções dos Cerests no Processo de Consolidação da Saúde do Trabalhador em nosso país, mais especificamente em nossa região. Sim foram atendidas”*** (aluno/a do curso)

***“Sempre ouvi referências excelentes sobre a escola Nacional de saúde Pública Sérgio Arouca e minhas expectativas eram de que meu aprendizado iria melhorar e facilitar meu trabalho enquanto enfermeira e docente na área da saúde. O que consegui foi além das minhas expectativas”*** (aluna do curso)

Diante destas respostas pode-se afirmar que nas primeiras aproximações com os dados primários deste estudo, por meio de uma leitura crítica das respostas dos alunos expressas no instrumento base da coleta de dados, chamou-me a atenção a diversidade dos textos, advindos de sujeitos que têm histórias cujo aspecto central abalizador observo ser a própria **experiência do trabalho**. Com isto reafirmo neste estudo a idéia da centralidade do trabalho na vida das pessoas (Antunes<sup>76</sup>) e também como fator fundamental da formação humana (Marx<sup>77, 78</sup> e Gramsci<sup>79</sup>). Neste sentido entendo a avaliação como um processo em que ocorrem reflexões numa perspectiva crítica, acerca do que estou avaliando e o que apreendi no processo vivenciado, neste caso na formação em Saúde do Trabalhador.

Assim é interessante trazer ao diálogo Freire<sup>6</sup> que, em seus dizeres, avaliação implica "*reflexão crítica permanente sobre minha prática através da qual vou fazendo a avaliação do meu próprio fazer (...) e o ideal é que cedo ou tarde se invente uma forma pela qual os educandos possam participar da avaliação*" (p: 71). Daí a relevância deste estudo na medida em que privilegia o que pensam os alunos sobre a formação que vivenciaram, de modo a permitir que ao avaliarem possam imprimir reflexões a respeito de sua prática profissional na saúde e ainda estabelecer relações com o que apreenderam nesta formação.

Destaco também nesta análise, a importância da aproximação entre serviço e instituição formadora. Ou seja, as avaliações dos alunos remetem à reflexão de que é fundamental que a instituição formadora organize seus cursos de forma a adequar seus currículos às demandas sociais, no caso da formação em saúde, aos princípios do Sistema Único de Saúde Nacional, respeitando as peculiaridades regionais e locais, além de buscar integrar as formações numa perspectiva ensino-serviço de modo a atender às demandas de saúde da população local.

Minayo<sup>57</sup> em pesquisa realizada sobre avaliação de cursos de pós-graduação em saúde Coletiva sinaliza que o perfil da demanda aos cursos de pós-graduação vem gradativamente se modificando, principalmente, no que tange ao mestrado e doutorado. Ressalta que a procura pelos cursos estaria se encaminhando fundamentalmente para atender gestores e profissionais do serviço: "*essa inflexão significaria uma busca por qualificação desses atores (que atuam na Prática) e estaria impulsionada pela revolução da sociedade do*

*conhecimento e do mercado público e privado de trabalho em saúde, cada vez mais rigoroso quanto à formação dos profissionais” (p: 10)*

A reflexão da autora aponta para a relevância de que a avaliação do curso considere a aproximação da formação e instituição formadora na relação ensino-serviço para que os cursos estejam cada vez mais próximos da realidade, com vistas a uma educação/formativa e interventiva, manifestada por vários alunos, quando nas recorrentes sinalizações voltadas para a sua prática, ao expressarem suas expectativas ao procurar este curso (Saúde do trabalhador e Ecologia Humana).

Apesar da maioria dos alunos ter manifestado expectativas de agregar novos conhecimentos, aos já acumulados, pela sua graduação e pela experiência de trabalho, destaco a seguir um texto que enfatiza como motivação principal, o fato de o curso ser gratuito. Entretanto, é interessante observar o destaque dado pelo próprio profissional ao afirmar que o curso trouxe surpresa, despertando nele a possibilidade de inserção nesta área de conhecimento. Como pode ser visto no texto a seguir.

***“Na verdade fiz, a princípio por ser uma especialização e ser gratuita, mas com o decorrer do andamento, me surpreendi e aprendi muito sobre a saúde do trabalhador em relação com o trabalho, no qual já penso em trabalhar na área agora” (aluno/a do curso)***

Diante da análise das avaliações dos alunos registradas no instrumento de avaliação posso afirmar que uma das motivações que os levaram a realizar este curso foi no sentido de atender às suas expectativas máximas, podendo ser traduzidas na busca de novos conhecimentos, bem como aperfeiçoamento pessoal e profissional para uma melhor atuação na rede de serviços de saúde em que atuam.

#### **5.4.2. Qualidade do Material Didático do Curso**

Quanto ao material didático, que corresponde aos aspectos pedagógicos deste curso na modalidade a distancia identifiquei que a maioria dos alunos que participaram da avaliação, o considera de boa qualidade. Os pontos positivos destacados pelos alunos evidenciam que: trata-se de um material muito bem elaborado e de conteúdo excelente, de fácil entendimento

(com linguagem fácil), coerência entre este material e os objetivos do curso, os momentos presenciais como fomentadores de troca de experiências entre os sujeitos e estímulo ao estudo.

Entretanto, na análise das respostas dos alunos, apesar dos aspectos positivos, evidenciei também questões que merecem destaque na avaliação do curso como: a relação tempo de trabalho e tempo para atender as demandas do curso. Este aspecto (fator tempo e rotina de trabalho) pode, a meu ver, ter-se constituído em um elemento limitante para o desenvolvimento da formação. Isto pode ser observado num dos textos, quando o aluno afirma que em um determinado momento sentiu o rendimento cair. As atividades inerentes ao curso, exercícios, trabalhos de campo, dentre outros foram considerados excessivos e por vezes confusos, de difícil compreensão, questão agravada como já referido, pelo limite de tempo. Um dos textos sinaliza a dificuldade de entendimento dos objetivos das atividades, o aluno justifica essa avaliação por tratar-se, na sua concepção, de assunto novo e pouco discutido. Registro a seguir um grupo de respostas dos alunos que retratam as questões aqui sinalizadas.

***“O conteúdo do curso foi muito bem elaborado, no entanto o tempo que dispúnhamos era limitado... Em determinado momento senti meu rendimento cair”*** (aluno/a)

***“Algumas atividades foram um pouco mais difíceis de compreensão, pois às vezes eram confusas, mas no geral, muito coerentes. De certa forma, acho que teve um excesso de atividades, pois a rotina do serviço consome muito do nosso tempo e em determinados momentos fica difícil conciliar trabalho e estudo. Com relação às dificuldades das atividades, não senti muitas... O material e o conteúdo foram excelentes”*** (aluno/a do curso)

***“Penso que aulas presenciais enriquecem muito o estudo, estimulam e permitem a troca de experiências entre os alunos. Todavia gostaria de ressaltar, que a maioria dos cadernos de atividades foram muito bem elaborados, numa linguagem de fácil entendimento. A dificuldade maior, caderno III”*** (aluno/a do curso)

***“Os textos de apoio estão coerentes com o objetivo do curso – o assunto é relativamente novo e pouco debatido, por isso as dificuldades na percepção do objetivo de cada atividade”*** (aluno/a do curso)

***“Senti dificuldade nas primeiras atividades, mas logo recuperei. O material didático de excelente qualidade e com facilidade na leitura que nos levava a todo o momento para a reflexão da realidade cotidiana”*** (aluno/a do curso)

***“A cada leitura, me impressionava, com o material do curso realmente foi feito para se aprender a distância, pois é muito didático, não tem como não ler e não entender... Parabéns!”*** (aluno/a do curso)

Com relação a uma das questões consideradas ponto de fragilidade deste curso apontado nas avaliações dos alunos (limite de tempo) é interessante trazer Oliveira<sup>15</sup> que, segundo esta autora, os participantes de seu estudo apontaram para uma série de desafios e limites do curso avaliado, dentre eles o limite de administração do tempo para o curso e as atividades profissionais de responsabilidade daqueles alunos, que se aproxima da avaliação dos alunos de nosso curso. *“Tempo: Um nó na rede- a questão tempo representa um grande nó na experiência analisada”* (p: 85).

Sem dúvida que as avaliações manifestas pelos alunos que vivenciaram a experiência da formação imprimem importância impar a este estudo, considerando o quanto podem agregar de qualidade à implementação de cursos futuros e, neste sentido, como nos dizeres de Oliveira<sup>15</sup>, “afrouxar os nós” da rede.

Avaliar a qualidade de cursos, principalmente, quando se trata de cursos a distância, não é tarefa fácil, constitui-se num grande desafio que deve ser enfrentado. Para tanto, uma das possibilidades de enfrentamento pode estar justamente, na incorporação de todos os sujeitos envolvidos no processo do curso, de modo a construir estratégias facilitadoras para a construção de metodologias avaliativas. Autores como Roque & Campos<sup>80</sup> em seus estudos acerca de um curso de Especialização em Tecnologia de Educação na modalidade a distância referem que:

***“A busca da qualidade de cursos na modalidade a distância tem sido discutida por alguns autores, mas não verificamos ainda uma metodologia que possa ser utilizada com segurança e eficácia a fim de evidenciar os resultados alcançados pelo curso”*** (p: 405).

Estes autores chamam a atenção para a necessidade de que instituições de ensino implementem uma:

*“estrutura de acompanhamento e avaliação, sistemática, contínua e formativa (...) deve compreender a verificação dos itens considerados nos objetivos do curso e ações específicas durante o processo, de modo a minimizar as dificuldades já conhecidas da modalidade a distância” (p: 406).*

#### **5.4.3. Liberação e Apoio do Gestor Para o aluno Fazer o Curso**

Com relação ao apoio do gestor para realização do curso, a maioria dos alunos avaliou que, além de terem contado com a liberação da carga horária pactuada (8: h semanais) os gestores, em sua maioria, contribuiu com a participação em vários outros aspectos importantes e necessários à viabilização do curso no seu todo. Os pontos avaliados como positivos nas respostas dos alunos foram: contribuição para o deslocamento dos alunos para os encontros presenciais; liberação de espaço/sala para encontros de estudo; liberação de computadores; acesso à internet; impressora; material bibliográfico, dentre outros. O apoio e envolvimento dos gestores, como avaliam a maioria dos alunos em suas respostas, constitui um fator determinante para o bom andamento do curso e conseqüentemente para uma melhor formação dos profissionais. Todavia, apesar de na análise ter sido identificado a avaliação positiva predominantemente maior, foram também evidenciadas nas respostas dos alunos, avaliações que merecem destaque, por terem de certa forma contribuído para o surgimento de pontos de estrangulamento no processo de formação dos alunos.

Algumas avaliações referem que o apoio do gestor restringiu-se à liberação das oito horas semanais. Já outros destacam questões políticas (ingerências) como elemento negativo que imprimiu dificuldades aos alunos no processo de sua formação. Portanto são questões de contraponto às avaliações positivas: mudanças de governo levando à não concretização do compromisso pactuado, no período de organização e implantação do curso; a demanda de serviço também aqui aparece como fator limitante, respostas dos alunos dizem preferir realizar os trabalhos no horário de almoço, ou então em casa, pós expediente, para não atrapalhar os colegas, ou então para não acumular serviço, conforme pode ser visualizado no grupo de respostas a seguir.

**"Houve mudança de governo e a coordenadora se manteve, mas sempre que solicitei para os encontros presenciais e ou quando me referia aos trabalhos ela dizia que a atual administração a questionaria e que havia perdido um curso por não ter concluído a monografia porque tinha que priorizar o trabalho e também se eu reperia depois, numa forma de me constranger, mas eu sempre me posicionei dizendo que havia um compromisso assumido e que ela tinha conhecimento e que eu não iria abrir mão e que eu estava conduzindo o curso sem fazer uso das oito horas e que se precisasse eu iria procurar a pessoa superior pra deixá-la despreocupada então ela dizia que não seria necessário era só providenciar comprovantes que ela então resolveria."** (aluno/a do curso)

**"Como tivemos mudança de gestores durante a execução do curso, o setor de SAUDE E SEGURANÇA onde trabalhava foi desativado. Isto foi uma perda muito grande, uma vez que o setor existia há mais de 15 anos, com relevantes trabalhos junto a empresas e indústrias do Estado. Até hoje não foi reativado... e é com grande pesar que relatamos essa situação, uma vez que desenvolvíamos com muito amor e dedicação o trabalho de orientação de trabalhadores para medidas de prevenção"** (aluno/a do curso)

**"Foi feita uma exposição de motivos e ele deu parecer favorável, pena que mudou o governo que mudou a coordenação, que não realizou nada mais em prol do trabalhador"** (aluno/a do curso)

**"Quando o curso solicitou a autorização sim, porém com as mudanças de presidência do sistema, tive dificuldades, pois queriam restringir o acesso à internet"** (aluno/a do curso)

**"Não tive apoio. Durante todo o curso tive muita dificuldade para participar das reuniões. A cada novo encontro com a tutora eu e minhas colegas de trabalho tínhamos que argumentar com a direção. Todas as atividades foram feitas em casa e durante meu horário de almoço"**(aluno/a do curso)

**"Preferi estudar em casa na maioria das vezes para não atrapalhar os colegas"** (aluno/a do curso)

**"Tive dificuldade de liberação devido a grande demanda do serviço. Realizei as atividades nos horários de folga"**

Certamente que os aspectos aqui relacionados, frente à avaliação negativa dos alunos, podem remeter às implicações políticas deste curso

voltado para a rede de saúde e em especial para a saúde do trabalhador, aspectos que devem ser motivo de reflexão e preocupação num processo de implementação de novos cursos.

#### **5.4.4. Acesso e Utilização às Tecnologias Virtuais do Curso**

Na análise das respostas dos alunos no que tange ao acesso e utilização das tecnologias virtuais do curso, observando no item da análise dos dados quantitativos apresentadas anteriormente nos gráficos, as avaliações são em sua maioria positivas. Contudo, ao realizar a análise das respostas abertas fornecidas pelos alunos, percebe-se que a maioria das avaliações aponta para pontos negativos como:

- a) uma ferramenta que oferece poucos recursos para integração entre as turmas;
- b) não foi possível usar algumas ferramentas, como Chat, Fórum;
- c) a plataforma não estava pronta para ser usada no momento da capacitação;
- d) insuficiência de instrutores e computadores no momento do treinamento dos alunos para utilização desta ferramenta;
- e) a turma teve dificuldade de domínio de todas as ferramentas disponibilizadas no ambiente virtual e a comunicação foi falha.

Estas são as principais avaliações dos alunos ao acesso e uso do ambiente virtual do curso, como o evidenciam os textos a abaixo:

***“A crítica ao VIASK é que oferece poucos recursos para uma melhor integração até mesmo entre alunos da turma. O fórum e o chat são péssimos para operar. Faltou no curso uma ferramenta melhor estruturada”*** (aluno/a do curso)

***“Com relação a utilização do VIASK creio que foi o ponto deficiente do curso, pois algumas ferramentas não foram possíveis serem utilizadas ou simplesmente eram inviabilizadas, como exemplo o CHAT, mas perfeitamente compreensível”*** (aluno/a do curso)

***“A plataforma não estava pronta pra ser usada na integralidade, no momento da capacitação ao uso do VIASK” (aluno/a do curso)***

***“O treinamento para o uso do VIASK deixou muito a desejar quanto à quantidade insuficiente de computador e instrutores” (aluno/a do curso)***

***“Quanto ao treinamento do VIASK, no início tive algumas dificuldades normais por estar em meu primeiro curso à distância, entretanto estas dificuldades foram se superando no decorrer do mesmo e o uso do VIASK foi dominado completamente” (aluno/a do curso)***

***“O VIASK na verdade não disponibilizava todas as ferramentas ou a turma não dominou, por exemplo os fóruns. também acessar a biblioteca virtual não era tarefa fácil de conseguir” (aluno/a do curso)***

***“O VIASK, na verdade não funcionou. A comunicação foi falha em grande parte do tempo” (aluno/a do curso)***

Na análise das avaliações feitas pelos alunos ao item em pauta, pude constatar o quanto as ferramentas do ambiente virtual do curso foram frágeis evidenciando-se o não domínio total por parte dos alunos de todas as tecnologias disponíveis por este ambiente. Isto provavelmente teve implicações no desenvolvimento do curso e dos próprios alunos que reconhecem as limitações e identificam os problemas. Por tratar-se de um curso na modalidade a distância as tecnologias virtuais são um dos pontos importantes para a viabilização do curso. Oliveira<sup>15</sup> citando Lévy (2001) refere que as *“novas ferramentas de suporte digital constituem um enriquecimento considerável do ambiente de aprendizagem. (...) Deverão ser utilizadas não para ‘substituir o professor’, mas para aumentar o poder de ação, de comunicação, cooperação e de navegação dos alunos”* (p: 79).

Com relação a esta questão (ferramentas virtuais), considerando as respostas dos alunos poderia identificar como um dos “nós” do curso que precisam ser, como nos dizeres de Oliveira<sup>15</sup> *desafados, afrouxados* para viabilizar o funcionamento da rede. Entretanto, esta autora chama a atenção para uma questão fundamental ao processo da EAD que é: *“a mediação pedagógica na EAD, enfatiza o processo de produção de conhecimento e envolve os suportes mediadores – tecnológicos ou não - os procedimentos interativos e as relações que envolvem professor/aluno/conhecimento”* (p: 74).

Portanto, qualquer que seja o suporte mediador do curso, deve-se dar destaque ao processo de produção de conhecimento e para isso, as tecnologias devem facilitar esse processo. Na análise deste estudo observei que os alunos sinalizam dificuldades de utilização de ferramentas como chat e, principalmente, fóruns, dados que considero importantes uma vez que os fóruns de discussão são espaços que podem contribuir para a construção coletiva de conhecimento, devendo, portanto serem utilizados adequadamente pelos alunos em todo o desenvolvimento do curso.

Ainda sobre esta questão (ferramentas virtuais) é importante trazer aqui a reflexão sobre as dificuldades apontadas pelos egressos, por entender que estas dificuldades não se limitam ao seu manuseio. Já que o estudo identificou que, na medida em que se dava o desenrolar do curso e, na seqüência das Unidades de Aprendizagem, os alunos apresentavam, em suas práticas frente a estas ferramentas, um maior domínio de conhecimento. Entretanto, lembrando estudos de autores como Oliveira<sup>15</sup> que confirmei com esta pesquisa, uma das grandes dificuldades sobre as tecnologias virtuais nos cursos de Educação a Distância, pode de certo modo ter relação com as diferenças regionais. Dependendo da região a internet é bastante lenta e instável, somado a esta questão, alguns alunos não possuem computador, levando-os a recorrer a equipamento como Lan House para dar conta das exigências do curso.

**Considerações Finais**

A análise dos dados do presente estudo aponta para alguns desafios da construção de estratégias formativas baseadas na educação a distância. Também desvela a necessidade de incorporarmos, sistematicamente, uma cultura de avaliação e acompanhamento dessas estratégias, baseada nos seguintes marcos norteadores:

- **PARTICIPAÇÃO DOS SUJEITOS** – a participação efetiva de todos os atores envolvidos com o processo formativo é fundamental para o sucesso de uma estratégia de avaliação;
- **INTEGRAÇÃO DAS DISCIPLINAS** – a estratégia de avaliação está intimamente relacionada à capacidade de integração entre as diversas áreas de conhecimento envolvidas com a questão, desde a saúde do trabalhador, campo de conhecimento o qual fundamenta este estudo e para o qual pretende contribuir, até a educação, passando por diversos campos que contribuem com o processo formativo em questão;
- **ESTUDOS CULTURAIS** – nenhuma ação de avaliação integrada pode se resumir ao olhar do programa ou da estrutura de um curso. O conhecimento dos valores, percepções e opiniões dos participantes do processo formativo é de fundamental importância para apurar o olhar do avaliador sobre o objeto da avaliação. Assim, reforça-se aqui a importância dos estudos culturais para o sucesso das estratégias de avaliação de processos formativos.

Falo aqui de uma visão ampliada de avaliação, que supõe a compreensão da complexidade do processo formativo, dos atores envolvidos e do campo com o qual se relaciona. Em outras palavras, falo de uma avaliação que deve extrapolar as relações aluno e professor/tutor e incorporar a dimensão política e social, buscando contribuir para a formação crítica, que

permita atuar de forma efetiva na realidade. No caso da formação em Saúde do Trabalhador esta questão é imperativa associada à participação dos egressos e no acompanhamento de sua formação. Recorrendo a Alonso<sup>81</sup>, observo o seguinte:

***“um processo avaliativo educativo compreende dimensões que extrapolam, em muito, a relação professor/aluno ou a relação aluno/saberes (...). Os processos de acompanhamento e de avaliação são intrínsecos aos processos educacionais porque mediante eles podemos levantar indicadores que venham nos “revelar” se a aprendizagem foi efetiva ou não (...). Esta afirmação tem, por sua vez, como pressuposto, a idéia de que um processo educacional tem por base o trabalho com os conhecimentos históricos acumulados” (p: 154).***

Acrescento outro elemento à complexidade do objeto aqui trabalhado: não estou falando da avaliação de um processo formativo tradicional, presencial, no qual o conhecimento é compartilhado nas trocas entre alunos e professores num contato mais direto e freqüente. Estou falando de avaliação de estratégias de formação em saúde a distância.

Alonso<sup>81</sup> comenta que a EAD pressupõe o rompimento da relação “face a face” entre os sujeitos alunos-professores. Contudo, a autora também reforça a importância das várias ferramentas e tecnologias inerentes a este processo de formação. Ressalta que sejam bem utilizadas explorando todo o seu potencial, principalmente nesta modalidade de ensino. Destaca os *meios de comunicação, os materiais didáticos e tutoria acadêmica* que segundo a concepção da autora, são instrumentos fundamentais ao processo comunicativo formativo.

Quanto à relação “face a face”, a compreensão é de que em qualquer que seja o projeto político-pedagógico deve dedicar atenção especial a esta relação que considero elemento básico em qualquer processo formativo/educativo. Entendo que esta relação não se supera, ao contrário, deve ser incorporada e desenvolvida com a utilização de recursos próprios à EAD, como tecnologias virtuais que podem favorecer e facilitar ações comunicativas, criativas e dialógicas, troca de saberes e de aproximação entre os sujeitos do processo formativo. Nesta perspectiva avalio importante trazer,

para efeito de reflexão o texto de Gomez & Freire<sup>82</sup> que me parece estar em sintonia com o pensamento que defendo.

***“Foi com espírito de rede emancipadora que iniciamos estas atividades a distância. Hoje podemos afirmar que é necessário continuar com a proposta dialógica da educação, utilizando a Internet e outras tecnologias que podem surgir no contexto cultural. Cremos que estão dadas as condições para a formação em rede, porque nos permite aproximar experiências e enriquecer as práticas educativas” (p: 17)***

Como visto a Educação a Distância, enquanto estratégia de formação nas diferentes áreas do conhecimento e de práticas deve proporcionar ao aluno uma reflexão crítica sobre o processo em que está sendo formado e, ao mesmo tempo “dar-lhe voz”, no sentido de que, enquanto sujeito que vivencia ou vivenciou o processo de formação participe da avaliação de maneira a contribuir com uma melhor qualidade para os cursos. Nesta perspectiva crítica de avaliação cito aqui uma reflexão de Enguita<sup>83</sup> que me permite compreender a importância e a necessidade dos movimentos e processos que privilegiem a construção da crítica para a discussão e avaliação da educação e, conseqüentemente, de cursos de formação que me parece adequada à avaliação da EAD.

***“Há que compreender a avaliação crítica da educação realmente existente, das idéias dominantes sobre a educação e, igualmente, de outros aspectos de vida social que confluem com a empresa educativa em seus sucessos ou em seus fracassos. E essa avaliação crítica não se deterá simplesmente, e satisfeita, na enumeração dos obstáculos que a organização da sociedade põe a realização de qualquer ideal educativo que transcende-la, mas deverá, sobretudo, tratar de localizar as tendências já existentes dentro da própria sociedade atual que permite prever e delinear o que serão, uma vez livre de travas, as tendências da educação do futuro. Quer dizer, crítica, uma vez mais, deverá buscar a solução às antíteses reais nas tendências reais no presente” (p:80).***

A chave para o sucesso de uma estratégia de avaliação voltada à educação a distância se encontra na compreensão de seus objetivos, suas idiossincrasias e seu alcance. Envolve, também, a compreensão que, apesar da “distância”, é sim um processo de formação, de construção de saberes, e

que por mais que pareça isolado, individual, configura-se como espaço coletivo (aluno, tutor, coordenação, orientadores, companheiros de turma) de construção de conhecimentos. Segundo Gramsci<sup>84</sup> é nesses espaços coletivos que ocorre o exercício da capacidade criadora de transformação e de formação de uma nova subjetividade. Como o sinaliza este autor.

***“Deve-se entender criador, portanto, no sentido relativo, no sentido de pensamento que modifica a maneira de sentir do maior número e, em consequência, a própria realidade que não pode ser pensada sem a presença deste maior número” (p: 32).***

Portanto, a construção de conhecimento na acepção deste estudo implica o desenvolvimento de práticas e processos educativos que busquem mudança da realidade e que facilitem o diálogo entre os sujeitos numa perspectiva crítica. No caso do campo da Saúde do Trabalhador, o diálogo entendido enquanto processo de conhecimento é a possibilidade histórica da interação entre trabalhadores e pesquisadores-sujeitos de linguagem e vidas diferentes que se tornam construtores de uma nova ciência de uma nova cultura. Pode-se, então afirmar que o diálogo é formativo.

Esse fato é relevante e pôde ser observado em diversos momentos do curso, através das falas e das avaliações dos egressos do Curso de Especialização em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana.

Alguns desafios foram evidenciados ao longo da análise dos dados dos questionários. Um primeiro diz respeito à necessidade de se buscar a produção de conhecimento, otimizando o desempenho acadêmico no equilíbrio entre conteúdo e atividades de avaliação inerentes ao curso, incluindo sua compreensão. Como observado neste estudo, o excesso de atividades – que se sobrepõem ao dia-a-dia de trabalho, visto que os alunos de cursos a distância, na sua grande maioria, são trabalhadores e não têm liberação total para a realização desse Curso – é um fator que pode dificultar a apropriação plena do conhecimento, podendo tornar o curso, muitas vezes, cansativo e desestimulante.

Juntamente com o número considerado excessivo de atividades, o manejo das ferramentas de informática ainda representa uma das principais dificuldades para a plena execução do curso. Apesar de todo um investimento em treinar e capacitar os alunos no ambiente virtual, durante o primeiro encontro presencial do curso aqui discutido, a análise dos dados dos

amplo entendimento das ferramentas disponíveis para a realização do curso. Porém, é importante destacar também um dado fundamental sobre esta questão e que deve ser considerada na avaliação. Trata-se aqui de trazer novamente à reflexão as realidades locais e regionais, que nem sempre disponibilizam plenamente as ferramentas virtuais, implicando de certo modo, no aumento das dificuldades.

Retomando o capítulo 5 desta dissertação que apresenta e discute os resultados encontrados no estudo avalio como importante resgatar algumas questões apontadas pelos alunos ao avaliarem o curso, pela compreensão de que reforçá-las, neste momento, pode imprimir reflexões importantes ao desenvolvimento de novos cursos e conseqüentemente qualidade, sob o ponto de vista dos alunos à formação que receberam.

Uma das questões importantes de serem retomadas refere-se ao atendimento às expectativas dos alunos, segundo depoimentos estas foram atendidas na sua totalidade. Os alunos justificam esta afirmativa fazendo relatos fundamentais ao campo da ST como: terem buscado conhecimento sobre saúde do trabalhador para melhor atuação profissional nas políticas públicas de saúde junto à população trabalhadora e, mais, por terem sido amplamente atendidos nestas expectativas. Relatos como necessidade de ampliar e aprofundar conhecimento; ser capaz de estabelecer relação entre saúde ambiente e saúde do trabalhador; desenvolver uma visão sistêmica e global de saúde, construir conhecimento para intervir na realidade, refletir sobre a atuação da RENAST em seus municípios, dentre outras. Estas manifestações por parte dos alunos referendam a relação de suas expectativas com os objetivos do curso.

Quanto à questão sobre o material didático-pedagógico, considerado pelos alunos de excelente qualidade, também merece destaque por tratar-se, do conteúdo do próprio curso e, em se tratando de curso na modalidade a distância deve, fundamentalmente, proporcionar aos formandos qualidade em conteúdo e facilidade para sua compreensão de forma atrativa e estimulante. O que não é menos importante em cursos na modalidade presencial, porém é imprescindível para a formação de alunos cuja relação destes com o curso está pautada, em grande parte, no diálogo com este material. Logo é relevante trazer o que os egressos pensam sobre o mesmo e considerar suas avaliações com vistas a sua melhoria.

trazer o que os egressos pensam sobre o mesmo e considerar suas avaliações com vistas a sua melhoria.

Sobre a liberação e apoio do gestor para a realização do curso, o estudo evidenciou, nas avaliações da maioria dos alunos, questões de grande relevância para a viabilização do curso nesta modalidade (a distância) como, por exemplo, o envolvimento efetivo do gestor no processo do curso e na formação dos alunos, dado considerado fundamental e determinante para sua eficácia. Por isso, dependendo do envolvimento do gestor a realização do curso pode apresentar maiores ou menores dificuldades.

Quanto ao questionário analisado (instrumento de avaliação neste estudo), tentando responder a uma das perguntas iniciais deste estudo, possibilitou trazer para o centro da avaliação as concepções e valores dos alunos sobre o curso, questão que como já sinalizada, em diversos momentos nesta pesquisa, atribui significado impar à avaliação em ST, face ao valor que representa para este campo de conhecimento a fala do trabalhador, neste caso dos alunos, sobre o processo que vivenciaram e suas experiências. Entretanto, considerando que os valores utilizados na pesquisa foram somente os emitidos pelos alunos pode se apresentar como um dos limites do estudo, já que pode sugerir um viés de informação. O que reforça a necessidade de continuidade deste estudo de avaliação do curso, articulando os resultados ao projeto de avaliação mais amplo em desenvolvimento no CESTE, trazendo outros atores do processo de formação e outros instrumentos como, por exemplo, formação de grupos pedagógicos de discussão.

Sobre as demais questões que serviram de orientação para este estudo creio terem sido respondidas no decorrer da pesquisa e, reforçando esta afirmativa, trago algumas falas dos alunos que reafirmam a importância do curso para sua formação profissional, uma vez que lhes permitiu ampliar seus conhecimentos, dentre outros, sobre o Sistema Único de Saúde e estabelecer relação entre este conhecimento e sua prática profissional, o que pode contribuir para uma melhor atuação frente à realidade dos serviços de saúde e às demandas sociais. Como relatos a seguir:

***“Este curso serviu para ampliar a minha visão sobre o SUS e me mostrar que a partir do exercício de parcerias, da participação efetiva nas instâncias de governo e da articulação entre as políticas públicas, tornar possível a RENAST” (aluno/a do curso)***

**articulação entre as políticas públicas, tornar possível a RENAST” (aluno/a do curso)**

**“O curso me levou a acreditar que é possível construir ações conjuntas que sejam capazes de melhorar a RENAST, fortalecendo o controle social e cooperando com o cumprimento das leis e a melhoria das condições de saúde e trabalho em todos os níveis” (aluno/a do curso)**

**“O curso em si conseguiu demonstrar a abrangência e as políticas de intersetorialidade e intrasetorialidade, as quais fortalecerão a RENAST. Neste ponto, foram muito positivas as mensagens quanto ao interesse em estruturar a RENAST” (aluno/a do curso)**

**“O aluno amplia totalmente seus conhecimentos referentes ao SUS e a Saúde do Trabalhador e principalmente quanto à implementação da RENAST, levando a pensar e a melhorar as nossas práticas profissionais” (aluno/a do curso)**

Outro dado que considero importante nesta avaliação é reforçar a necessidade e a urgência de implantar, de fato, as ações de saúde do trabalhador no SUS, mas isto por si só não basta. É fundamental que se dê continuidade a essas ações e para tanto é relevante que um instrumento de avaliação atente para as condições de trabalho dos alunos/profissionais que atuam na saúde, para quem este curso está dirigido. A atenção deve ser dada em especial para a situação de trabalho quanto aos vínculos empregatícios considerando a fragilidade dos mesmos, atualmente, em todas as áreas de trabalho na rede pública de saúde, situação que pode influir ou não na continuidade das ações, devido à possibilidade de ocorrer rotatividade de profissionais. Daí a necessidade de investimentos efetivos em uma educação permanente em ST.

Finalmente, consideradas as questões aqui colocadas acredito que o presente estudo pode também contribuir para a organização de oficinas com os coordenadores do curso, orientadores e tutores, para apresentar os dados da pesquisa e proceder a uma ampla divulgação dos resultados, incluindo nessa divulgação os alunos. Durante essas oficinas grupos focais podem ser realizados para discutir e aprofundar a relação entre o curso e a realidade do

trabalho de cada um, em outras palavras, dar continuidade ao estudo no sentido da avaliação da formação em ST e sua relação com a prática dos egressos.

Ressalto o valor do componente participativo nas avaliações do curso indo além da análise de programas e currículos – aproximando a concepção pedagógica da prática dos sujeitos, reafirmando a importância das avaliações de egressos como instrumentos para o acompanhamento de estratégias formativas.

Por fim avalio que os desafios são muitos, mas a educação a distância é uma realidade presente, o que coloca a necessidade de um debate cada vez mais aprofundado sobre o papel dessa modalidade na formação de profissionais – em especial no Brasil, um país de dimensões continentais e realidades bastante heterogêneas – e dos instrumentos de avaliação a serem incorporados no processo de construção de cursos na modalidade EAD. Logo a importância de que este estudo tenha continuidade em trabalhos futuros.

## BIBLIOGRAFIA

1. Cesteh. Curso Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana. Gestão da Atenção à Saúde do Trabalhador. Rio de Janeiro. EAD/ENSP, 2007. 117 p.
2. BRASIL, MS. Diretrizes operacionais dos Pactos pela Vida, em defesa do SUS e de Gestão. Série Pactos pela Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, v.I; 2006
3. Brasil. Lei nº 8.080 de 19 de setembro de 1990.
4. Cesteh. Curso Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana. Incorporando a Saúde do Trabalhador na construção das políticas públicas nacionais. Rio de Janeiro. EAD/ENSP, 2006. 48p.
5. Brandão CR. Repensando a pesquisa qualitativa. 2ª ed., São Paulo: Brasiliense; 1985.
6. Freire P. Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra. 1999.
7. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Editora Hucitec/Rio de Janeiro: ABRASCO; 1994.
8. D'Acri V. O significado do trabalho, o estudo das condições de trabalho e saúde dos trabalhadores de uma indústria têxtil de amianto no Rio de Janeiro [tese de doutorado] Universidade Federal do Rio de Janeiro, Engenharia de Produção, Rio de Janeiro: 2002.
9. Streck DR. Pesquisa é Pronunciar o mundo - Notas sobre método e metodologia. In: Pesquisa Participante: a partilha do saber (Org) por Carlos Rodrigues Brandão, Danilo R. Streck . Aparecida, SP: Idéias Et Letras. 2006. 295p
10. Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições70; 2009. 281p

11. Gomes R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Organizado por Maria Cecília de Souza Minayo. 26<sup>a</sup> ed. Petrópolis, RJ. Vozes. 2007.
12. Brasil. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília-DF, 1988.
13. Neto FJLS da, Prado AA, Fontanive da, Silva PT da. O Educador de Profissões. In: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da Área de Enfermagem. Fundação Oswaldo Cruz. 2 ed., Rio de Janeiro; 2003. 67p.
14. Campos GW, Barros RB, Castro AM. Avaliação da política nacional de promoção da saúde. Revista Ciência & Saúde Coletiva, 9(3): 745-749, 2004.
15. Oliveira EG. Educação a Distância na Transição Paradigmática. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2<sup>a</sup> edição. 2006. 143p.
16. Cesteh. Curso Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana. Caderno de orientações gerais. Rio de Janeiro. EAD/ENSP, 2006. 48 p.
17. Cesteh. Curso de Especialização em Saúde do Trabalhador e Ecologia humana. Projeto de acompanhamento e avaliação. Cesteh, Rio de Janeiro, novembro de 2008.
18. Barros DMV. Educação a distância e o universo do trabalho. Bauru- SP: EDUCSC, 2003. 191p.
19. Litwin E. Educação a Distância: Temas para o debate de uma nova agenda educativa. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
20. Preti AO. Formação do professor na modalidade a distância: (DEZ) construindo metanarrativas e metáforas. In: Educação a Distância: sobre discursos e práticas/ Oreste Preti. (organizador), Maria Lucia Cavalli Neder [...] et al, Brasília: Líber Livro Editora, 2005. 171p

21. Frigotto G. Educação e a Crise do capitalismo Real. 5 ed. Editora Cortez. São Paulo, 2003.
22. Martins BO. Prefacio. In: Educação a Distancia: sobre discursos e práticas/ Oreste Preti. (organizador), Maria Lucia Cavalli Neder [...] ET AL, Brasília: Líber Livro Editora, 2005. 171p
23. Brasil. Ministério da Educação. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 199. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Artigo 80 disponível em [www.portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/PNCP0697.pdf](http://www.portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/PNCP0697.pdf).
24. Rosini AM. As novas tecnologias da Informação e a educação a distancia. São Paulo: Thomson Leaning. 2007. 131p
25. Belloni ML. Educação a distancia e inovações tecnológicas. In: Trabalho Educação e Saúde. V 3 nº1, Rio de Janeiro FUNDAÇÃO OSWALDO Cruz. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. 2005. 187- 212 p.
26. Xavier C. Educação a Distância: caminho entre dois 'efes'. In: Revista RADIS, nº 6, Fiocruz, Rio de Janeiro, Jan/fev. 2003.
27. Freire P. Política e Educação. São Paulo. Cortez Editora, 1997
28. Noronha AB, Xavier C A. pedagogia em EAD. In: Revista RADIS nº 6, FIOCURZ, Rio de Janeiro. Jan/fev. 2003.
29. Torres MNFB. Educação a distancia e inovações tecnológicas. In: Trabalho Educação e Saúde. V 3 nº 1, Rio de Janeiro FUNDAÇÃO OSWALDO Cruz. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. 2005. 171-186p.
30. Belloni I, Magalhães H de, Sousa LC de. Metodologia de avaliação em políticas públicas: uma experiência em educação profissional. 4ª ed. São Paulo, 2007. 96p.

31. Saul AM. Avaliação Emancipatória: Desafio à Teoria e à prática de avaliação e reformulação de currículo. São Paulo. Cortez. 1988
32. Demo P. Avaliação qualitativa. 4ª ed. Campinas, São Paulo:Autores Associados 1994. 110p.
33. Minayo MCS. Introdução. Conceito de avaliação por triangulação de métodos. In: avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais organizado por Maria Cecília de Souza Minayo, Simone Gonçalves de Assis, Edinilsa Ramos de Souza. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2005.
34. Jorge L. Inovação Curricular, além das mudanças dos conteúdos. 2 ed. Piracicaba/São Paulo. UNIMEP. 1994.
35. Luckesi CC. O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem. <http://www.artmed.com.br/patioonline/patio.htm?PHPSESSID=47c842e39090dec902020db09b210123>. Acesso em: out. 2004
36. Hoffmann JML. Avaliar para promover as setas do caminho Editora Mediação. 7ed. 2001. 141p.
37. Vasconcellos SC dos. Avaliação: concepção dialética libertadora do processo de avaliação escolar. São Paulo. 16a ed. São Paulo: Libertad, 2006
38. Saraiva T. A Educação a Distância: "Objeto" da Avaliação. Boletim Técnico do ENAC 21, n. 3, set./dez., 1995. 2-20p. [www.senac.br/informativo/bts/213/2103032045.pdf](http://www.senac.br/informativo/bts/213/2103032045.pdf) acessado 2009
39. Cerny RZ, Ern E. Uma reflexão sobre a avaliação formativa na educação a distância. In: Reunião Anual da Anped, 24. Caxambu, Out. 2001. Disponível em [www.abed.org.br/congresso2007/tc/55200790110PM.pdf](http://www.abed.org.br/congresso2007/tc/55200790110PM.pdf).
40. Bruno AR & Moraes MC. O enfoque de complexidade e dos aspectos afetivo-emocionais na avaliação da aprendizagem em ambientes online. In:

Marcos Silva/ Edméa Santos (orgs). Avaliação da aprendizagem em educação online. Edições Loyola. São Paulo. 2006. 537p.

41. Carvalho AI & Dupret LM. Educação a distancia como estratégia de implementação de política pública: experiência da EAD-ENSP/FIOCRUZ. XI Congreso Internacional del CLAD sobre la Reforma del Estado y de la Administración Pública, Ciudad de Guatemala: Nov. 7 – 10, 2006.

42. Santos CG dos. O Controle social na RENAST: Um estudo experiência do Conselho Gestor do Centro de Referência em Saúde do Trabalhador do Pólo Duque de Caxias. Rio de Janeiro [monografia de especialização]. 2007. 98p

43. Freire P. Pedagogia da Esperança. São Paulo: editora Paz e Terra. 1992.

44. Brasil. Ministério da Saúde. Portaria GM/MS nº 1.996 de 20 de agosto de 2007- Dispõe sobre as diretrizes para a implementação da política nacional de educação permanente em saúde e dá outras providências. Brasília-DF, 2007.

45. Frigotto G. Educação e a crise do capitalismo real. 2ª ed. São Paulo: Cortez. 1996.

46. Frigotto G. Educação e crise do trabalho: Perspectivas de final de século. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes. 1998, p.124 -138.

47. Arroyo M. Trabalho-educação e teoria pedagógica. In: Frigotto G. Educação e Crise do Trabalho: Perspectivas de Final de Século. Petrópolis, RJ: Vozes. 1998.

48. Nosela, P. A. Escola brasileira no final do século. In: Frigotto, G. Educação e Crise do Trabalho: Perspectivas de Final de Século. Petrópolis, RJ: Vozes. 1995.

49. Freire P. Extensão ou Comunicação? Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1977.

50. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. Indicadores de Qualidade para Cursos de Graduação a Distância. Brasília. Disponível em <http://www.mec.gov.br/seed/indicadores.shtm>.

51. Carvalho FE de, Cesse EAP, Albuquerque MIN, Albuquerque LC, Dubeux LS. Avaliação da Vigilância Epidemiológica em âmbito municipal. Rev. Brasileira de saúde Materno-Infantil 2005; 5 (1): 554-562

52. Faria CP de. A política de avaliação de políticas Públicas. Revista Brasileira de Ciências Sociais 2005; 59 (20): 97-109.

53. Dias Sobrinho J. Avaliação. Políticas Educacionais e Reformas da Educação Superior. 1. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2003. V. 1. 198 p.

54. Penna Firme T. Os Avanços da Avaliação no Século XXI [s.d]. Disponível em [www.cenpec.org.br/modules/editor/.../c8a0633f-4d01-eae6.pdf](http://www.cenpec.org.br/modules/editor/.../c8a0633f-4d01-eae6.pdf). Acessado em 2009

55. Oddone I, Gastone M, Gloria S, Briante G, Chittela MA. Ambiente de trabalho: a luta dos trabalhadores pela saúde. São Paulo: Hucitec.1986.

56. Ayres MFD. Análise institucional do curso técnico de pesquisa em biologia parasitária do Instituto Oswaldo Cruz visando ao desenvolvimento de indicadores de avaliação. [dissertação de mestrado]. IOC/FIOCRUZ. Rio de Janeiro. 2007. 104p

57. Minayo MCS. Avaliação da Pós-Graduação na área de saúde Coletiva Sob a perspectiva dos atores, da Cultura, das Tendências e das várias formas de expressão acadêmica. Rio de Janeiro, Fiocruz, 2008. 1-33p.

58. Almeida TL de, Pinto SS & Piccoli HC. Auto-avaliação na fundação Universidade Federal do Rio Grande: metodologia de avaliação. Avaliação (Campinas) [online]. 2007, vol.12, n.3, pp. 515-530. ISSN

59. Adames LAB (In memoriam), Andrade SMO, Barbieri AR, Tamaki EM. Avaliação da prática profissional de egressos de cursos de especialização em Saúde Coletiva: a experiência de Mato Grosso do Sul. *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v 28, n. 68, p. 265-272, set/dez. 2004
60. Maciel ELN, Figueiredo PF, Galavote HS, Prado T N, Lima RCD. Avaliação dos egressos do curso de especialização em Saúde da Família no Espírito Santo Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva (Online)*, v. online, p. 04-09, 2008.
61. Lousada ACZ, Martins GA de. Egressos como fonte de informação à gestão dos cursos de ciências contábeis. *R. Cont. Fin – USP*, São Paulo, n. 37, p. 73 - 84, Jan./Abr. 2005.
62. Pena MDC. Acompanhamento de egressos: análise conceitual e sua aplicação no âmbito educacional brasileiro. *Educação Tecnológica*, Belo Horizonte, v.5, n. 2, p. 25-30, jul/dez. 2000. Belo. [p//www.redelet.etfgo.br/português/sieg.html](http://www.redelet.etfgo.br/português/sieg.html).
63. Machado AS de. Acompanhamento de Egressos: Caso CEFET-PR- Unidade Curitiba. [dissertação de mestrado]. Florianópolis, 2001
64. Mendes R, Dias EC. Da Medicina do Trabalho à Saúde do Trabalhador. *Revista Saúde Pública São Paulo*, 25:341-349.1991
65. Minayo-Gomes C, Thedim-Costa SMF. A construção do campo da Saúde do Trabalhador: percurso e dilemas. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 13 (2): 21-32, 1997.
66. Vasconcellos LCF de. Saúde e trabalho e desenvolvimento sustentável: apontamentos para uma política de Estado [tese de doutorado]. Rio de Janeiro, Escola Nacional de Saúde Pública, Fiocruz; 2007.
67. Lacaz FAC. Saúde do Trabalhador: vinte anos de história e trajetória. In: Brasil, Ministério da Saúde, Ministério do Trabalho e Emprego, Ministério da

Previdência e Assistência Social. 3ª Conferência Nacional de Saúde do Trabalhador (Coletânea Textos). Brasília-DF junho de 2005.

68. Lacaz FAC. Saúde do Trabalhador: cenários e desafios. In: Cadernos de Saúde Pública. Rio de Janeiro, nº13, 1997.

69. Brasil. Ministério da Saúde. Relatório Final da 1ª Conferência Nacional de Saúde do Trabalhador. Brasília:-DF, 1986.

70. BRASIL, Ministério da Saúde. Relatório Final da 2ª Conferência Nacional de Saúde do Trabalhador. Brasília DF. CNS/MS. 1994.

71. Gomez CM, Lacaz FAC. Saúde do trabalhador: novas e velhas questões. Rev. Ciência e Saúde Coletiva, Dez. 2005: 10 (4) p.797-807.

72. Dias EC, Hoefel MG. O desafio de implementar as ações de saúde do trabalhador no SUS: a estratégia da RENAST. Rev. CS COL 2005: 10(4): p.817-827.

73. Brasil. Ministério da Saúde. Portaria GM/MS nº 1.679, de 19 de setembro de 2002 - Dispõe sobre a estruturação da Rede Nacional de Atenção Integral à saúde do Trabalhador no SUS. Disponível no site [www.saude.gov.br](http://www.saude.gov.br)

74. Brasil. Ministério da Saúde. Documento Base da 3ª Conferência Nacional de Saúde do Trabalhador In: 3ª Conferência Nacional (coletânea de textos). Brasília- DF. CNS/MS/TEM/MPAS. Junho de 2005.

75. Brasil. Ministério da Saúde. Portaria GM/MS nº 2437 dezembro de 2005 - Dispõe sobre a ampliação da RENAST. Disponível no site [www.saude.gov.br](http://www.saude.gov.br)

76. Antunes R. Trabalho e precarização numa ordem neoliberal. In: Gentili P, Frigotto G, organizadores. A cidadania negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho. 2ª ed. São Paulo: Editora Cortez/Buenos Aires: CLACSO; 2001. p.5-48.

77. Marx K. Manuscritos econômico-filosóficos. São Paulo: Editora Abril Cultural; 1974a. (Coleção Os Pensadores). p. 7-54.

78. Marx K. Processo de trabalho e processo de valorização. In: Antunes R, organizador. A dialética do trabalho. São Paulo: Editora Expressão Popular; 2004. p.35-70.

79. Gramsci A. Cadernos do cárcere. Vol. 2. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira; 2006b.

80. Roque GOB, Campos GHD de, Brito G. Avaliação e Acompanhamento pedagógico em curso de Especialização lato sensu a distância. Anais do XXVII Congresso da SBPC. Rio de Janeiro. 2007. 406-412p. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/acoes-estrategicas-ead.pdf>.

81. Alonso KM. Avaliação e a avaliação na modalidade a distancia: algumas notas para reflexão. In: Educação a Distancia: sobre discursos e práticas/ Oreste Preti. (organizador), Maria Lucia Cavalli Neder [...] et al Brasília: Líber Livro Editora, 2005. 171p

82. Gómez MV, Freire L. Prefácio. Tejendo conocimientos a partir de experiências en red In: Lecciones de Paulo Freire cruzando fronteras: experiencias que se completan. (Compiladores) Gadotti M, Gomez MV, Freire L. 1ª ed - Buenos Aires: Colección Campus Virtual de Clacso, 2003.

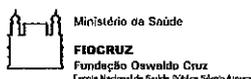
83. Enguita MF. Trabalho, Escola e Ideologia: Marx e a crítica de Educação. Porto Alegre: Artes Médicas. 1993.

84. Gramsci A. Concepção Dialética da História. Ed. Civilização Brasileira. 1986

## ANEXOS

# ANEXO 1

## QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DO CURSO



Secretaria de  
Atenção à Saúde

Ministério  
da Saúde



CURSO

## SAÚDE DO TRABALHADOR E ECOLOGIA HUMANA

### Instrumento de avaliação do CEST-ad pelo(a) Aluno(a)

Prezad(a) alun@,

Estamos finalizando o CEST- ad fruto de grande esforço coletivo para viabilizar um projeto audacioso e pioneiro de re-qualificação profissional, em apoio à implementação da estratégia da RENAST em nosso país.

Nesse período foi fundamental contar não apenas com o esforço de cada um, mas com a paciência e boa vontade para superar um sem número de obstáculos, inerentes a projetos dessa natureza.

Buscando aperfeiçoar o Curso, para as turmas atuais e futuras, a equipe de coordenação do Curso se propôs a fazer um balanço do processo e para isto sua participação é essencial. Preparamos um instrumento que busca identificar os aspectos positivos e as principais dificuldades enfrentadas no processo de implantação.

Não é necessário se identificar, apenas precisamos conhecer apenas o local onde se desenvolve o Curso, pois eles têm especificidades a serem consideradas.

Suas críticas e sugestões são sempre muito bem vindas!

Agradecemos pela colaboração

<b>Identificação da turma</b>
<b>Estado/Município</b>
<b>Tutor</b>
<b>Orientador pedagógico</b>

## Organização do Curso

### Aspectos administrativos

<b>1</b>	Processo de seleção e matrícula	<p>1.1 - Como você foi informado sobre o Curso?</p>
		<p>1.2 Quais eram suas expectativas em relação ao Curso ao se candidatar? Elas foram atendidas?</p>
		<p>1.3 Você já trabalhava no campo da Saúde do Trabalhador antes do Curso? Onde? Que ações desenvolvia?</p>
		<p>1.4 - Pactuação com as chefias nos Serviços: O gestor liberou as 08h00min h? Ele ofereceu outro tipo de apoio? Qual?</p>
		Outros Comentários

### **2** Qualidade do material didático do curso

<p>Como você avalia o Material didático? Indique nas escalas abaixo como você avalia cada um dos itens</p>					
Qualidade dos textos	( ) Péssimo	( ) Ruim	( ) Razoável	( ) Bom	( ) Ótimo
Compreensão das atividades	( ) Péssimo	( ) Ruim	( ) Razoável	( ) Bom	( ) Ótimo
Número de atividades	( ) Péssimo	( ) Ruim	( ) Razoável	( ) Bom	( ) Ótimo
Dificuldade das atividades	( ) Péssimo	( ) Ruim	( ) Razoável	( ) Bom	( ) Ótimo

	Conteúdo teórico e prático	( ) Péssimo	( ) Ruim	( ) Razoável	( ) Bom	( ) Ótimo
Observações e comentários						

3	Atuação do Tutor no curso?					
	Disponibilidade	( ) Péssimo	( ) Ruim	( ) Razoável	( ) Bom	( ) Ótimo
	Interesse	( ) Péssimo	( ) Ruim	( ) Razoável	( ) Bom	( ) Ótimo
	Domínio do processo de ensino aprendizagem	( ) Péssimo	( ) Ruim	( ) Razoável	( ) Bom	( ) Ótimo
Observações e comentários						

4	<b>UA I - Módulo presencial – Políticas de Saúde, de Saúde do Trabalhador e de Saúde Ambiental</b>					
	Indique nas escalas abaixo como você avalia cada um dos itens					
	Adequação das instalações	( ) Péssimo	( ) Ruim	( ) Razoável	( ) Bom	( ) Ótimo
	Orientações para a preparação das atividades presenciais	( ) Péssimo	( ) Ruim	( ) Razoável	( ) Bom	( ) Ótimo
	Conteúdo do material didático	( ) Péssimo	( ) Ruim	( ) Razoável	( ) Bom	( ) Ótimo
	Apresentação do material didático	( ) Péssimo	( ) Ruim	( ) Razoável	( ) Bom	( ) Ótimo

	Acolhimento e convivência	( ) Péssimo	( ) Ruim	( ) Razoável	( ) Bom	( ) Ótimo
	Presença e atuação do Tutor	( ) Péssimo	( ) Ruim	( ) Razoável	( ) Bom	( ) Ótimo
	Presença e atuação do orientador	( ) Péssimo	( ) Ruim	( ) Razoável	( ) Bom	( ) Ótimo
	Presença e atuação da equipe do EAD	( ) Péssimo	( ) Ruim	( ) Razoável	( ) Bom	( ) Ótimo
	Presença e atuação da Coordenação	( ) Péssimo	( ) Ruim	( ) Razoável	( ) Bom	( ) Ótimo
	Conteúdo teórico e prático do módulo	( ) Péssimo	( ) Ruim	( ) Razoável	( ) Bom	( ) Ótimo
	Como você avalia a eficiência do curso quanto ao objetivo "apresentar e discutir aspectos históricos e conceituais do campo da Saúde do Trabalhador"	( ) Péssimo	( ) Ruim	( ) Razoável	( ) Bom	( ) Ótimo
	Como você avalia a eficiência do curso quanto ao objetivo "apresentar e discutir as Políticas de Saúde e de Saúde do Trabalhador, de Saúde Ambiental e a Política Nacional de Segurança e Saúde do Trabalhador (PNSST) – interministerial –, enfatizando a importância das articulações intra e intersetoriais"	( ) Péssimo	( ) Ruim	( ) Razoável	( ) Bom	( ) Ótimo

<p>Como você avalia a eficiência do curso quanto ao objetivo "discutir as relações entre trabalho-saúde e ambiente em uma perspectiva regional e local, a partir da caracterização de aspectos geográficos e históricos, dos modelos de desenvolvimento, o perfil demográfico, as condições de saúde da população, incluindo a saúde dos trabalhadores e outras dimensões das relações trabalho-saúde e ambiente relacionadas às políticas regionais, os recursos de saúde e a organização do SUS na região"</p>	<p>( ) Péssimo</p>	<p>( ) Ruim</p>	<p>( ) Razoável</p>	<p>( ) Bom</p>	<p>( ) Ótimo</p>
<p>Como você avalia a eficiência do curso sobre o treinamento para uso do VIASK</p>	<p>( ) Péssimo</p>	<p>( ) Ruim</p>	<p>( ) Razoável</p>	<p>( ) Bom</p>	<p>( ) Ótimo</p>
<p>Observações:</p>					
<p><b>5 UA I – Módulo 3 - O SUS e a Saúde do Trabalhador (a distância)</b></p>					
<p>Como você avalia a eficiência do curso quanto ao objetivo " ampliar os conhecimentos sobre a instituição e organização do SUS no Brasil e as particularidades do processo na região"</p>	<p>( ) Péssimo</p>	<p>( ) Ruim</p>	<p>( ) Razoável</p>	<p>( ) Bom</p>	<p>( ) Ótimo</p>
<p>Como você avalia a eficiência do curso quanto ao objetivo "ampliar o conhecimento sobre a construção do campo da Saúde do Trabalhador, suas relações com o campo da Saúde e Ambiente e as bases para a implementação da RENAST"</p>	<p>( ) Péssimo</p>	<p>( ) Ruim</p>	<p>( ) Razoável</p>	<p>( ) Bom</p>	<p>( ) Ótimo</p>

	Observações e comentários:
--	----------------------------

**6 UA II – Indique nas escalas abaixo como você avalia cada um dos itens**

Como você avalia a eficiência do curso quanto ao objetivo "Conhecer alguns determinantes e as implicações das relações trabalho-saúde – ambiente"	( ) Péssimo	( ) Ruim	( ) Razoável	( ) Bom	( ) Ótimo
Como você avalia a eficiência do curso quanto ao objetivo "Apresentar o conceito de trabalho enquanto elemento central para o entendimento dos conteúdos apresentados e discutidos ao longo do Curso, facilitando a compreensão do campo de atuação do profissional da Saúde do Trabalhador, seus desafios e alguns caminhos para superação"	( ) Péssimo	( ) Ruim	( ) Razoável	( ) Bom	( ) Ótimo
Como você avalia a eficiência do curso quanto ao objetivo "Conhecer o sistema jurídico de modo a utilizá-lo, adequadamente, para a garantia da saúde dos trabalhadores, no cenário contemporâneo das relações trabalho-saúde e ambiente"	( ) Péssimo	( ) Ruim	( ) Razoável	( ) Bom	( ) Ótimo
Como você avalia a eficiência do curso quanto ao objetivo "Discutir a relação entre saúde, trabalho e ambiente no processo de desenvolvimento"	( ) Péssimo	( ) Ruim	( ) Razoável	( ) Bom	( ) Ótimo

<p>Como você avalia a eficiência do curso quanto ao objetivo "Contribuir para que os profissionais de saúde do trabalhador estabeleçam conexões com as questões sócio-ambientais, entendendo-as num contexto histórico mais amplo que vem conformando os territórios onde atuam. Neste sentido, promover a saúde das populações significa reorientar o modelo de desenvolvimento para que este seja mais saudável, ambientalmente sustentável e socialmente justo"</p>	<p style="text-align: center;">( )            ( )            ( )            ( )            ( )</p> <p style="text-align: center;">Péssimo       Ruim           Razoável      Bom           Ótimo</p>
<p>Como você avalia a eficiência do curso quanto ao uso do VIASK</p>	<p style="text-align: center;">( )            ( )            ( )            ( )            ( )</p> <p style="text-align: center;">Péssimo       Ruim           Razoável      Bom           Ótimo</p>
<p>Observações:</p>	
<p><b>7 UA III - Indique nas escalas abaixo como você avalia cada um dos itens</b></p>	
<p>Como você avalia a eficiência do curso quanto ao objetivo "Facilitar o acesso a ferramentas e informações, disponíveis em bibliotecas, instituições de pesquisa, universidades, órgãos de governo ou locais onde se desenvolvem ensino e pesquisa no Brasil e no mundo, com ênfase nas questões de saúde relacionadas ao trabalho"</p>	<p style="text-align: center;">( )            ( )            ( )            ( )            ( )</p> <p style="text-align: center;">Péssimo       Ruim           Razoável      Bom           Ótimo</p>

<p>Como você avalia a eficiência do curso quanto ao objetivo "Conhecer as ferramentas que possibilitem acessar e navegar por bancos de dados, conhecer e utilizar softwares de análise estatística, tais como Tabwin e Epi Info"</p>		( ) Péssimo	( ) Ruim	( ) Razoável	( ) Bom	( ) Ótimo
<p>Como você avalia a eficiência do curso quanto ao objetivo Como você avalia a eficiência do curso quanto ao objetivo "Auxiliar o aluno a compreender melhor o processo de construção do conhecimento: os referenciais teóricos e da metodologia que serão úteis tanto para desenvolver sua capacidade de análise crítica dos textos que lê, quanto para a produção de seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC"</p>		( ) Péssimo	( ) Ruim	( ) Razoável	( ) Bom	( ) Ótimo
<p>Como você avalia a eficiência do curso quanto ao uso do VIASK</p>		( ) Péssimo	( ) Ruim	( ) Razoável	( ) Bom	( ) Ótimo
<p>Observações:</p>						
<p><b>8 Sobre o TCC – Indique nas escalas abaixo como você avalia cada um dos itens</b></p>						
<p>Material didático</p>		( ) Péssimo	( ) Ruim	( ) Razoável	( ) Bom	( ) Ótimo
<p>Presença e atuação do Tutor</p>		( ) Péssimo	( ) Ruim	( ) Razoável	( ) Bom	( ) Ótimo
<p>Presença e atuação do orientador</p>		( ) Péssimo	( ) Ruim	( ) Razoável	( ) Bom	( ) Ótimo
<p>Presença e atuação da equipe do EAD</p>		( ) Péssimo	( ) Ruim	( ) Razoável	( ) Bom	( ) Ótimo

	Presença e atuação da Coordenação	( ) Péssimo	( ) Ruim	( ) Razoável	( ) Bom	( ) Ótimo
	Qualidade das informações sobre a tarefas e os processo junto ao CEP-Fiocruz	( ) Péssimo	( ) Ruim	( ) Razoável	( ) Bom	( ) Ótimo
	Atendimento das suas solicitações de ajuda	( ) Péssimo	( ) Ruim	( ) Razoável	( ) Bom	( ) Ótimo
	Seu envolvimento e dedicação ao TCC:	( ) Péssimo	( ) Ruim	( ) Razoável	( ) Bom	( ) Ótimo
	Comentários e sugestões					
<b>9</b>	<b>UA IV – Indique nas escalas abaixo como você avalia cada um dos itens</b>					
	Como você avalia a eficiência do curso quanto ao objetivo Como você avalia a eficiência do curso quanto ao objetivo "Quanto ao objetivo "Conhecer o conceito de atenção integral à saúde, baseado na indissociabilidade das ações assistenciais, de promoção e preventivas para desenvolver as ações de saúde do SUS "	( ) Péssimo	( ) Ruim	( ) Razoável	( ) Bom	( ) Ótimo
	Como você avalia a eficiência do curso quanto ao objetivo "Conhecer as competências para a atenção integral aos agravos e problemas de saúde relacionados ao trabalho, envolvendo a assistência e a vigilância em saúde"	( ) Péssimo	( ) Ruim	( ) Razoável	( ) Bom	( ) Ótimo

<p>Como você avalia a eficiência do curso quanto ao objetivo "Conhecer as ferramentas que podem ser utilizadas na investigação da relação saúde-trabalho, baseadas nas áreas de conhecimento da epidemiologia, toxicologia, clínica, ergonomia e avaliação de risco"</p>		<p>( ) Péssimo</p>	<p>( ) Ruim</p>	<p>( ) Razoável</p>	<p>( ) Bom</p>	<p>( ) Ótimo</p>
<p>Como você avalia a eficiência do curso quanto ao uso do VIASK</p>		<p>( ) Péssimo</p>	<p>( ) Ruim</p>	<p>( ) Razoável</p>	<p>( ) Bom</p>	<p>( ) Ótimo</p>
<p>Observações:</p>						

**10 UAV - Indique nas escalas abaixo como você avalia cada um dos itens**

<p>Como você avalia a eficiência do curso quanto ao objetivo "aprofundar conhecimentos sobre a organização e o funcionamento do SUS, nos níveis, federal, estadual e municipal"</p>		<p>( ) Péssimo</p>	<p>( ) Ruim</p>	<p>( ) Razoável</p>	<p>( ) Bom</p>	<p>( ) Ótimo</p>
<p>Como você avalia a eficiência do curso quanto ao objetivo "desenvolver habilidades básicas de gestão das ações de Saúde do Trabalhador no Sistema Único de Saúde - SUS para a implementação da estratégia da RENAST"</p>		<p>( ) Péssimo</p>	<p>( ) Ruim</p>	<p>( ) Razoável</p>	<p>( ) Bom</p>	<p>( ) Ótimo</p>
<p>Como você avalia a eficiência do curso quanto ao uso do VIASK</p>		<p>( ) Péssimo</p>	<p>( ) Ruim</p>	<p>( ) Razoável</p>	<p>( ) Bom</p>	<p>( ) Ótimo</p>

	Observações:					
11	<b>UA VI - Indique nas escalas abaixo como você avalia cada um dos itens</b>					
	Como você avalia a eficiência do curso quanto ao objetivo "agregar conhecimento de forma a contribuir com o planejamento, a execução e a avaliação de projetos e ações no campo da educação, comunicação e controle social em Saúde do Trabalhador"	( ) Péssimo	( ) Ruim	( ) Razoável	( ) Bom	( ) Ótimo
	Como você avalia a eficiência do curso quanto ao objetivo "dar ênfase à valorização do trabalho em equipe para o exercício da interdisciplinaridade quanto a aproximação com a experiência dos trabalhadores se efetivem na sua prática"	( ) Péssimo	( ) Ruim	( ) Razoável	( ) Bom	( ) Ótimo
	Como você avalia a eficiência do curso quanto ao uso do VIASK	( ) Péssimo	( ) Ruim	( ) Razoável	( ) Bom	( ) Ótimo
	Observações:					

## ANEXO 2

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido 1

#### Aplicação de Questionário

Você está sendo convidado para participar da pesquisa "***Acompanhamento e avaliação do Curso de Especialização a Distância em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana***". Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar desta pesquisa, sem qualquer prejuízo.

Este estudo tem como principal objetivo acompanhar a implementação do Curso de Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana, na modalidade a distância, para avaliação do desempenho dos alunos e tutores no processo, com vistas ao seu aperfeiçoamento e adequação do material didático-pedagógico. A principal justificativa desse estudo é importância estratégica do Curso para a implementação da RENAST e o seu caráter inovador, entre outras razões, que impõem o acompanhamento de seu desenvolvimento. Considerando a amplitude do programa de formação, e este processo interessa à COSAT, ao CESTEHE e ao EAD da ENSP/Fiocruz, por propiciar a oportunidade de ajustes, naturais em qualquer processo de implementação de políticas públicas.

Sua participação nesta etapa da pesquisa consistirá em responder às perguntas contidas em um questionário auto-respondível, o qual leva em torno de 25 minutos para ser preenchido.

O benefício relacionado com a sua participação nessa etapa é contribuir para o aprimoramento do processo de formação profissional em saúde do trabalhador, a partir da adequação de conteúdos, estratégias e atividades do Curso de Especialização a Distância em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana. Não haverá nenhuma compensação financeira / pagamento pelo fornecimento destas amostras e informações.

Os riscos relacionados à sua participação na pesquisa referem-se à sua identificação como informante. Para evitar esta situação, as informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Você será identificado, apenas, pela sua idade, sexo e profissão. O seu depoimento será usado para que melhor possamos entender a realidade do seu trabalho e do(s) curso(s) ao(s) qual(is) está envolvido. Os dados do questionário por você respondido serão reproduzidos apenas em publicações científicas, respeitando-se o sigilo do seu nome. Todo o material impresso ficará sob a guarda do pesquisador principal. Os questionários serão destruídos após quatro (4) anos do término do projeto.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação:

Frederico Peres  
Pesquisa da Ensp

Pesquisador  
1480 – sala 314  
CESTEH / ENSP / Fiocruz  
Janeiro / RJ  
R. Leopoldo Bulhões 1480 – sala 29  
Manguinhos, Rio de Janeiro / RJ  
Tel. (21) 2598-2825 / 8635-5233

Comitê de Ética em

R. Leopoldo Bulhões

Manguinhos, Rio de

Tel. (21) 2598-2863

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

---

Sujeito da pesquisa